



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS

IVANAÍLA DE JESUS SOUSA

TERESINA – PI
2018

IVANAÍLA DE JESUS SOUSA

GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço e Educação Geográfica.

Linha de Pesquisa: Estudos Regionais e Geoambientais.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Andréa Lourdes Monteiro Scabello.

Teresina
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jomalista Carlos Castello Branco
Divisão de Processos Técnicos

S725i Sousa, Ivanaíla de Jesus
Geografia e a fenomenologia dos espaços cemiteriais . /
Ivanaíla de Jesus Sousa. – Teresina : 2018.
150 f. il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências Humanas e Letras, Mestrado em
Geografia, 2018.

“Orientação: Prof. Dr^a. “ Andréa Lourdes Monteiro
Scabello ”

1. Geografia Urbana . 2. Espaços Cemiteriais. 3.
Fenomenologia. I. Título.

CDD 910.091 732

Nome: SOUSA, Ivanaíla de Jesus.

Título: GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovado em: 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Andréa Lourdes Monteiro Scabello
(Presidente)

Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade
(Examinador interno)

Prof. Dr. Thiago Nicolau de Araújo
(Examinador externo)

Dedicatória
À vida.

AGRADECIMENTOS

Sempre começo minhas orações por meio da gratidão, até gostaria de – se não fosse por questões formais que os trabalhos científicos exigem - trocar o título desta seção por GRATIDÃO! Não essa palavra da moda que muitos pronunciam sem saber o real significado que ela possui, mas a gratidão no seu sentido amplo. Ser grato em todas as circunstâncias, nas boas e principalmente nas ruins, pois são nas situações ruins da vida que aprendemos as verdadeiras lições. Agradecer é a parte principal de uma oração e acredito que deva ser também a principal de qualquer trabalho, pois é por meio dela que recordamos toda a trajetória de um percurso, os momentos de alegria, os obstáculos superados e aqueles que fizeram parte do processo de construção, além disso, deixamos o papel de vítima e superamos qualquer dificuldade, nos tornamos pessoas melhores e seres evoluídos. Assim segue meus agradecimentos...

A Deus, de onde tirei forças pra seguir adiante.

A minha família pelo apoio, especialmente, Iva de Jesus Vieira pelo amor de mãe.

As minhas irmãs Amanda de Jesus Vieira e Sara Lia de Jesus Vieira, pelo apoio, carinho e compreensão.

Ao meu padrasto Antônio Vieira de Sales, pelo apoio.

À professora Dra. Andréa Lourdes Monteiro Scabello, a quem sou profundamente grata e que me orientou tanto na pesquisa quanto nas angústias pessoais e hoje a considero como inspiração profissional. Grata pelas experiências compartilhadas.

Ao professor Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade, por aceitar meu convite para compor a banca e por ser uma pessoa especial, aquelas raras que quando nos vê, sempre nos pergunta se estamos bem. Grata também pela experiência riquíssima em sala de aula com a disciplina de Epistemologia da Geografia.

Ao professor Dr. Thiago Nicolau de Araújo, pelo convite aceito de compor a banca examinadora e por ser alguém que, apesar da distância, compartilhou comigo o seu rico conhecimento sobre os estudos cemiteriais. Sinto-me honrada.

Aos demais professores que compõem o curso de Pós-Graduação em Geografia da UFPI.

Aos colegas de turma da pós, especialmente, o professor Werton Francisco Rios da Costa Sobrinho, quem vivenciou comigo a batalha de terminar esta etapa e pelo seu apoio, e também aos professores Marcos Aurélio Gomes da Silva e Gerson Dias de Sousa pelo apoio, compreensão e empatia. Sem a presença dos três seria tudo mais difícil.

Aos funcionários da Pós Graduação em Geografia – UFPI, que realizam um bom trabalho e estão sempre solícitos.

Ao professor e amigo Francisco Gomes Ribeiro Filho, quem me orientou durante a graduação e permaneceu comigo neste percurso apoiando e me fazendo refletir sobre a vida, “o ser professor” e a ciência Geográfica.

Ao colega de curso José Maria Marques, que elaborou o mapa e os croquis desta pesquisa.

Ao José Walter Higino Júnior e ao Francisco Luanderson Rodrigues Lima, amigos que estiveram presentes na minha caminhada pela praia de Barra Grande até o cemitério local. Sem eles, com aquele sol escaldante de outubro, não chegaria nem na metade do caminho. Um dia muito divertido.

À Dinamara cuja vida trouxe sua amizade de volta e no momento certo, quem me deu forças e mostrou o caminho espiritual.

Às memórias de minha “vó Dina” (*in memoriam*) e meu pai José Francisco de Sousa (*in memoriam*), cujo amor nunca permitiu que eu ficasse um dia se quer sem recordá-los.

Aos meus animais de estimação, “Máxi” e “Brad”, que me trouxeram a paz nos dias mais difíceis.

Aos obstáculos e perdas ao longo do caminho, especialmente uma que me fez enxergar que muitas vezes adotamos sonhos que não são nossos, mas de outras pessoas com quem criamos afeto, e quando a vida trata de nos afastar dessas pessoas ficamos perdidos e sem direção, pois nunca desejamos verdadeiramente aquilo que nos foi projetado. Grata pela maior lição que tive nesta etapa.

À Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI).

Por fim, a todos aqueles que participaram direta e indiretamente dessa jornada. Foram muitos. Grata!

"A função social da ciência é conduzir a felicidade"
(Paul Karl Feyerabend)

RESUMO

Este trabalho tem por intencionalidade verificar como os cemitérios estão inseridos na geografia urbana de Teresina (PI) partir da síntese fenomenológica desses espaços e das suas correlações com as descrições encontradas em “As cidades invisíveis” de Calvino (2003). Esta discussão torna-se pertinente, no século XXI, uma vez que, por ser um espaço essencial, reflete aspectos definidores da geografia urbana, (o que possibilita uma leitura peculiar da cidade por meio deles). As necrópoles são consideradas para a cultura ocidental, até o momento, um ambiente sagrado que abriga a memória de um grupo de pessoas. Um lugar de encontro entre a vida e a morte. A pesquisa teve por objetivo principal refletir a respeito da contribuição da fenomenologia como meio de investigação relacionada à geografia urbana visando à compreensão de sua dinâmica a partir da especificidade de três necrópoles. Para a discussão desta problemática foi utilizado como referencial teórico: Santos (2008) e (1981), Corrêa (1995), Tuan (2011) e (2005), Serpa (2008), Holzer (1998) Bauman (2009), Façanha (1998), Almeida (2011) dentre outros que são a base de sustentação geográfica deste estudo; Araújo (2015), Eliade (1992), Kluber-Ross (1998) Morin (1988), Morais (1998), que refletem acerca da morte e dos espaços sagrados, além de Thompson (2015), Smith (1966), e Santos (2015) que abordam a temática dos cemitérios e das cidades no século XXI. A pesquisa foi subdividida em etapas distintas: a pesquisa de campo cujas informações foram registradas por meio da escrita, gravações de áudios e fotografias, com vista a realizar a percepção intuitiva, análise e descrição do cotidiano nesses espaços - Cemitério São Judas Tadeu, Cemitério Santa Cruz e Cemitério Parque Jardim da Ressurreição - a partir da investigação dos fenômenos particulares. Num segundo momento, foi realizado trabalho de interpretação dos dados coletados no qual investigamos a essência geral e as particulares que fazem parte desses espaços, bem como a apreensão das relações existentes entre elas. Para análise dos dados coletados - uma vez tratando-se de uma pesquisa descritiva-fenomenológica cujo objeto se encontra dentro de uma perspectiva interdisciplinar utilizou-se como embasamento teórico-metodológico os estudos propostos por Moreira (2002) e Spiegelberg (1971). Os resultados obtidos nesta pesquisa foram influenciados pelos eventos encontrados durante as experiências vividas no trabalho de campo. Após a descrição e apreensão dos cemitérios a análise revelou as essências comuns que são necessárias para dar sentido aos espaços cemiteriais, bem como os componentes que interferem na essência original destes espaços. Ao mesmo tempo, esses mesmos eventos demonstraram a importância que os espaços cemiteriais possuem para o planejamento urbano e como eles podem ser entendidos como paisagens que permitem o encontro físico entre vida e morte; e manifestações culturais que possibilitam a extensão da vida.

Palavras-chave: Espaços Cemiteriais. Geografia Urbana. Fenomenologia. Teresina-PI.

ABSTRACT

This research has as an intentionality to verify how the cemeteries are inserted in the urban geography of Teresina (PI) from the phenomenological synthesis of these spaces and their correlations with the descriptions found in Calvino's "The Invisible Cities" (2003). This discussion becomes pertinent in the twenty-first century since, as an essential space, it reflects defining aspects of urban geography, (which allows a peculiar reading of the city through them). The necropolis are considered for western culture, until the moment, a sacred space that contains the memory of a group of people. A meeting place between life and death. The main objective of this research was to reflect on the contribution of phenomenology as a research mechanism related to urban geography, aiming to understand its dynamics from the specificity of three necropolis. For the discussion of this problematic was used as theoretical reference: Santos (2008) and (1981), Corrêa (1995), Tuan (2011) and (2005), Serpa (2008), Holzer (1998) Bauman (1998), Almeida (2011), among others, which are the geographic basis of this study; Araujo (2015), Morin (1998), Morais (1998), which reflect on death and sacred spaces, as well as Thompson (2015), Smith (1966), and Santos (2015) that address the theme of cemeteries and cities in the 21st century. Eliede (1992), Morin (1997), Morais (1998), who reflect on death and sacred spaces, besides Thompson (2015), Zunkin (2000) and Silva (1998) who deal with the theme cemeteries and cities in the 21st century. The research was subdivided into distinct stages: the field research whose information was recorded through writing, audio recordings and photographs, with a view to realizing the intuitive perception, analysis and description of the daily life in these spaces - São Judas Tadeu Cemetery, Santa Cruz Cemetery and Cemetery Jardim da Ressurreição Park - from the investigation of particular phenomena. In a second moment, we performed the work of interpreting the collected data in which we investigated the general essence and the particular essences that are part of these spaces, as well as the apprehension of the relations existing between these essences. In order to analyze the data collected, the studies proposed by Moreira (2002) and Spiegelberg (1971) were used as a theoretical and methodological basis for a descriptive-phenomenological research whose object is within an interdisciplinary perspective. The results obtained in this research were influenced by the events found during the experiences in the field work. After the description and apprehension of the cemeteries the analysis revealed the common essences that are necessary to give meaning to the cemeterial spaces, as well as the components that interfere in the original essence of these spaces. At the same time, these same events demonstrated the importance that cemetery spaces have for urban planning and how they can be understood as landscapes that allow the physical encounter between life and death; and cultural manifestations that allow the extension of life.

Keywords:. Cemetery. Urban Geography. Phenomenology. Teresina-PI.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Mapa de localização dos espaços estudados e sua morfologia urbana
- Figura 2:** Croqui do entorno do cemitério Santa Cruz
- Figura 3:** Rua José da Silva Torres
- Figura 4:** Muro caído encontrado no cemitério Santa Cruz
- Figura 5:** Mosaico do espaço que dá acesso ao cemitério Santa Cruz
- Figura 6:** 1) Entrada do cemitério, 2) Direcionamento das sepulturas
- Figura 7:** Manifestação cultural religiosa
- Figura 8:** 1) espaçamento de uma sepultura para outra. 2) Horizonte do cemitério
- Figura 9:** Parte interior da capela do cemitério Santa cruz
- Figura 10:** Cruzeiro do cemitério Santa Cruz
- Figura 11:** Bancos de troncos de árvores encontrados no cemitério Santa Cruz
- Figura 12:** Sepultamento típico do cemitério Santa Cruz
- Figura 13:** Croqui do entorno do cemitério São Judas Tadeu
- Figura 14:** 1) Portão de entrada do cemitério São Judas Tadeu 2) Muros Baixos. 3) Avenida João XXIII
- Figura 15:** Portão de Entrada do São Judas Tadeu
- Figura 16:** 1) Parte externa da capela principal 2) Interior da capela
- Figura 17:** Alameda principal do São Judas Tadeu.
- Figura 18:** 1) Disposição das sepulturas 2) Sepultura com epitáfio: “Deste túmulo Ressuscitarão”
- Figura 19:** Sepulturas tradicionais encontradas no São Judas Tadeu
- Figura 20:** Sepultura com uma arquitetura moderna
- Figura 21:** Sepultura com oferenda em forma de golfinho e cata-vento
- Figura 22:** Sepultura de Camila Abreu
- Figura 23:** A territorialidade em sepulturas no São Judas Tadeu
- Figura 24:** Bancos e praça do cemitério São Judas Tadeu
- Figura 25:** Croqui do entorno do cemitério Parque Jardim da Ressurreição
- Figura 26:** Entrada do cemitério Parque Jardim da Ressurreição
- Figura 27:** Ruas do cemitério Parque Jardim da Ressurreição
- Figura 28:** 1) Tuias Holandesas encontradas na entrada do cemitério Parque Jardim da Ressurreição 2) Placa de orientação do espaço cemiterial
- Figura 29:** Instalação com salas para velório, banheiros e lanchonete

Figura 30: Lápides padronizadas

Figura 31: Placa de advertência para a padronização das sepulturas

Figura 32: Presença da simbologia cristã

Figura 33: Cruzeiro do cemitério Parque Jardim da Ressurreição

Figura 34: Capela do cemitério Parque Jardim da Ressurreição

Figura 35: Sepulturas do cemitério Parque Jardim da Ressurreição

Figura 36: Crematório do Parque Jardim da Ressurreição

Figura 37: Espaço de lazer infantil do Parque Jardim da Ressurreição

Figura 38: 1) Gramado onde se encontram as sepulturas do Parque Jardim da Ressurreição

2) Bancos encontrados no cemitério Jardim da Ressurreição. 3) Visitante com guarda-sol

Figura 39: Reaching for the sky: Ernest and Anneke Robinson built a beautiful tombstone in memory of their disabled son Matthew

Figura 40: Urna funerária com o esqueleto de uma criança encontrada na Serra da Capivara

Quadro 1: Passos de execução da pesquisa

Quadro 2: Morfologia urbana dos cemitérios estudados

Quadro 3: Dados visuais, audiovisuais, verbais e textuais

Quadro 4: Definições das essências particulares

Quadro 5: Essências particulares e os componentes dos fenômenos estudados

LISTA DE ABREVIATURAS

- ABEC** – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais
- GHUM** - Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultura
- SIG** - Sistema de Informações Geográficas
- PUCRS** – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul
- UESPI** – Universidade Estadual do Piauí
- UFA** – Universidade Federal da Amazônia
- UFF** – Universidade Federal Fluminense
- UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina
- UFPI** – Universidade Federal do Piauí
- UNESP** – Universidade Estadual Paulista
- CONAMA** - Conselho Nacional do Meio Ambiente
- SEMPPLAN** – Secretária Municipal de Planejamento e Coordenação
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- MHA** - Museu do Homem Americano

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	15
2.	METODOLOGIA PARA O ESTUDO DOS ESPAÇOS DA MORTE NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA.....	24
2.1	As principais pesquisas referentes aos estudos cemiteriais no Brasil.....	24
2.2	A pesquisa cemiterial na ciência geográfica.....	28
2.3	A fenomenologia como aporte teórico-metodológico.....	30
3.	AS CIDADES DE MÁRMORES: as experiências dos espaços cemiteriais.....	52
3.1	Santa Cruz: o cemitério e o medo.....	55
3.3	São Judas Tadeu: o cemitério e a memória.....	66
3.4	Jardim da Ressureição: o cemitério contínuo.....	78
4.	OS CEMITÉRIOS NA GEOGRÁFIA URBANA: do imanente ao transcendente.....	91
4.1	“A morte desenha um espaço”.....	92
4.2	Essências particulares: o imanente.....	98
4.3	Essência universal: o transcendente.....	124
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
6	REFERÊNCIAS.....	144

1. INTRODUÇÃO

As considerações apresentadas nesta dissertação são frutos de um longo processo que se desenvolve desde a minha infância, alcançando hoje esta etapa da minha vida, relacionada a essa pós-graduação. Embora tenha como objetivo principal **refletir a respeito da contribuição da fenomenologia como mecanismo de investigação relacionada à geografia urbana visando à compreensão de sua dinâmica a partir da especificidade das necrópoles na cidade de Teresina-PI**, busquei e busco, no decorrer da minha trajetória de vida, compreender o fenômeno “morte” e sua relação para com a sociedade, ressaltando, em especial, aquilo que remete às preocupações para com a organização do espaço. De modo que se tratam, não somente, de indagações pessoais acerca da finitude humana, mas de indagações que contribuem para os estudos que concernem à relação entre sociedade e os espaços cemiteriais presentes no contexto urbano.

Quanto às indagações pessoais acerca da finitude humana, elas surgiram desde a infância, com “os lutos” precoces do meu pai e de minha avó, que contribuíram para uma reflexão acerca da morte; tendo também sido motivadas pelas leituras de Machado de Assis, Dante Alighieri, respectivamente, com suas obras, ‘Memórias Póstumas de Brás Cubas’ e ‘A Divina comédia’. A primeira obra aborda a temática de forma descontraída e irônica e a segunda apresenta uma visão acerca do mundo pós-vida. Além disso, passei boa parte da minha infância e adolescência vivendo algumas experiências em situações de proximidade em relação ao cemitério Dom Bosco, localizado no bairro Vermelha; o que me permitiu observar este espaço de maneira peculiar, com mais familiaridade. Ressalto ainda “as perdas ou frustrações diárias” que, atualmente, considero-as como “luto”, encontrando amparo, sob esse aspecto, em Combinato e Queiroz (2006, p. 04), quando apontam que:

Algumas experiências vivenciadas ao longo do desenvolvimento humano apresentam analogia com a ideia de morte: separação, desemprego, doença e, até mesmo, acontecimentos que trazem alegria, mas que provocam algum tipo de ruptura.

Observa-se que esta foi a atmosfera na qual me vi envolta durante toda a trajetória de vida e que me acompanha até os dias atuais. As inquietações acerca da morte, do morrer e dos espaços da morte, a princípio, parecem meras curiosidades juvenis. Nesta apresentação introdutória, entretanto, ressalto que se tratam, sobretudo, da certeza que se tem da morte e de como esse fenômeno interfere no comportamento humano, refletindo-se, também, na forma como organizamos o espaço geográfico. Busco discutir “a morte”, não como um fim em si

mesma, mas para falar da vida e dos cemitérios como ambientes de reflexão e como espaços que refletem a cidade e sua respectiva sociedade.

Quanto às indagações que concernem à relação entre sociedade e os espaços cemiteriais no contexto urbano, elas se originaram desde a graduação em geografia (entre os períodos de 2009.2 a 2013.1), realizada na Universidade Estadual do Piauí, (UESPI) no campus Clóvis Moura. Ao ingressar no curso, cuja escolha deveu-se, especialmente, à minha relação afetiva pela disciplina, surpreendi-me com a natureza vasta do campo geográfico. A geografia era bem mais complexa e encantadora do que eu imaginava. No amplo campo de pesquisa da geografia, conheci aquela disciplina com a qual tive maior afinidade e curiosidade a respeito dos seus processos: a Geografia Urbana. E foi por meio do professor Francisco Gomes Ribeiro Filho que tive acesso às leituras de Milton Santos, um geógrafo fundamental para minha formação profissional.

Com Milton Santos, passei a refletir sobre o meio urbano e os objetos que fazem parte da cidade e dão sentido a sua dinamicidade. As leituras iniciais relacionadas a este autor despertaram em mim um interesse pelos estudos da geografia urbana nos países subdesenvolvidos, especialmente com vistas àquilo que se refere ao entendimento da dinâmica do espaço urbano que fazia e faz parte de meu cotidiano. Consciente dos objetos urbanos e de suas funcionalidades no meio citadino - conceitos teórico-metodológicos desenvolvidos por Santos (1981) - refleti sobre qual objeto investigaria e dedicaria o tempo de pesquisa. Logo, não foi difícil de encontrá-lo, uma vez que este se fazia presente no meu campo de visão espacial desde a infância: o cemitério.

Ao contrário da maioria das pessoas, o cemitério, especificamente, aquele denominado de Dom Bosco, que ficava próximo à minha casa, paradoxalmente aos sentimentos de muitas pessoas, trazia-me boas recordações, pois, durante a infância, eu fazia companhia à minha avó naquelas circunstâncias de idas ao cemitério em questão, nos meses de outubro a novembro. Enquanto ela zelava pelo túmulo da família, eu perambulava pelas alamedas, observando as imagens, as homenagens, os epitáfios e os túmulos apenas identificados por números. Estes eram os que mais me intrigavam. O cemitério, portanto, fazia parte do meu lugar de vivência, sempre aguçando os meus sentidos. O cheiro das velas, o tocar do sino, o sussurro das orações e preces distantes, as lamentações.

Atrevo-me aqui a realizar um breve comentário a respeito da relação entre o pesquisador e a pesquisa, de modo que por meio dessa primeira apresentação é possível perceber, com clareza, como o pesquisador pode se encontrar dentro da sua própria

investigação. Seria, talvez, um erro científico, conduzir a pesquisa de acordo com objetivos que, por vezes, soam subjetivos? A respeito disto, Minayo ressalta:

[...] que nas Ciências Sociais existe uma identidade entre sujeito e objeto. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tomando-os solidariamente imbricados e comprometidos. (2001, p. 14).

A pesquisa científica é um devir, um processo de constantes mudanças, do fazer, do desfazer e do refazer, do criar, do recriar e do transformar. Em meio a esse processo há as reflexões subjetivas de um pesquisador, que se fazem presentes no tempo e no espaço pesquisado, quando ele observa e descreve suas impressões, porém, tendo a maturidade de quem investiga sob os princípios que o vinculam aos referenciais teóricos e às perspectivas metodológicas da pesquisa científica, respeitando o ato de lida com o objeto investigado a partir da lógica daquilo que identifica a particularidade da ciência no conjunto das demais formas de manifestação do conhecimento humano.

Desse modo, não foi difícil encontrar um objeto de pesquisa – que tivesse relação com minha vivência espacial e com a Geografia - para a construção monografia, no curso de graduação, e que posteriormente me acompanharia durante a pós-graduação. Estava disposta a investigar sobre os cemitérios, a morte, a vida e a geografia urbana. Tudo parecia fascinante, até ter certeza de que era um tema instigante, complexo e acima de tudo desafiador. Contudo, deparei-me com a resistência de alguns professores, que, de pronto, afirmavam não haver relação entre o tema em questão e o caráter epistemológico específico da ciência geográfica.

Situações como a relatada acima, dentre outras, fizeram-me perceber que este espaço na cidade necessitava ser investigado, já que outras pessoas não o faziam, talvez pelo tabu que a morte veio adquirindo ao longo dos anos. Assim, tive a felicidade de ser orientada pelo professor Gomes, no decorrer dos dois últimos anos da graduação, que abraçou a problemática e me auxiliou a encontrar a melhor maneira de torná-la tema geográfico. De modo a desenvolver a monografia intitulada “Geografia e Espacialização da Morte”. Este trabalho representaria os primeiros passos para a compreensão da relação entre a morte e o espaço geográfico teresinense.

Com a pesquisa desenvolvida ainda na monografia pude perceber os cemitérios como um campo interdisciplinar, daí a dificuldade teórico-metodológica que este estudo exige. Por conta dessa particularidade, para a significação e o valor científico das análises desta pesquisa, fez-se *mister* o uso de diferentes teorias, não somente geográficas, mas

também culturais, antropológicas, ambientais etc., considerando a perspectiva a ser adotada nas diferentes etapas desta investigação.

Como falar de cemitérios, na perspectiva da fenomenologia do espaço urbano, sem falar da cultura, já que se trata de um espaço simbólico? E como falar de cemitério sem mencionar o fenômeno produtor deste, que é a morte? Como falar da “morte”, e “do morrer”, sem usar teorias sociais e antropológicas? Portanto, embora se escolha apenas um campo de estudo, o cemitério, representado aqui pela sua inegável identidade espacial, no conjunto das demais formas que compõem a organização do espaço urbano, a sua investigação, sob objetivação geográfica, não pode, jamais, prescindir das ações metodológicas que viabilizam a interdisciplinaridade entre a geografia e algumas outras ciências humanas ou sociais, como, por exemplo, já encontramos no “estado da arte” que já se inscreve, epistemologicamente, no campo da geografia humanista.

Foi através desta pesquisa realizada durante a graduação que ampliei os conhecimentos acerca da Geografia Urbana e da espacialização dos cemitérios. Os resultados preliminares e os questionamentos decorrentes deles me levaram a submeter um projeto de pesquisa ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com vistas a continuar o processo de investigação referente a este tema e, desse modo, contribuir para os estudos acerca dos “cemitérios no espaço urbano”. Ressalte-se que este trabalho é inédito, no que diz respeito ao campo da pesquisa geográfica local, tornando-se assim relevante, uma vez que pode contribuir para estender as investigações sobre as necrópoles existentes no espaço teresinense, ampliando, nesse sentido os esforços da ciência geográfica relacionada aos modos como se busca organizar o espaço urbano.

Inicialmente, a pesquisa foi submetida com o mesmo título da graduação: “Geografia e Espacialização da Morte” e trazia consigo a continuação do estudo, porém ampliada para todos os cemitérios da capital, já que na graduação a investigação havia sido delimitada para alcançar apenas dois entre todos eles. Analisando os processos socioeconômicos e as bases teóricas concernentes à produção do espaço urbano, apresentei como segundo tema o projeto que recebia o título “A mercantilização da morte” que tinha como objetivo geral analisar o processo de produção do espaço urbano sob o prisma das necrópoles em Teresina-PI, caracterizando seus aspectos socioespaciais, econômicos e culturais. Entretanto, tal projeto encontrava-se ainda tímido e teoricamente insuficiente.

Para a qualificação de mestrado apresentei um terceiro projeto, intitulado “As cidades divididas do século XXI e os espaços cemitériais: uma reflexão sobre a geografia

urbana contemporânea”, no qual o objetivo geral era “analisar o processo de urbanização, na contemporaneidade, sob o prisma das necrópoles, em Teresina-PI, considerando, especialmente, a teoria dos “circuitos da economia urbana” de Santos (2008), e sem deixar de conceber as representações simbólicas, as relações sociais, bem como os fatores ambientais.

Embora na qualificação tenha apresentado um projeto mais embasado, teoricamente e metodologicamente, fui orientada pela banca examinadora a desenvolver um caminho menos ambicioso, haja vista o tempo que teria para executá-lo. Além disso, ainda que apresentasse um estudo necessário, do ponto de vista geográfico relacionado à teoria dos circuitos da economia urbana, necessitaria de um enfoque inicial a respeito dos estudos cemiteriais e urbanos. Portanto, caso adotasse este terceiro projeto, saltaria uma etapa primordial, que dizia respeito à geografia dos espaços cemiteriais na cidade.

Assim, por se tratar de um trabalho inédito na pesquisa geográfica local e pouco abordado na pesquisa geográfica nacional, tive que retomar o projeto inicial, que foi desenvolver uma descrição dos cemitérios no contexto urbano da cidade, visando, posteriormente, apreender as essências existentes nesses espaços e as relações fundamentais entre elas, a partir da fenomenologia do espaço cemiterial, observando mais especificamente o significado e/ou sentidos dos cemitérios. O método fenomenológico foi utilizado nesta pesquisa, uma vez que entendemos que era necessário desenvolver um trabalho *a priori* concernente aos espaços cemiteriais na geografia urbana e conseqüentemente no planejamento da cidade.

Neste contexto, percebi que foram vários os caminhos que nortearam a pesquisa, ora sofrendo influências internas, ora externas. O trabalho como um todo implicou em algumas dificuldades, também, por se tratar de um tema sem abordagens locais. Ainda que discorresse sobre algo que me proporcionava interesse, encontrei-me, frequentemente, numa posição de isolamento, pois não tive, no PPGGEO, muitos interlocutores com quem pudesse compartilhar minhas inquietações e as dificuldades. O meu diálogo, mais efetivo, se consubstanciou num outro território bem distante de Teresina, ao entrar em contato com as pesquisas no Rio Grande do Sul. Por diversas vezes via-me num deserto. A maior companhia que tive durante todo este processo fora a solidão, que fazia-me repensar diariamente a respeito da investigação.

Contudo, ainda que exista um isolamento que este tema proporciona no campo da pesquisa geográfica local, decidi não o abandonar e seguir adiante. O fato de não existir outros pesquisadores locais dedicados aos espaços cemiteriais faz com que eu me sinta, mais ainda, na incumbência de analisar, à luz dos fundamentos geográficos, esses espaços, ricos em

memória cultural e repletos de geografia em suas essências. Um ambiente simbólico e transcendente (...) ponto de encontro entre a vida e a morte, mas que com a modernidade vem perdendo identidade e transformando-se em locais “assépticos” e “neutros”, devido à representação social, que vem sendo construída no modelo da vida ocidental moderna, a respeito da morte, de tal modo que parecem existir tentativas de se esconder e de se eufemizar esse fenômeno e tudo aquilo que a ele se relaciona.

Com isso, buscamos realizar uma descrição dos cemitérios de Teresina, por meio da percepção intuitiva e análise do fenômeno, uma vez que torna-se essencial encontrar ou reencontrar as essências que fazem parte dos cemitérios locais e analisar como essa investigação fenomenológica pode contribuir, por exemplo, para futuras tomadas de decisões no que diz respeito à reorganização desses espaços. Ressalta-se que este trabalho representa, na escala local, o primeiro passo fundamental para o entendimento da relação entre espaços cemiteriais e a geografia urbana. Embora se reconheça atualmente a influência do capital sobre esses espaços e sobre a mercantilização da morte, não podemos falar daquilo que se transformou sem antes apresentar e analisar esses espaços na sua natureza primeira.

A partir dessas considerações, foi definida, como delimitação desta pesquisa 3 (três) necrópoles - **Cemitério São Judas Tadeu, Cemitério Santa Cruz e Cemitério Parque Jardim da Ressurreição** - , a fim de proceder a uma descrição e a um detalhamento do objeto de pesquisa. Ressalto que, embora não tenhamos realizado a descrição do cemitério São José, ele foi aqui mencionado no decorrer do desenvolvimento deste estudo, haja vista sua importância cultural e histórica, assim como outros *locus* da morte presentes na geografia urbana de Teresina. As necrópoles foram, então, selecionadas segundo os critérios de espaço público/privado e o de pertencerem a diferentes morfologias urbanas.

Os caminhos metodológicos aqui adotados foram capazes de permitir a identificação dos aspectos comuns e dissonantes existente entre os cemitérios e suas relações socioespaciais, bem como o sentido desses para o espaço urbano, além das perspectivas de organização do espaço geográfico da cidade de Teresina, segundo a lógica daquilo que busca atingir, não somente o equilíbrio ambiental nessa cidade, como também a compreensão dos cemitérios como espaços essenciais para a cultura e planejamento urbano, conforme será possível constatar nas seções estruturantes deste relatório.

Observei que a descrição e apreensão dos cemitérios durante o andamento da pesquisa permitiram-me discutir melhor sobre os significados desses espaços e levantar os questionamentos que serviram de fio condutor deste estudo, a exemplo: **Qual a essência ou quais as essências dos espaços cemiteriais? E como a fenomenologia pode contribuir**

para o estudo do espaço urbano sob a óptica das necrópoles, bem como para futuras tomadas de decisões no planejamento da cidade? De certo algumas transformações ocorridas na modernidade transformaram e vem transformando esses espaços e sua espacialidade como, a tentativa de homogeneização dos ambientes, as mudanças nas técnicas de se desfazer do corpo, as medidas higienistas, os discursos ambientalistas e, especialmente aqueles componentes que tentam a todo custo descaracterizar este espaço e destruir suas essências, como por exemplo, a mercantilização da morte.

Para atingir o objetivo geral desta pesquisa, apoiamo-nos na operacionalização das seguintes ações, definidas como nossos objetivos específicos: **descrever os objetos de estudo por meio da intuição e análise do fenômeno; investigar as essências particulares e a essência geral encontradas nos cemitérios; apreender as relações fundamentais existentes entre as essências e; interpretar o sentido mais amplo do fenômeno por meio da intuição análise e descrição dos espaços cemiteriais.**

Para desenvolver o conjunto das análises adotei, predominantemente, a metodologia do tipo **descritiva-fenomenológica** que consiste em descrever os fenômenos a partir das **experiências** vividas no cotidiano e analisa-los tal como eles aparecem por meio da percepção do **ser-no-mundo**. Esta metodologia busca encontrar ou reencontrar a **essência** do fenômeno, que indica, conseqüentemente, os seus usos e significados. Ressalta-se ainda que, a abordagem fora do tipo qualitativa, entretanto houve a necessidade de alguns dados estatísticos, numéricos e também históricos. Tais dados serviram de subsídio, especialmente para a etapa final. De acordo com Goldemberg (2004, p. 64):

[...] a integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança de que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular [...] portanto, há uma interdependência entre aspectos quantificáveis e a vivência da realidade objetiva do cotidiano.

Para alcançar o que esta pesquisa se propôs, após a localização das necrópoles no conjunto da paisagem urbana de Teresina, foi realizada uma breve análise bibliográfica a respeito dos estudos cemiteriais desenvolvidos com foco histórico, até o momento, visando compreender aspectos relacionados às tipologias, à classificação geral dos cemitérios. Para isso, nos debruçamos sobre os trabalhos de Ariés (1977), Vovelle (1997), Reis (1999), Araújo (2015), Thompson (2015), e Silva (1998), que abordam a temática dos cemitérios e analisam o processo histórico de formação das necrópoles. Servimo-nos também de autores vinculados à geografia urbana e humanista; Santos (2008) e (1981) Souza (2008) Tuan (2011) e (2005), Corrêa (1995) Façanha (1998), Holzer (1998) dentre outros. Em Eliade (1992), Morin (1988),

Kluber-Ross (1998) Morais (1998), encontramos fundamentos teórico que refletem acerca da morte e dos espaços sagrados. A partir destas referências teóricas é que se tentou aqui compreender o processo de descrição e espacialidade das necrópoles na cidade e a influência delas na organização do espaço urbano. Entretanto, ressalto que a pesquisa teórica serviu, somente, de base para o entendimento do fenômeno. O conhecimento dessa dissertação foi construído a partir das vivências e experiências urbanas.

Além da pesquisa de caráter bibliográfico, realizada a partir do uso de livros, revistas, artigos, *sites* e de materiais outros disponíveis em arquivos públicos, buscamos explorar também o universo emblemático da morte e os espaços cemiteriais, realizando pesquisas de campo para observação e registros do cotidiano das necrópoles já elencadas.

Após a coleta dos dados, e com a metodologia que julguei adequada, parti para a consequente etapa de análise e interpretação de cada um deles, tomando como embasamento metodológico a análise fenomenológica proposta por Spiegelberg (1971), já que decidi refletir sobre os fenômenos estudados utilizando a fenomenologia dentro da perspectiva geográfica e adotando como conceito de análise o **espaço urbano**. Embora tais fundamentos possam ser empregados na pesquisa essencialmente qualitativas, ressaltamos que, os dados estatísticos e numéricos mencionados anteriormente foram vistos e refletidos também sob a luz da fenomenologia.

Nestas condições, este trabalho encontra-se estruturado em cinco seções conforme os principais objetivos elencados: a **SEÇÃO I** corresponde à introdução desta dissertação; Na **SEÇÃO II** busquei apresentar um panorama das principais pesquisas relativas aos estudos cemiteriais na ciência geográfica, especialmente, no Brasil. Para num segundo momento, tratar da fenomenologia como aporte teórico-metodológico desta pesquisa, com o método, a morfologia urbana dos fenômenos pesquisados, a justificativa dos motivos que me fizeram adotar a escala humana como procedimento metodológico e os procedimentos básicos para a coleta do material durante as pesquisas de campo; na **SEÇÃO III** inspirada na obra de Ítalo Calvino, foi realizada a descrição fenomenológica dos espaços estudados, com a intenção de levantar impressões e imagens dos fenômenos a partir da escala humana e da escala desenvolvida no consciente, bem como algumas análises sobre as percepções intuitivas desses cemitérios no contexto urbano do qual fazem parte; já na **SEÇÃO IV** abordei, inicialmente, como se deu o processo de idealização e formação das necrópoles no espaço geográfico para então analisar, por meio da imaginação livre e da percepção intuitiva, as essências em comuns encontradas em cada cemitério durante os estudos de campo, ou seja, intuí os elementos particulares aos espaços cemiteriais estudados com a finalidade de se chegar à essência

universal destes. Por fim, na **SEÇÃO V** que trata das considerações finais, apresentei uma síntese da fenomenologia dos espaços cemiteriais, ressaltando os modos como ela contribui para a análise da dinâmica urbana do espaço geográfico.

1. METODOLOGIA PARA O ESTUDO DOS ESPAÇOS DA MORTE NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Nesta seção será apresentado um panorama das principais pesquisas relativas aos estudos cemiteriais na ciência geográfica, especialmente, no Brasil. Para num segundo momento, tratar da fenomenologia como aporte teórico-metodológico desta pesquisa com o método, a morfologia urbana dos fenômenos pesquisados, a justificativa dos motivos que me fizeram adotar a escala humana como procedimento metodológico e os procedimentos básicos para a coleta do material durante as pesquisas de campo.

2.1 A pesquisa cemiterial na ciência geográfica

No que diz respeito às pesquisas cemiteriais no âmbito da ciência geográfica, pode-se dizer que poucos são os trabalhos que caminham nessa direção. A Geografia, na atualidade, de uma maneira geral, ainda se caracteriza, ainda, pelo conservadorismo. Realizando uma breve busca nos arquivos digitais e acadêmicos, no que diz respeito ao Brasil, percebe-se que as temáticas versam sobre o Ensino de Geografia seguidas daquelas que dizem respeito à Geografia Física.

A respeito da produção de uma ciência conservadora, Russel (2014) ao explicar sobre tal evento procura diferenciar o pesquisador daquele que demanda a pesquisa. Para ele o criador (pesquisador) e o apreciador são pessoas diferentes que demandam hábitos mentais bem diversos. O pesquisador como qualquer outro está apto a ser inspirado pelas paixões para as quais dá expressão intelectual parecidas com uma fé que sem ela conseguiria muito pouco.

Já o apreciador não precisaria desta fé, ele pode observar o pesquisador como uma pessoa rude e bárbara e realizar seus julgamentos comparando-os consigo. Dessa maneira, à medida que a ciência vai se desenvolvendo de acordo com essas características existe uma tendência dos leitores, apreciadores ou sujeitos conquistarem aqueles que podem ser pesquisadores, de modo que seu resultado é a continuação de uma ciência bizantina.

Russel (2014, p. 38) completa: “a ciência como atividade reconhecida e encorajada pelo Estado, tornou-se politicamente conservadora [...] atualmente, a fé fundamental da maioria dos homens da ciência reside na importância de preservar o *status-quo*.”

A ciência geográfica vista por esta perspectiva de Russel (2014) se incluiria em tal tendência bizantina ou ortodoxa que preservam determinados temas em detrimento de outros,

haja vista que pesquisas que versam sobre temas pouco abordados, como é o caso dos estudos cemiteriais e suas relações socioespaciais, são vistos com desconfiança, pois muitos se questionam se os objetos de pesquisa como o fenômeno da morte, por exemplo, seriam ou não geográficos.

Tal questionamento faz com que a pesquisa, seja ela de qual área for, se torne um obstáculo limitante de ideias e difusão científica. Uma vez que temas como esses são tão necessários quanto os demais já abordados excessivamente. Não cabe para o geógrafo, da atualidade, definir aquilo que é ou não objeto de estudo da Geografia, mas procurar objetos de estudos que possam ser visto à luz da ciência geográfica.

Este questionamento, muito comum no campo da ciência geográfica; “daquilo que é ou não da geografia” deriva exatamente dessa característica conservadora, pois é mais fácil dar crédito nas linhas de pesquisas que já existem com seus métodos e procedimentos definidos, muitas vezes, com discussões exaustivas e batidos, que apostar no desconhecido ou no novo uma vez que o caminho ainda precisa ser aberto para então ser trilhado.

Embora a ciência geográfica ainda mantenha características ortodoxas provenientes da modernidade como a maioria das ciências que se encontram não somente no país, mas no mundo, ressalta-se que há movimentos de resistência a essa Geografia dentro da pesquisa geográfica como é o caso do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural – GHUM idealizado por Werther Holzer (UFF) e Lívia de Oliveira (UNESP).

Retornando para as pesquisas cemiteriais no campo da Geografia, destacarei aqui, brevemente, duas dissertações encontradas durante esses limitados dois anos de pesquisa: a dissertação de Edna Teresinha da Rosa, intitulada, “A Relação das Áreas de Cemitérios com o Crescimento Urbano” defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2003; e a também dissertação de Maria Terezinha da Rosa Cupper, intitulada, “Educação e Cultura: leitura do cemitério de São João Batista – Manaus/AM” defendida na Universidade Federal do Amazonas (UFA), em 2009. Assim farei uma análise dessas dissertações, especialmente no que concerne a abordagem teórica-metodológica e a relação com a Geografia, porém reconhecendo que possa haver outras dissertações ou teses concluídas ou ainda em execução que não foram divulgadas digitalmente referente à área da ciência geográfica.

A dissertação de Rosa (2003) teve como objetivo geral da pesquisa contribuir para o estudo da relação entre o crescimento urbano e os cemitérios. Para isso buscou como aparato metodológico a teoria da localização de Flavio Villaça (2001) que segundo o autor, o crescimento urbano é influenciado por estruturas pré-existentes. Para Rosa (2003) a partir

dessa teoria é possível identificar uma relação dialética de repulsão e atração entre a urbanização e os cemitérios que ainda não havia sido estudada.

A relação entre a pesquisa cemiterial de Rosa e a Geografia se evidencia mais nas descrições e localizações das necrópoles do que na construção do texto, uma vez que utiliza uma teoria da abordagem econômica para explicar o modo de expansão do espaço urbano. Ressalta-se, ainda que ao utilizar os estudos de Villaça (2001) sobre a localização urbana se revelou uma intenção por parte da autora em contribuir para o planejamento urbano de Florianópolis, apontando para a necessidade de se inserir os cemitérios dentro do planejamento urbano da cidade, que até a referida data não seriam motivos de preocupação da administração municipal.

Apesar de não detalhar a metodologia de pesquisa podemos inferir através de sua problemática, objetivos e sumário que se trata de uma pesquisa de caráter hipotético-dedutivo partindo do geral para o particular. Observa-se que ao contrário da maioria das pesquisas cemiteriais, que são do tipo descritiva-exploratória-explicativa, a investigação de Rosa (2003) enfatiza bem mais a pesquisa teórica, sobretudo, documental em detrimento da pesquisa de campo, pois as descrições dos cemitérios que a autora se propôs analisar parecem ser relatadas por alguém que está distante dos objetos de estudo, fazendo uso, somente, de imagens de satélites.

Com isso questiono-me, será possível analisar um equipamento urbano e suas relações socioespaciais, somente, por meio de imagens de satélites e documentos? A visão distante do objeto de estudo pode enganar ou esconder aspectos essenciais que passam despercebidos e que poderiam revelar outras problemáticas existentes.

Outra dissertação que farei uso é a de Cupper (2009). A autora destacou como objetivo geral de sua pesquisa identificar o cemitério de São João Batista situado em Manaus, como paisagem e lugar que educa. Entretanto, ainda que seja uma pesquisa proveniente de uma pós-graduação em ensino, a autora afirma que seu trabalho está fundamentado na Geografia e se destina ao ensino de Geografia.

Segundo Cupper (2009, p. 16) “o cemitério adquire importância e visibilidade agregando em si mesmo caráter educativo e cultural, deixando de ser apenas classificado meramente como aparelho urbano,” ou seja, nesta pesquisa cemiterial, a investigação valoriza o significado simbólico desses espaços e a importância que este equipamento urbano possui para a educação ou reflexão sobre vida e morte.

No que diz respeito ao aporte teórico-metodológico a autora define de maneira bem objetiva que se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa com enfoque

fenomenológico sem se aprofundar ou justificar tal metodologia. No entanto ao deixar subentendido que os cemitérios são espaços interdisciplinares, entende-se que a metodologia escolhida seria, para a pesquisa específica, a melhor opção, haja vista sua perspectiva holística.

Ao contrário de Rosa (2003), Cupper (2009) realiza um estudo de campo mais detalhado e próximo daquilo que se propôs estudar. No que se refere a relação de sua pesquisa com a ciência geográfica essa se apresenta por meio da caracterização do cemitério São João Batista e suas significações ou representações simbólicas, além de realizar o estudo por meio das categorias de paisagem, lugar e cotidiano.

Trata-se, portanto, do ponto de vista científico, de uma pesquisa mais abrangente e enriquecedora, pois visualiza os espaços cemiteriais, não somente como meros aparatos urbanos, mas como paisagens educadoras. Entretanto, considerando que a pesquisa de Rosa (2003) é anterior a de Cupper (2009), a primeira autora tem uma importância substancial por ser, uma das pioneiras em introduzir os estudos cemiteriais na ciência geográfica. Ressalta-se que, anteriormente a Rosa, Rezende (2000) já havia introduzido os cemitérios na pesquisa geográfica com a obra “Metrópole da morte necrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa”. Estes foram os primeiros estudos a respeito desta temática relacionada com o espaço geográfico.

Observou-se por meio desses dois estudos, que os cemitérios foram abordados a partir de pontos de vistas diferentes. O de Rosa (2003) como espaço absoluto – segundo a conceituação de Santos (2008) e Harvey (2002) – embora utilize autores da geografia crítica. O cemitério para esta autora é mensurável e possui geometria ou visão euclidiana uma vez que lança mão da teoria da localização, uma teoria econômica, ou seja, as necrópoles são pontos fixos com delimitações dentro da cidade.

Já na visão de Cupper (2009) o cemitério se classifica dentro da conceituação de espaço relativo e/ou relacional, no qual adquire características mais amplas. O cemitério não é somente um espaço material. É um espaço material dotado de significações e/ou representações de modo que, possui visão não euclidiana, pois, valoriza o espaço-tempo na necrópole estudada. Evidencia-se o valor simbólico que o cemitério adquiriu ao longo do tempo e suas relações para com a cidade. Além disso, tem características de um espaço solidário, já que a autora afirma que os cemitérios são ambientes que podem educar devido seu atributo interdisciplinar.

Mas como analisar morte e cemitérios numa perspectiva geográfica? Como observa-se os cemitérios e o fenômeno que os criam (morte) podem ser vistos por

perspectivas geográficas distintas, dependendo da postura teórica adotada. Entretanto, destaca-se que por se tratar de espaços sagrados que provocam a reflexão por meio do encontro entre vida e morte, os cemitérios devem ser abordados para além da aparência meramente absoluta.

2.1. 1 As principais pesquisas referentes aos estudos cemiteriais no Brasil

Os estudos cemiteriais no Brasil, segundo Ismério (2017) teve como seu precursor o crítico e historiador da arte Clarival do Prado Valladares, cuja obra de 1972, intitulada “Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros” (publicada em dois volumes), trouxe um extenso e detalhado estudo sobre a arte e arquitetura funerária de várias cidades brasileiras, fruto de uma minuciosa pesquisa desenvolvida entre 1960 a 1970. Embora, esta obra apresente um catálogo de fotografias sobre arte tumular, tratou-se da primeira pesquisa brasileira acerca da temática morte e cemitérios, rompendo com o tabu existente, dando espaço para novas pesquisas. A obra de Valladares se tornou, a parti desse momento, uma importante referência para os futuros estudos funerários no Brasil.

A pesquisa a respeito dos espaços cemiteriais ganhou um maior impulso, somente nas três últimas décadas do século passado, quando o historiador Harry Rodrigues Bellomo, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) decidiu coordenar, em 1980, o primeiro grupo de pesquisa sobre temas voltados para os estudos cemiteriais. Os primeiros trabalhos foram publicados no livro “Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia” no qual traz um estudo da tipologia dos túmulos e sua relação com a história e a sociedade (BELLOMO, 2000). Desde então tornou-se outra importante menção nas pesquisas sobre artes funerárias no Brasil, cuja sua dissertação “A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900-1950)” passou a ser uma referência para aqueles que se dedicam às pesquisas cemiteriais.

Ressalta-se que embora Valladares (1972) seja considerado o pioneiro na pesquisa da arte funerária brasileira, outro historiador, João José Reis, de igual relevância para os estudos cemiteriais no Brasil merece um destaque especial por publicar uma das maiores obras acerca desta temática que foi “A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX” na qual retrata o episódio de 1836 cuja população soteropolitana, por não aceitar os enterros fora das igrejas, uma vez que considerava-se que somente dentro dela se teria a salvação eterna, destruiu o cemitério Campo Santo em Salvador. Tal acontecimento ficou conhecido como a “revolta da cemiterada”. Esta obra, além de relatar o episódio mencionado e a relação entre da sociedade da época para com a morte, recebeu em

1992 o prêmio Jabuti de melhor ensaio e o prêmio Prêmio *Haring*, da *American Historical Association*, em 1997.

Outro fato relevante para os estudos cemiteriais no Brasil foi a criação, em 2004, da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) que reuni pesquisadores de todo o país e de áreas distintas como historiadores, sociólogos, antropólogos, geógrafos, profissionais de turismo, fotógrafos e etc. que abordam a temática da morte e do morrer no Brasil. Além disso realiza encontros bianuais com intuito de promover este conhecimento e preservar o patrimônio cemiterial do país. Desde então, os estudos voltados para esta temática vem adquirindo seu espaço, enfrentando, especialmente, o preconceito e o tabu sobre a morte criados pela sociedade moderna.

Atualmente, os estudos cemiteriais que mais se destacam são aqueles relacionados áreas a arte tumular e aos ritos fúnebres. Por meio de uma breve análise do último anais do VIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), realizado em 2017, nota-se que os vinte três artigos publicados foram subdivididos em seis categorias; “Cemitérios e ritos funerários”, “Cemitérios, educação e colonização”, “Cemitérios, ritos e Patrimônio”, “Cemitérios, cidade e arte”, “Cemitérios e novos olhares” e “Cemitérios, documentos e memórias”.

Observou-se que a categoria “cemitérios, cidade e arte” foi a que continha um maior número de trabalhos publicados. Embora, ao utilizar o termo cidade para categorizar temas relacionados aos estudos em questão, essa por sua vez aparece como pesquisas voltadas para as áreas de arquitetura e urbanismo, bem como a relação entre os espaços cemiteriais e a expansão urbana dentro de um contexto histórico.

No que concerne ao perfil dos pesquisadores, esses se apresentam com titulações de mestres, doutorandos, doutores e uma que já se encontra no pós-doutoramento. A maioria é do sexo feminino e estão inseridas nas áreas de História, Antropologia com ênfase em Arqueologia e Arquitetura e Urbanismo.

Entretanto, faço aqui uma ressalva para refletirmos sobre essas supostas áreas de concentração. Acredito que embora as pesquisas se concentrem nesses campos de conhecimento, o que explica o interesse por objetos de estudos, até o momento, estranhos para a sociedade, como a morte e cemitérios, é a subjetividade do pesquisador que possui curiosidade e intimidade com a temática

No que diz respeito à ciência geográfica, observou-se apenas um trabalho incluso intitulado “Cemitério Municipal São Francisco de Assis – Florianópolis/SC: o uso de um sistema de informação geográfica (sig) no auxílio à gestão pública” de Sara Toso Mendes

(2017) que utiliza ferramentas de geoprocessamento como o Sistema de Informações Geográficas (SIG) para auxiliar a gestão pública no planejamento, manutenção, adequação e fiscalização das questões referentes ao cemitério citado

Embora, encontra-se somente um trabalho de natureza geográfica, importa reconhecer que alguns pesquisadores presentes neste anais, especialmente da área de Arquitetura e Urbanismo fazem uso de autores muito utilizados pelos geógrafos, a exemplo de Milton Santos, Zeny Rosendahl, Marcelo Lopes de Souza, Jean-Marc Besse e Yi-Fu Tuan.

Já os autores que mais aparecem nas referências desses estudos cemiteriais oriundos de outras áreas do conhecimento são: Ariés (1982, 2003) que fala sobre a história da morte no ocidente e do homem diante da morte; Borges (2002) que abordou a arte tumular e funerária no Brasil; Bellomo (1989) que realizou um estudo sobre arte funerária e a sociedade de Porto Alegre – RS; Reis (1991) que escreveu “A morte é uma festa”, uma das obras mais importantes para a pesquisa cemiterial, já mencionada anteriormente e Valladares (1972) pioneiro na pesquisa cemiterial do Brasil.

Durante a análise dos anais da ABEC percebeu-se que as regiões de maiores concentrações dos estudos concernentes a cemitérios são o eixo regional sul e sudeste, com destaque para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Pode-se inferir que esta concentração se deva a criação do primeiro grupo de pesquisa cemiterial oriundo do Rio Grande do Sul. Ressalta-se, ainda, que embora haja trabalhos realizados no norte e no nordeste os pesquisadores são provenientes, também, do eixo sul e sudeste.

Outro objetivo de análise dos Anais foi observar e analisar a metodologia e os aportes teóricos-metodológicos e procedimentais de uso comuns a pesquisa cemiterial. As pesquisas, de maneira geral, podem ser classificadas como descritiva-exploratória-explicativa (ou pesquisa empírica) de abordagem qualitativa, embora na maioria dos trabalhos não haja uma preocupação em descrever minuciosamente cada metodologia utilizada. Os autores parecem se desprender das amarras metodológicas que a ciência moderna exige, entretanto, salienta-se que grande parte dos pesquisadores possui uma tradição metodológica na qual a discussão epistemológica e hermenêutica se sobressai em detrimento da discussão propriamente metodológica. Os trabalhos científicos encontrados nos Anais, ainda que pareçam ter uma maior liberdade na produção científica, apresentam-se bem estruturados e embasados teoricamente com interpretações que clareiam as ideias e os objetivos da pesquisa.

2.2 Fenomenologia como aporte teórico-metodológico para a pesquisa

O espaço urbano, sendo compreendido na sua natureza viva e dinâmica reúne diversas dimensões de análises que auxiliam na sua apreensão. Dimensões ambientais, políticas, econômicas, sociais e culturais que ao se relacionarem formam o todo composto de recortes diversos e simultâneos. Geógrafos, economistas, arquitetos, urbanistas, ambientalistas dentre outros profissionais, estudam as cidades segundo seus graus de interesse e perspectiva teórico-metodológica. As análises acerca do espaço urbano, de acordo com as dimensões adotadas por cada pesquisador, demonstram um esforço por parte destes na tentativa de desmistificar o espaço e compreender a configuração espacial e suas contradições.

A configuração do espaço urbano na contemporaneidade se complexificou. Assim como um tecido vivo as cidades crescem aceleradamente para todos os lados, e na maioria delas, sem uma organização adequada, pois a rapidez com que se dão os processos espaciais supera as possibilidades de ações de planejamento. O espaço urbano, atualmente, tornou-se um produto em meio ao processo de produção capitalista e esta tem sido a abordagem teórico-metodológica que mais tem influenciado os trabalhos da área de geografia urbana. É, especialmente, pela dimensão econômica que geógrafos críticos tentam explicar o andamento da produção e reprodução do espaço urbano.

Entretanto, apesar da dimensão econômica explicar em grande parte a configuração espacial e as contradições existentes, especificamente nas cidades dos países subdesenvolvidos ou emergentes, analisar o processo de urbanização, somente por esta perspectiva, é reduzir o discurso ao paradigma do desenvolvimento econômico. Seria continuar numa tendência positivista em que se compreende o espaço pela sua dimensão absoluta e/ou permanecer numa linha marxista na qual as relações capitalistas se sobrepõe as ações humanas.

Para analisar o espaço na contemporaneidade se faz necessário, hoje, ampliar o campo de visão teórico-metodológico. O espaço urbano do século XXI é uma rede complexa de interrelações sociais, políticas, econômicas, naturais e culturais. É um local interdisciplinar, de contradições, de desigualdades, de representações simbólicas, de lutas, de reproduções hegemônicas e de resistências, muitas vezes, não podendo se limitar a somente um tipo de método. Como um só método poderia explicar toda essa complexidade? Ainda é trabalhoso, para alguns pesquisadores, encontrar um método para a compreensão e análise dos fenômenos urbanos. Muitos tentam estudar a cidade a partir da sociedade e suas relações com o espaço, meio ambiente e a economia, no entanto, ignoram a característica intersubjetiva que faz uso e dá ao espaço seu significado.

Métodos mais adotados como o positivista e o dialético, embora apresente o espaço urbano tanto na sua localização quanto nas suas contradições, respectivamente, ignoram outras características ou fenômenos importantes para o entendimento deste espaço multidimensional que se tornou as cidades contemporâneas. Atualmente, são vários os agentes produtores do espaço urbano não se restringido apenas ao espaço absoluto e/ou econômico. Os agentes produtores do espaço urbano vão desde o Estado à cultura de maneira geral. Além disso, esse espaço é um lugar de encontro e desencontro. O espaço urbano é o meio que possibilita o desenvolvimento das atividades, relações e manifestações subjetivas, sendo fundamental para o habitar do indivíduo, para as vivências humanas e para a reprodução de nossa sociedade (BOTELHO, 2007).

Com a intencionalidade de buscar aparato para o entendimento dessa complexidade, no campo das experiências subjetivas, me dirigi então, a um equipamento urbano que apresenta características e, até mesmo, problemas semelhantes aos das cidades, porém numa escala menor. Nos cemitérios é possível presenciar problemas relacionados à segregação, superlotação, “especulação imobiliária”, disputa de espaço e poder e etc. Eles podem ser considerados, numa certa perspectiva, maquetes do espaço do urbano no qual fazem parte.

Assim como o espaço urbano, os cemitérios, além de serem desafiadores, enquanto objeto de investigação, são emblemáticos, peculiares e instigadores. Eles são, por natureza, **interdisciplinares**, uma vez que podem conter diversas dimensões de análises: ambiental, econômica, cultural, antropológica, geográfica, dentre outras. Ressalta-se que, muitas vezes, as análises realizadas por esses diversos campos dedicam-se a transcrever aspectos legais e normativos quanto aos usos efetivos dos equipamentos urbanos deixando, em segundo plano, por exemplo, a necessidade de se investigar o caráter mais intersubjetivo e fenomenológico dos do espaço urbano (SERPA, 2007). Deste modo, para realizar uma síntese dos espaços cemiteriais, inclusos no espaço urbano, é necessário adotar uma metodologia mais abrangente.

A **fenomenologia** foi utilizada, portanto, da tentativa de ampliar a esfera do conhecimento relacionado aos espaços cemiteriais, e, conseqüentemente, ao espaço urbano. A relação que a Geografia – por ser uma ciência de síntese – assim como a fenomenologia – teoria metodológica do campo das ciências holísticas - estabelecem com outras áreas de conhecimento, como a História, Sociologia, Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, entre outras, possibilitou atingir interpretações mais amplas reunindo os usos e significações de cada objeto por cada grupo. Ressalta-se que muitos dos estudos que fazem uso da

fenomenologia não são considerados científicos, pois suas análises vão além dos domínios racionais, atingindo as significações e o simbólico. Uma das características que provoca a descrença na fenomenologia é que ela permite a dissolução da fronteira entre sujeito e objeto. Trata-se de uma descrença equivocada, pois como nós poderíamos estudar, por exemplo, o espaço urbano sem compreendê-lo na sua escala humana? Assim, a fenomenologia ao desempenhar o papel de uma filosofia humanista ao reaproximar as ciências de nossas vidas, analisa ações e eventos a partir de experiências, relativas à percepção do mundo e de seus objetos.

É com essa afirmativa e ao entender os cemitérios enquanto fenômenos a serem vividos, ou seja, analisados segundo as experiências e percepção do **ser-no-mundo** que a pesquisa reforça a sua base teórica conceitual sobre a fenomenologia. Dessa forma, o conceito de **experiência** se evidencia durante este processo de investigação, pois é por meio dele que a fenomenologia possibilita que as vivências cotidianas sejam o foco da pesquisa, de modo que, busca-se ter nas experiências uma alternativa para a construção do conhecimento. Isto nos leva a outro questionamento norteador; **“como vivemos os espaços cemiteriais na experiência urbana contemporânea?”**

Segundo Edmund Husserl (2008, p.17) a fenomenologia aparece como um método rigoroso de investigação cujo propósito é apreender os fenômenos ou o fenômeno estudado à maneira da consciência. Neste sentido, a apreensão seria ir ao encontro das coisas em si mesma, ou seja, descrever o fenômeno tal qual como ele aparece. A **apreensão, análise** e a **descrição** do objeto que assim se dá à consciência é o principal objetivo da fenomenologia de Husserl. Para Lyotard (1967, p.9) a fenomenologia seria uma meditação acerca do conhecimento, de modo que seria o conhecimento do conhecimento, uma **reflexão** e **síntese** do que se apresenta. Seria dispensar uma cultura, uma história e explorar os eventos, a própria coisa que se percebe e em que se pensa ou do que se fala, evitando criar hipóteses.

No prefácio da obra “Fenomenologia da percepção”, de autoria de Merleau-Ponty (1999), a fenomenologia é entendida como o estudo das essências e todos os problemas de investigação resumem-se na definição das essências, por exemplo, a essência da consciência. Além disso, é uma filosofia transcendental que coloca em suspenso os eventos a fim de compreendê-los conforme são apreendidos. Para essa filosofia o mundo já se encontra ali, antes da sua reflexão e cabe ao sujeito enquanto pesquisador reencontrá-lo. “A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele” (MERLEAU-PONTY, 1999, P. 3).

Assim toda ciência é construída pela experiência do mundo vivido e o mundo vivido seria a coisa primeira.

Quanto ao uso da fenomenologia nas pesquisas geográficas De Paula (2016) explica que esta começa em silêncio. O silêncio de uma frustração quando não é mais possível compreender, por meio dos métodos tradicionais, as situações vividas no espaço geográfico. Para Holzer (1998), como se pode visualizar no excerto a seguir:

A fenomenologia é uma proposta filosófica não muito usual na geografia, e quem mais a tem discutido são os geógrafos humanistas. Eles procuram uma concepção de mundo que seja diversa da cartesiana e positivista que tem dominado a ciência nos últimos séculos. Sua pretensão é de relacionar de uma maneira holística o homem e seu ambiente ou, mais genericamente o sujeito e o objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das essências a sua matéria prima (1998, p.18).

A frustração relatada por De Paula (2016) é o que estimula geógrafos a buscar métodos ou propostas metodológicas alternativas, que possam dar conta desse espaço geográfico multidimensional. Além disso, segundo Holzer (1998) é uma tentativa de fugir das concepções impostas na pesquisa geográfica, especialmente, aquela que enxerga o espaço sob o plano cartesiano e positivista. Trata-se da procura de inserir o homem no seu espaço percebido, mantendo relações estreitas entre o sujeito (homem) e o objeto (ambiente). Além disso, romper com as fronteiras disciplinares que separam as dimensões do fenômeno. Deste modo, na fenomenologia o papel do sujeito é superior ao objeto, pois descreve e se apropria intelectualmente, buscando a essência dos conteúdos contidos nele. Os fenômenos se reduzem para dar voz ao pesquisador e à consciência deste. As características fundamentais fenomenológicas são as descrições das experiências vividas e a busca pela essência, aquilo que é intrínseco ao fenômeno.

Neste sentido, ao utilizar como suporte a fenomenologia buscou-se, nesta pesquisa, inicialmente, descrever e registrar, por meio das experiências vividas no trabalho de campo, os espaços pesquisados e as suas condições físicas. Contudo, mais do que observar os objetos se fez necessário analisá-los tal qual **como aparecem**, com a intenção de encontrar ou reencontrar a essência deles que indicam, conseqüentemente, os seus usos e significados. Para isso foi indispensável, dentro do propósito geral deste trabalho, discorrer sobre alguns conceitos do campo da fenomenologia com a intenção de melhor compreender e consolidar esta pesquisa. Dentre os conceitos que serão utilizados, além do conceito de experiência que já foi mencionado anteriormente, destacam-se outro três: a **Essência**, a **intencionalidade** e a

redução eidética. Para conceituar as acepções elencadas busquei aparato na obra “O Método Fenomenológico na Pesquisa” de Moreira (2002).

A fenomenologia é a ciência das essências puras, abstraindo de todas as características fatuais de nossa experiência, ou seja, ignorando os conhecimentos antepredicativos. As essências referem-se ao sentido verdadeiro de alguma coisa, aquilo que é ideal, que permite um entendimento comum ao fenômeno. Elas representam as unidades básicas de entendimento comum de qualquer fenômeno, aquilo sem o que o próprio fenômeno não pode ser pensado. Assim, qual essência ou quais essências que os espaços cemiteriais teriam no contexto urbano?

Quanto a intencionalidade “é a característica da consciência de ser consciente de algo” (MOREIRA, p.84). A ideia da intencionalidade é uma maneira de lidar com o problema imanente-transcedente, por exemplo, o imanente é aquilo que é dado ou visto (um cemitério), o transcendente é aquilo que pretendemos com o imanente (“o cemitério” ou, mais precisamente, aquilo que encontro com as experiências vividas nos espaços cemiteriais). O procedimento de transição do imanente para o transcendente é chamado de análise intencional. Dessa forma, vale dizer que a consciência é intencional, ou seja, toda consciência já é consciência de algo constituída por ações de percepção, imaginação, paixão e etc. Se a consciência é intencionalidade, ela só pode ser analisada em termos de sentido, de modo que a consciência não é uma coisa, mas aquilo que dá sentido às coisas. É a intencionalidade que faz o cemitério aparecer como fenômeno cujo uso e significado é intencionado pelo sujeito que o investiga.

Já no que diz respeito à redução eidética, esta é a forma pela qual o sujeito se move da consciência dos objetos individuais e concretos para o domínio transempírico das essências puras atingindo a intuição do *eidós* - palavra que significa forma em grego - de uma coisa, ou seja, do que existe em sua estrutura essencial e invariável, separando aquilo que é contingente ou acidental. Só se pode atingir as essências por meio da redução eidética e isto se dá pelas etapas de descobrimento ou apreensão do fenômeno, por exemplo, primeiramente descobro aquilo que é similar aos espaços cemiteriais, logo depois encontro aquilo que são predicados ou estruturas essenciais dos cemitérios, ou seja, uma característica comum. No caso dos cemitérios a característica comum está assentada na presença das sepulturas e da arborização, podendo ser consideradas como as essências deste espaço. “Para atingir as essências, portanto, torna-se depurar o fenômeno de tudo o que não seja essencial, ou seja, é preciso promover a redução eidética” (MOREIRA, 2002, p. 90-91)

Os conceitos aqui tomados serviram para o entendimento daquilo que a pesquisa buscou atingir por meio dos seus objetivos apresentados na introdução deste trabalho. Para a consecução de tais objetivos e reconhecendo que a fenomenologia se mostra muito divergente em suas manifestações, adotei o método fenomenológico proposto por Spiegelberg (1971), que considera sete passos sequenciais que dão as características específicas à maioria dos estudos de base fenomenológica. Spiegelberg sugere a aplicação desses passos na pesquisa empírica, que servem para levar a cabo estudos filosóficos com base nos pressupostos fenomenológicos (MOREIRA, 2002). Os sete passos são: 1) Investigação de fenômenos particulares; 2) Investigação de essências gerais; 3) Apreensão de relações fundamentais entre as essências; 4) Observação dos modos de dar-se; 5) Observação da constituição dos fenômenos na consciência; 6) Suspensão da crença na existência dos fenômenos; 7) Interpretação do sentido dos fenômenos.

Dentre os sete passos acima utilizei aqueles que julguei mais relevantes para esta investigação. Foram cinco. Entre eles destaco: a investigação de fenômenos particulares; a investigação de essências gerais; a apreensão de relações fundamentais entre as essências; a suspensão da crença na existência dos fenômenos e a interpretação do sentido dos fenômenos. Cada passo escolhido possui suas características, intenções e procedimentos específicos. Neste sentido segue abaixo o quadro metodológico com uma breve explanação sobre os respectivos passos que presumi serem necessários para a ordenação do caminho metodológico e as relações desses com os objetivos da pesquisa.

Quadro 1. Passos de execução da pesquisa.

PASSOS DE EXECUÇÃO	OPERAÇÕES	OBJETIVOS
1-Investigação de fenômenos particulares	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção intuitiva • Exame analítico • Descrição 	Descrever os objetos de estudo por meio da intuição e análise do fenômeno;
2 - Investigação de essências gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Ideação ou intuição de essências 	Investigar a essência geral e as particulares encontradas nos cemitérios;
3 - Apreensão de relações	<ul style="list-style-type: none"> • Variação imaginativa 	Apreender as relações

fundamentais entre as essências	livre	fundamentais existentes entre as essências;
4 - Suspensão da crença na existência dos fenômenos	<ul style="list-style-type: none"> • Redução do fenômeno ou redução eidética 	<p>Descrever os objetos de estudo por meio da intuição e análise do fenômeno;</p> <p>Investigar a essência geral e as particulares encontradas nos cemitérios;</p>
5 - Interpretação do sentido dos fenômenos	<ul style="list-style-type: none"> • Fenomenologia hermenêutica interpretativa 	<p>Interpretar os sentidos dos fenômenos durante a intuição, o análise e descrição dos espaços cemiteriais.</p>

Fonte: elaborada pela autora.

A investigação dos fenômenos particulares se baseou em três operações inseparáveis: a percepção intuitiva dos cemitérios; o exame analítico do intuído e a descrição. Segundo Moreira (2002) a **percepção intuitiva** requer uma grande concentração sobre o fenômeno, sem perder a capacidade crítica. Foi uma operação, por vezes difícil, pois não poderia nem me demonstrar insensível para com o fenômeno sob o risco de não perceber as nuances mais sutis existentes nos espaços de estudo, tão pouco não poderia exceder na sensibilidade que pudesse provocar a descrição de detalhes irrelevantes para a pesquisa. Já o **exame analítico** remedia a operação intermediária entre a percepção intuitiva e a descrição. Foi por meio do exame que realizei o processo de identificação de elementos pertencentes aos cemitérios e as estruturas que dão suporte para este objeto na qual estabeleci as relações e conexões com outros fenômenos de proximidade, como por exemplo, o cemitério e o espaço urbano. Após a experiência pré-predicativa seguindo as etapas de intuição e análise pude, então, realizar a **descrição** no qual classifiquei e localizei as necrópoles dentro do contexto urbano.

Após o passo inicial parti para a consecução da segunda etapa que foi a investigação da essência ou essências gerais dos espaços estudados. Este passo se constituiu na busca por um elemento comum aos espaços cemiteriais, aquilo que sem ele os cemitérios não são o que são. Para tal execução utilizei a operação chamada de **ideação** ou intuição de essências, de modo que intuí por meio da imaginação ou percepção aqueles elementos

particulares aos espaços cemiteriais e foi por meio deles que pretendi chegar à essência universal dos cemitérios. “A essência geral é concebida como algo que está no particular” (SPIEGELBERG, p. 677), assim são as particularidades de um espaço que dão significados a eles. Nesta etapa, foi o momento de questionar e refletir sobre a essência geral dos cemitérios. Seriam apenas um equipamento urbano? Ou um espaço cultural de manifestação da extensão da vida?

Quanto à apreensão de relações fundamentais entre as essências me incumbi de descobrir as relações e conexões básicas entre as essências. Para Moreira (2002) essas relações são de dois tipos: relações dentro da essência e relações entre as essências. Para isto utilizei a operação chamada de **variação imaginativa livre** na qual envolve descobrir os componentes que são ou não necessários para que a essência permaneça como é, bem como aqueles componentes cuja presença ou ausência podem destruir a essência. Trata-se, portanto de um jogo de combinações entre as essências deixando algumas de fora, as substituindo ou adicionando outras não encontradas nelas. Com isso questiona-se e se reflete sobre quais componentes estariam destruindo determinadas essências, por exemplo, cultural, reflexiva e ambiental? Existiriam, dentro desse jogo de combinação, componentes necessários para manter tais essências mencionadas anteriormente?

A suspensão da crença na existência dos fenômenos é um passo que se mostra presente durante as duas primeiras etapas do método de Spiegelberg (1971) - **investigação de fenômenos particulares, investigação de essências gerais** – este passo se fundamenta na redução do fenômeno ou, mais precisamente **redução eidética** como já fora mencionado no decorrer desta seção. Para que eu possa executar a descrição-fenomenológica dos objetos se faz necessário considerar os dados levantados sem um prévio juízo dele. A redução tem valor na observação dos modos de como se dão os fenômenos, podendo ajudar na análise das essências e preocupando-se com o “como aparece” e não com “o que aparece” (MOREIRA, 2002, p.101). Deste modo, não interessa para a fenomenologia descrever o que existe no cemitério, por exemplo, inúmeras sepulturas, cruzeiro, capela e etc, mas, sim, em como essas sepulturas, por exemplo, aparecem; com algum tipo de ordenação específica ou características que expressam a cultura e sociedade?

Por último realizei a interpretação do sentido dos fenômenos que se dá pela operação da **fenomenologia hermenêutica interpretativa**. Neste passo ocorre a conclusão do estudo fenomenológico através da interpretação daquilo que foi descrito. Spiegelberg (1971) encontra na obra de Heidegger (2013), “Ser e Tempo”, este último procedimento que auxiliaria na análise e interpretação dos dados coletados. Na busca por responder qual o

sentido do ser Heidegger buscou aparato na ontologia fundamental. Entende-se por ontologia uma parte da filosofia que se dedica em descobrir a essência absoluta de um fenômeno. Já a ontologia fundamental, proposta por Heidegger discute sobre a ontologia primeira:

[...] o termo fundamental presente na expressão indica que a investigação não se mantém mais no âmbito de uma ontologia positiva, mas desce até o fundamento mesmo das ontologias em geral e sonda como elas retiram desse fundamento a sua própria determinação [...] (CASANOVA, 2013, p.79).

A ontologia fundamental foi a tentativa que Heidegger utilizou para responder seu questionamento central. Para sua consecução ele uniu a fenomenologia com a hermenêutica num esforço de analisar e interpretar a questão ontológica do **ser**. Monteiro, ao realizar uma breve explicação sobre este procedimento, que ele considera um método, sustenta que:

a fenomenologia hermenêutica significa o modo (método) mesmo de investir e tratar a questão ontológica no pensamento de Heidegger. Tal investigação deve ser precedida pela interpretação do **ser-aí**¹ [**grifo nosso**]. Sendo assim, o projeto de fundamentação fenomenológico-ontológica de uma ciência, em nosso caso da Geografia, com bases na fenomenologia hermenêutica deve se direcionar pela analítica do ser-aí como condição de possibilidade de toda investigação ontológica. (MONTEIRO 2017, p. 75).

Desta forma, o que se pretende com a fenomenologia hermenêutica é ir além dos sentidos que não são imediatamente percebidos pela intuição, nem pela análise e tão pouco pela descrição. Descobrir, portanto, a essência geral das necrópoles perpassa pelo estudo ontológico do indivíduo ou do **ser** nos espaços cemiteriais. “O que é dado é apenas uma pista para o que não é dado” (MOREIRA, 2002, p. 101), ou seja, aquilo que foi averiguado foi somente um caminho para o que veio na síntese desta pesquisa, de modo que a fenomenologia hermenêutica tem o papel final de interpretar e revelar sentidos que até então pareciam ocultos.

Nestas condições, como fora apresentado, são muitas as variantes fenomenológicas. Destaco, também, que são muitas as diferentes pesquisas que utilizam a fenomenologia como método. Embora haja uma variedade de estudos de diversos temas utilizando este método, todos eles possuem características fundamentais da fenomenologia que contribuem para a especificidade deste procedimento científico, como, a busca da essência, o estudo *apriori* do fenômeno, a redução do fenômeno sem manifestar preconceitos

¹ O mesmo que “*Dasain*” ; questionamento que constitui tema central dos estudos de Heidegger na obra *Ser e Tempo* que remete à relação do ser com o mundo.

e, especialmente, aquela que mais interessa a esta pesquisa, que é a relação **do ser no mundo** que pode ser atingido por meio das experiências cotidianas.

Apesar de reconhecer que a maioria dos estudos cemiteriais tem como metodologia comum a abordagem exploratória-descritiva-explicativa e observando que os poucos estudos geográficos referente a este tema (espaços cemiteriais), partiram para a análise do fenômeno, já atribuindo a eles categorias analíticas sem antes ter analisado sua natureza primeira; é que busquei realizar uma pesquisa ontológica sobre o ser neste espaço, dissolvendo a fronteira entre o sujeito e o objeto, além de fronteiras disciplinares pré-estabelecidas. Haja vista que trata-se de um objeto interdisciplinar que só pode ser melhor compreendido pela perspectiva holística. Com isso, o que procurei, através do método fenomenológico, foi interpretar as experiências que os cemitérios proporcionam na cidade contemporânea e como elas ajudam a entender as experiências vividas na cidade. Esta pesquisa é um passo fundamental, por exemplo, para o entendimento das essências dos equipamentos urbanos e como esse entendimento pode auxiliar nas tomadas de decisões concernente ao planejamento da cidade.

Amostra

A amostra, aqui tomada, constituiu-se de 3 cemitérios localizados dentro do perímetro urbano de Teresina e distribuídos de acordo com as diferentes morfologia urbana da cidade, sendo 2 cemitérios públicos e 1 particular. Os espaços adotados foram explorados a partir da **abordagem oblíqua**, ou seja, aproximada, com a intencionalidade de descrever o dia a dia e os eventos que apareciam neles com a intenção de desvendar as essências particulares de cada um e as essências comuns entre eles. Dessa forma, realizei então a **descrição-fenomenológica** das paisagens dos três cemitérios. São eles: **Cemitério São Judas Tadeu**, localizado na zona leste da cidade e por ser considerado uma das necrópoles mais importantes para Teresina no que concerne as suas características monumentais; **Cemitério Santa Cruz** por se localizar na região sul da cidade e ser o maior nessa região; e o **Cemitério parque Jardim da Ressurreição**, localizado na zona sudeste e possuir características modernizantes. Destaca-se que apesar do cemitério São José não aparecer como espaço específico deste trabalho, ele se mostra presente ao longo do texto uma vez que esta necrópole - que inicialmente fora projetada fora do ambiente citadino, porém com a expansão urbana, hoje, se encontra dentro da região centro-norte da capital - possui valor considerável para a memória da cidade e do estado piauiense. Conforme apresentado, estes cemitérios foram escolhidos

segundo a morfologia da paisagem urbana de Teresina, além do critério de escolha na qual teria que incluir um cemitério particular para termos de comparação. (Ver Figura 1, p. 43).

Como a morfologia da paisagem urbana da cidade foi um dos critérios de escolha dos espaços cemiteriais; farei uma breve explicação a respeito deste procedimento e os motivos que me fizeram incluí-lo nesta metodologia. Não é de nosso escopo realizar uma classificação densa a respeito da morfologia urbana da cidade, mas sim, compreender classificar e localizar, por meio dos processos de produção urbana, onde e como os objetos de estudo estão situados.

O estudo da morfologia urbana é um processo fundamental para áreas da Geografia e Arquitetura Urbana que tem como objetivo contribuir para o planejamento urbano. Embora alguns autores encarem a morfologia como apenas um estudo geométrico do espaço, atualmente tanto autores da Geografia Urbana quanto da Arquitetura percebem a morfologia como um procedimento de investigação pelo qual se analisa as relações entre formas e processos; este último construído pela sociedade no tempo e no espaço. No entanto, as formas e os processos são categorias complementares e inseparáveis. “As formas espaciais, influenciam as práticas sociais, tanto quanto as práticas sociais se apropriam e produzem as formas” (WHITACKER, MIYAZAK 2007, p. 12) assim, em qual morfologia urbana os cemitérios estudados estariam incluídos? E como as práticas sociais influenciariam nas suas formas?

No que diz respeito à morfologia urbana de Teresina são poucos os estudos que utilizam esse procedimento metodológico para caracterizar determinado recorte espacial. Os que fazem uso desta técnica são pesquisas voltadas para a Arquitetura Urbana que abordam, especialmente, o centro da cidade. Contudo, a princípio, busquei aparato teórico nos estudos de Façanha (1998), que embora não classifique morfologicamente a paisagem urbana de Teresina, ele explica como se deu o processo de evolução urbana no âmbito político, econômico e social, ou seja, o conteúdo que explicaria as formas da cidade. Para a caracterização das formas utilizei a abordagem de Corrêa (1995) que as classificam de acordo com os processos de produção espacial. Assim, pude determinar a morfologia urbana pertencente a cada cemitério.

De acordo com Façanha (1998), fundada em 1852, a cidade de Teresina teve sua gênese por condições políticas-administrativas e com o decorrer dos processos evolutivos que ocorreram nas dimensões do tempo e espaço, receberam outras influências além do **Estado**, como por exemplo, o valimento do setor **industrial**, sobretudo, **comercial** que são agentes

determinantes para a evolução urbana da cidade entre os períodos de 1950 a 1980, **proprietários fundiários** que tinham como alvo os espaços vazios da cidade que com o tempo ficavam supervalorizados devido à mercantilização do solo urbano, os **promotores imobiliários** que se consolidaram em 1970 com a política habitacional do Governo Federal no qual se construiu inúmeros conjuntos habitacionais.

A partir da segunda metade da década de 80, surgiram mais intensivamente, em alguns bairros de Teresina, os promotores imobiliários. Nos bairros Centro, Cabral, Frei Serafim e Ilhotas, edifícios de apartamentos “espelhavam paisagens modernas” de uma cidade em construção. (FAÇANHA, 1998, p. 63).

E os **grupos sociais excluídos** que atuam na cidade de Teresina, variando suas ações no tempo e no espaço. “Entre os anos de 1970 e 1985, as ações desses grupos foram mais pontuais e desvinculadas de uma estratégia mais ampla de ação no cenário urbano.” (FAÇANHA, 1998, p. 76). Já entre os anos de 1985 e 1995 esse grupo atuou mais no cenário urbano, demonstrando resistência por meio de estratégias de intervenção na cidade. Dessa forma, as favelas começaram a fazer parte da morfologia urbana de Teresina, se intensificando na zona sul da capital.

A partir dessas considerações sobre os agentes produtores do espaço urbano de Teresina foi possível classificar a morfologia espacial presente na configuração da cidade. Para isso realizei o ordenamento da paisagem do espaço teresinense, segundo a classificação das formas urbanas fornecidas por Corrêa (1995), são elas: centralização e área central; descentralização e os núcleos secundários; coesão e as áreas especializadas; segregação e as áreas sociais; inércia e as áreas cristalizadas.

Interessa para esta pesquisa, especialmente, a caracterização daquelas formas espaciais na qual se encontram os objetos de estudo. Ressalta-se que cada forma possui seus respectivos processos espaciais, além disso evidencia que “estes processos e formas espaciais não são excludentes entre si, podendo ocorrer simultaneamente na mesma cidade ou no mesmo bairro” (CORRÊA, 1995, p. 05). Logo entende-se que tais processos podem ser complementares entre si. A partir dessas pontuações farei inicialmente uma análise modesta sobre cada forma urbana desenvolvida por Corrêa (1995) para então correlacionar com os principais agentes promotores do espaço urbano de Teresina, categorizados, anteriormente, por meio dos estudos de Façanha (1998). Deste modo, se faz *mister* considerar as **formas** de Corrêa, a partir dos **conteúdos** de Façanha enquanto materialização do processo de urbanização ou **morfologia urbana da cidade**.

Para Corrêa (1995) a **área central** constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se a maior parte da infraestrutura e atividades da gestão pública e privada, bem como uma paisagem da cidade verticalizada. Já no que diz respeito aos **núcleos secundários**, esses aparecem como uma estratégia, especialmente, das empresas buscando eliminar as divergências econômicas geradas pela centralização da área central. Nestes núcleos secundários há o aparecimento de fatores de atração em áreas não-centrais como, por exemplo, o valor imobiliário. As **áreas especializadas** se referem ao processo que leva determinada atividade a se localizar juntas, o chamado magnetismo funcional. Quanto às **áreas sociais** ocorre pelo processo de segregação, sendo ele voluntário ou involuntário. O primeiro por conta do *status* socioeconômico e, o segundo causado pela exclusão socioespacial. Nestas áreas existe uma uniformidade do espaço em termo de conjunto e de características da população que nela habita. As **áreas cristalizadas** decorrem do processo de inércia que atua na organização espacial intra-urbana através da permanência de certos usos e certos locais, apesar de terem cessado as causas que no passado justificaram a localização deles (CORRÊA, 1995, p. 13).

Neste sentido, ao correlacionar as formas com os conteúdos, pude inferir a seguinte classificação morfológica da cidade em relação às formas urbanas na qual os cemitérios estudados se localizam. O cemitério São Judas Tadeu encontra-se, atualmente, devido a sua infraestrutura e características específicas de um espaço influenciado pelo Estado e comércio, na área central da cidade e área especializada, uma vez que os *shopping's centers* se concentram nesta região. Além disso trata-se de um distrito urbano com maior incidência de verticalização.

O cemitério Santa Cruz, pertence à morfologia urbana de áreas sociais, haja vista sua alta densidade demográfica e características homogêneas do espaço em termos de conjunto e população. A região na qual o cemitério Santa Cruz se encontra foi influenciada pelos proprietários fundiários, pois segundo dados da Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação (SEMPPLAN) este espaço pertencia à antiga fazenda Angelim. Observa-se ao mesmo tempo, por meio de imagens panorâmicas, que existiu certa importância dos promotores imobiliários, de modo que, na direção sul do cemitério percebe-se o conjunto habitacional Santa Fé com características homogêneas. Em direção ao norte desta necrópole, ou seja, o local que dá acesso ao espaço estudado houve a influência dos promotores sociais excluídos, uma vez que se encontra a vila e/ou favela Santo Antônio com características de um espaço desorganizado.

Quanto ao Cemitério Parque Jardim da Ressurreição, seus principais promotores urbanos foram os proprietários fundiários, pois é um espaço no qual há um número considerável de chácaras. Além deles, os promotores imobiliários que destacam a presença do conjunto habitacional Frei Damião que fica ao leste do cemitério e o condomínio *Dream Park* que se localiza próximo da necrópole. Por se localizar em um bairro recente (Gurupi) e de expansão urbana, a morfologia deste cemitério encontra-se na transição entre as formas de áreas sociais e áreas cristalizadas. Para um melhor entendimento segue o quadro (Quadro 2.) e mapa (Figura 1.) abaixo.

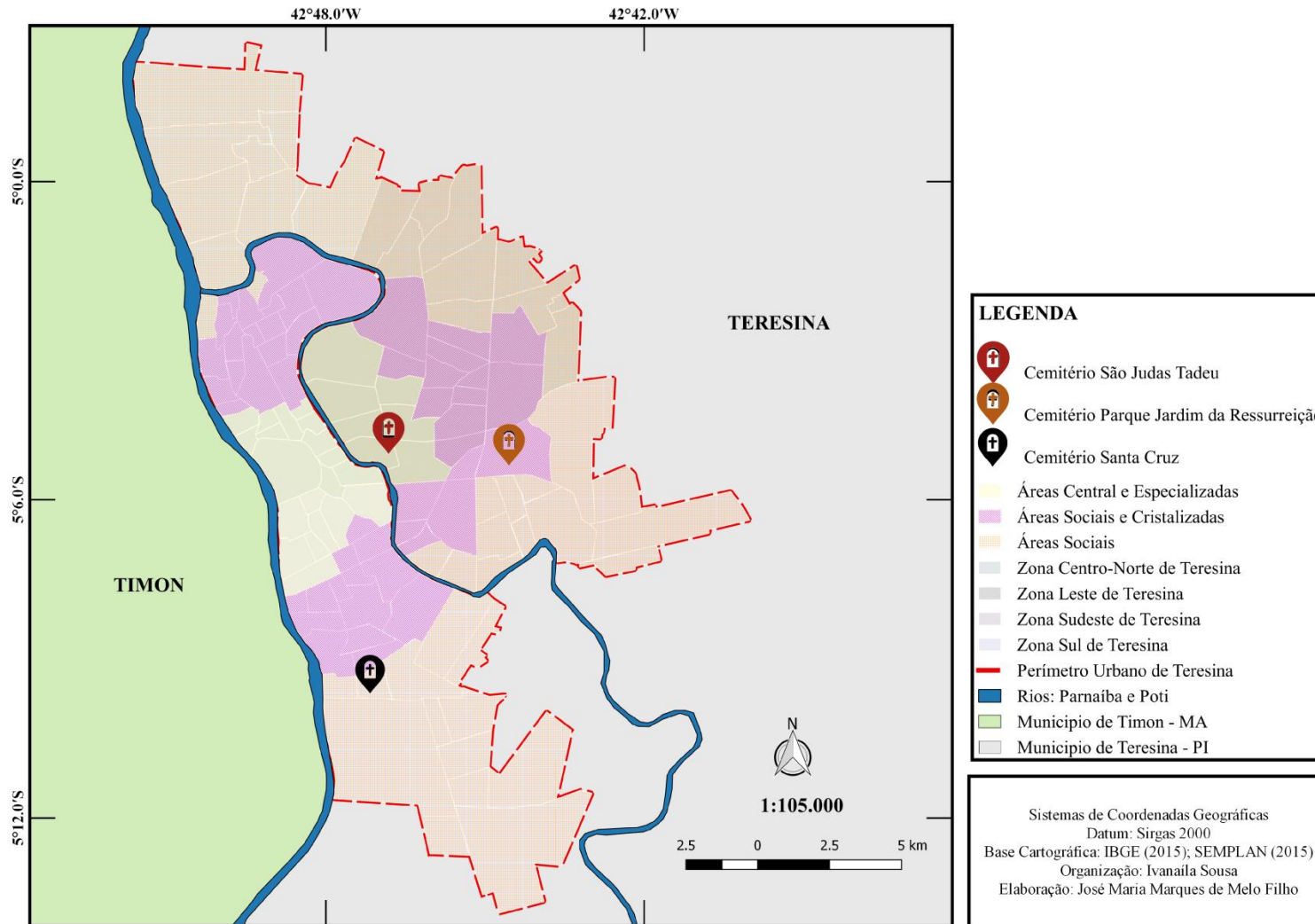
Quadro 2. Morfologia urbana dos cemitérios estudados.

Cemitério	Agentes	Forma
São Judas Tadeu	Estado e Comércio	Área Central e Área especializada
Santa Cruz	Proprietários fundiários Promotores Imobiliários e Grupos sociais excluídos	Áreas sociais
Parque Jardim da Ressureição	Proprietário fundiários e Promotores imobiliários	Áreas sociais e Áreas cristalizadas

Fonte. Elaborada pela autora.

A escolha dos espaços a serem estudados tem como princípio a diversidade das formas urbanas em escalas panorâmicas. Como se observa através do mapa de localização e do quadro 2 estes espaços encontram-se em diferentes configurações urbanas que vão desde a área central às periféricas da cidade. Estas últimas com conteúdos distintos, pois uma periferia se refere a um espaço de exclusão social e a outra a um espaço de segregação voluntária. Adotei a escala panorâmica, inicialmente, como um dos passos de apreensão do fenômeno, não como forma de levantar juízos, embora a classificação morfológica possa inferir hipóteses daquilo que encontraria no dia a dia, mas como ponto de partida para o que iria se refletir a partir dela durante as experiências urbanas da cidade, especificamente, na investigação dos fenômenos particulares.

Figura 1. Mapa de localização dos espaços estudados e sua morfologia urbana



Mapa: elaborado por Filho, 2018.

A escala panorâmica e o entendimento da morfologia urbana na qual se encontram os objetos de estudo foi o suporte para a pesquisa. Entretanto, o que se faz presente no decorrer do texto, a partir das seções seguintes, é a análise do fenômeno por meio da escala oblíqua. Compreende-se por escala oblíqua o lugar e às experiências cotidianas das dinâmicas internas dos espaços geográficos, onde o geral apenas pode ser apreendido em contato com o específico. (DE PAULA, 2016). Com base nesta afirmação, destaco mais um procedimento que foi utilizado nesta investigação: a **escala humana**. O objetivo deste procedimento é chamar atenção para a utilização de uma escala que torne a pesquisa geográfica mais próxima do homem e que permita fornecer, por meio dela, dados para a construção de um conhecimento humanista.

O conceito de escala é pouco difundido na pesquisa geográfica, de modo que interessa mais para o geógrafo utilizá-la como um procedimento de investigação do que discuti-la como um problema do campo epistemológico. Para Castro:

A escala é o artifício analítico que confere visibilidade à parcela ou dimensão do real. Como este só pode ser apreendido por representação e por fragmentação, a escala constitui uma prática, embora intuitiva e não refletida de observação e elaboração do mundo. (2014, p. 4).

A escala também é uma medida, não do fenômeno - pois este pode ser imensurável - mas uma medida da amostra que foi escolhida para observar determinado fenômeno (CASTRO, 2014). Para definir o campo empírico da pesquisa, a Geografia usa como procedimento analítico a escala como meio de apreensão da realidade. Dessa forma, quando se objetiva estudar um fenômeno um dos primeiros passos para a ciência geográfica - embora, atualmente, seja um procedimento ignorado devido à configuração de um espaço geográfico com fronteiras dissolúveis e encurtamento de distâncias - é definir sua escala, podendo ser comumente as escalas; local, regional, nacional e global. Estas definições são recortes territoriais possuidores de conteúdos socioespaciais importantes para a pesquisa geográfica, portanto, não podendo ser desprezadas. “Negar a relevância da escala é um desserviço à pesquisa em geografia” (CASTRO, 2014, p. 91).

Deste modo, reconhecendo a importância deste procedimento e o analisando dentro da perspectiva fenomenológica lancei mão de uma, que a princípio parece tratar-se de uma escala local, bem como pode ser vista, segundo o conceito de lugar proposto por Tuan (1975) e analisado por Holzer (1998), como uma escala afetiva, indefinida e diversa que permite uma apreensão intersubjetiva. No entanto, ao ampliar as leituras e analisá-las para melhor definir a escala desta investigação deparo-me sempre com o campo dimensional das experiências vividas pelo homem.

Ao afirmar que “o homem é a medida de todas as coisas” (2011 p, 5), Tuan estaria propondo o corpo humano como um padrão de escala para a geografia humanista. Desse modo, ressalto que a escala aqui tomada não foi indefinida ou variada – conforme o conceito de lugar dispõe -, tão pouco vista sob a óptica da escala local, mas compreendida como uma escala na qual tem o corpo como um referencial, ou seja, a escala humana.

Antes de discorrer, brevemente, sobre a seguinte escala, quero deixar claro que não utilizei um conceito chave norteador para a pesquisa. Como o próprio título dessa dissertação sugere, trata-se de um “estudo fenomenológico do espaço cemiterial”, porém não foi minha intenção evidenciar o conceito de espaço em detrimento do conceito de lugar, uma vez que tanto para Tuan, (2011), quanto para Holzer (1998), “espaço e lugar” possuem definições semelhantes entre si. Assim, o uso do termo “espaço” pode ser visto como uma forma de liberdade epistemológica, e não como uma amarra política teórica necessária para o conhecimento geográfico.

Além disso, a preferência pelo termo espaço se deve ao fato de que os cemitérios, aqui, abordados, me remetem, apenas a um espaço a ser investigado do ponto de vista fenomenológico - campo das experiências -, e não um espaço no qual construí, ao longo do tempo, experiências afetivas e/ou envolvimento emocional, que remete ao conceito de lugar. Entretanto, reconheço, nas palavras de Holzer a definição de lugar “enquanto uma experiência referente, essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelo seres humanos” (1998, p. 75), de modo que com isso evidencio que o lugar é o conceito típico das pesquisas relacionadas à geografia humanista de base fenomenológica, porém, nesta investigação não foi o conceito norteador, como já fora explicitado acima. O conceito de lugar só aparece nos parágrafos anteriores, que tratam da escolha de escala para esta pesquisa - necessariamente, como caminho para a compreensão do que seria escala humana – e no final dessa dissertação para a elucidação do problema.

Nestas condições, após apontar os motivos pelos quais decidi não adotar um conceito chave para esta pesquisa, retomo a explicação sobre o procedimento de escala humana que fora adotado. Esta escala, ainda, aparece com pouca ou sem nenhuma abordagem geográfica, no entanto, se faz presente, ainda timidamente, nos trabalhos a respeito de planejamento urbano e espaço urbano do campo da Arquitetura e urbanismo. Segundo Jan Gehl (LA ESCALA HUMANA, 2012) existem três tipos de escalas no que se refere à cidade: a escala do plano da cidade, a escala local e a escala das pessoas. Dentre as três, a escala humana ou escala das pessoas é a mais importante para esta pesquisa, pois é o que conta para

a qualidade de vida do ambiente. Assim, todo planejamento urbano deve considerar a escala humana.

Para defender esta proposta de conceber “cidades para pessoas”, Gehl (LA ESCALA HUMANA, 2012), explica sobre o que seria a “síndrome de Brasília” na qual a cidade vista de um avião parece adequada e bonita, porém vista na escala humana se torna desagradável. É um problema para as pessoas, como as grandes distâncias de um espaço a outro que dificulta a mobilidade humana. Dessa forma, Gehl considera equivocada que o meio de comunicação mais utilizado pelos arquitetos e urbanistas seja a foto, que coloca em segundo plano a vida. Para ele os arquitetos estão obcecados pela forma, no entanto a boa arquitetura só se constrói com a interação entre a vida e a forma. Todas as atuais escolas de Arquitetura estão concentradas na forma e esquecidas da vida, ele atribui isto ao fato de que estudar e pesquisar a vida é algo difícil para a Arquitetura.

Pesquisar as cidades do ponto de vista da vida humana não é apenas uma barreira para a Arquitetura, é também para a ciência geográfica. Ressalto que Gehl (LA ESCALA HUMANA, 2012) ao desenvolver suas pesquisas, utiliza o termo escala humana como um procedimento do planejamento urbano, visando a construção das cidades a partir das pessoas ou da vida. Assim, o foco dele é, sobretudo, a mobilidade humana, discordando do paradigma modernista da metade do século XX em que se pensou a cidade para os automóveis e prédios.

Contudo, utilizo as ideias de Gehl para defender uma outra ideia a partir desta, que é o uso da escala humana na pesquisa geográfica. Como foi dito anteriormente a vida humana é um obstáculo para a geografia. A maioria dos trabalhos a respeito do espaço urbano encontra-se ou numa escala urbana ou numa escala local, mas dificilmente numa escala humana (valorizando as vivências do cotidiano num determinado espaço). Além disso, faz uso das imagens, especialmente, panorâmicas em detrimento daquilo que foi observado e percebido durante os trabalhos de campo.

Parece ser muito simples comprovar as contradições urbanas por meio de imagens de satélites e conteúdo histórico, porém como essas contradições se apresentariam por meio da visão oblíqua (o caminhar pelo espaço abordado, percebendo suas características peculiares de perto)? Essas contradições se mostrariam diferentes, conduzindo às conclusões mais significativas para a relação entre o homem e o espaço? Se a Geografia é a relação entre o homem e o espaço ou entre a sociedade e o espaço por que permaneceríamos direcionando a pesquisa para uma abordagem panorâmica e distante do fenômeno? Distante do homem?

Estes questionamentos servem para uma reflexão a respeito das pesquisas geográficas e de suas respectivas escalas que, atualmente, vem sendo postas de lado. Não é de

meu escopo levantar este problema para uma discussão aprofundada. O que quero com isso é justificar o uso da escala humana como procedimento para esta pesquisa, pois “o ato de caminhar é como uma arte de investigação e auto-reflexão” (DE PAULA, 2016, p. 16) e propor para a geografia que mais pesquisas possam rever ou considerar esta escala, embora não exista teoria geográfica a respeito deste tema.

Desse modo, por meio da escala humana busquei realizar uma investigação intuitiva e sensível. Durante os trabalhos de campo realizei visitas e observações solitárias e compartilhadas. No caminhar e no observar solitário aquilo que eu percebia permitia uma reflexão intersubjetiva dos espaços, que se entrelaçavam com as lembranças e pensamentos íntimos. O caminhar, as pausas, as percepções dos obstáculos, que às vezes se perdiam de vista, dos sons dos pássaros, do toque militar fúnebre de longe, dos cantos religiosos, do silêncio que diz muito. Já na visita compartilhada tinha uma percepção dupla na qual aquilo que passava despercebido era visto e acrescentado pelo outro, de modo que ampliava meu campo de percepção e despertava novos questionamentos.

Após as explanações a respeito do método que adotei, bem como a discussão de alguns conceitos, que foram fundamentais para a execução desta investigação, além do critério de escolha da amostra pesquisada e da escala geográfica adotado, passo para a apresentação das demais técnicas de pesquisa. Entendendo técnica de pesquisa como um conjunto de processos e operações que determinada ciência se serve para percorrer um caminho metodológico, ressalto que algumas operações ou procedimentos já foram apresentadas anteriormente (Quadro 1, p. 34) - conforme os objetivos elencados - e pontuadas no decorrer do texto subsequente, como por exemplo, a percepção intuitiva, exame analítico, descrição, ideação, variação imaginativa livre, redução eidética e a fenomenologia hermenêutica interpretativa. Além dos procedimentos da morfologia urbana dos espaços estudados (Quadro 2, p. 42) e o tipo de escala que fora adotada. Entretanto, cabe finalizar esta seção expondo outros procedimentos essenciais para a coleta dos dados durante a pesquisa de campo.

O material coletado nos trabalhos de campo teve um número considerável de fotografias, vídeos, e falas que em conjunto com as impressões e observações pessoais foi elaborado diários de campo. Apesar deste material não ter sido totalmente exposto no decorrer desta dissertação, ele foi um instrumento fundamental para a composição da descrição fenomenológica de cada cemitério pesquisado.

Quadro 3. Dados visuais, audiovisuais, verbais e textuais.

Visuais	Os dados visuais foram produzidos por meio de fotografias registradas por ensaios que procuravam apresentar diferentes leituras do olhar. Teve como objetivo colocar em evidência a diversidade do espaço.
Audiovisuais	Os registros dos vídeos visavam as diferentes nuances dos espaços, atribuindo o movimento dos cemitérios nos seus dia a dia, que muitas vezes a imagem não consegue dar conta da apuração de sentidos como a audição.
Verbais	Foram as conversas estabelecidas entre o sujeito da pesquisa e aqueles se circulavam pelo cemitério, especificamente, trabalhadores e visitantes. Além do registro de falas soltas, sem estar relacionada diretamente com uma conversa.
Textuais	Tratou-se de todos os dados descritos acima, atrelados aos diários de campo, detalhando o contexto e as circunstâncias na qual os eles foram coletados.

Fonte: Elaborada pela autora.

Para a coleta deste material durante a pesquisa de campo foram feitas visitas individuais e compartilhada entre o período de 2017 a 2018, com intensificação nos meses de setembro e outubro de 2018. Nas visitas compartilhadas além das observações mencionadas anteriormente, foram realizados os ensaios fotográficos, a coleta de material audiovisual bem como o registro em caderno de campo das falas, conversas e pensamentos. Este último definindo-se em anotações de palavras e frases que viessem à mente por meio da apreensão da experiência direta, esforçando-me para deixar em suspensão qualquer juízo a respeito do fenômeno, ou seja, a percepção intuitiva.

Já nas visitas individuais, busquei aprofundar a análise daquilo que antes presenciei. Nelas foram realizadas somente as observações sem registro de imagens ou anotações. Este exercício de voltar ao campo para uma nova observação serviu para concluir o exame analítico e, posteriormente, a descrição fenomenológica, uma vez que reavaliei aquilo que foi visto e revisto com a intenção de encontrar componentes ainda não identificados nas visitas anteriores. Após as visitas individuais, noutro momento, transcrevia as experiências no fenômeno para o caderno de campo em forma de texto narrativo.

Por fim, faço a seguinte ressalva a respeito das dimensões temporais na quais os materiais foram coletados. Não houve um rigor no que concerne a escala temporal das visitas. Elas ocorreram da seguinte maneira. Durante os períodos de 2017 e 2018 foram feitas visitas irregulares com exceção do dia 2 de novembro de 2017 que é o dia dos finados. Além disso,

neste período visitei cemitérios que não incluí na amostra pesquisada, como o Cemitério São José, Cemitério Dom Bosco e o Cemitério das Areias. Já no período de setembro e outubro as visitas se tornaram, então, regulares, precisamente, nas segundas, quartas e sábados.

O resultado desses conjuntos de procedimentos e dados coletados a partir da perspectiva fenomenológica e da escala humana corroboraram para a descrição dos fenômenos - cemitérios pesquisados - nos capítulos subsequentes. Saliento que o que se encontra no decorrer deste trabalho não é uma discussão teórica separada da prática, haja vista a razão epistemológica fundamentada na fenomenologia, mas uma descrição das experiências vividas durante os trabalhos de campo. Desse modo, a teoria aparece no contexto daquilo que foi percebido por meio da escala humana, da mesma forma que não há seção exclusiva para abordar a questão de Teresina, os aspectos da cidade aparecem em todas partes do trabalho, sendo a escolha dos espaços cemiteriais uma estratégia para a compreensão do espaço no qual estão inseridos.

Assim, o texto construído foi uma reflexão na tentativa de responder o problema norteador desta investigação que é; “como vivemos os espaços cemiteriais nas experiências urbanas contemporâneas?”. Destaco que embora haja um problema central, existem reflexões ao longo do texto sobre outros questionamentos pertinentes para esta pesquisa. Tanto o questionamento central quanto os demais questionamentos servem como mote condutor para aquilo que se busca atingir como objetivo principal já mencionado na introdução desta dissertação.

3. AS CIDADES DE MÁRMORES: as experiências dos espaços cemiteriais

Os cemitérios que existem, atualmente, são na maioria construções idealizadas em meados do século XIX. Muitos já não exercem mais a finalidade para qual foram criados, que são os sepultamentos, uma vez que esses cemitérios, especialmente, das grandes cidades encontram-se superlotados. Esses cemitérios, específicos do meio urbano passam por uma série de problemas, necessitando-se de um olhar mais atencioso sobre este espaço e sobre os impactos que este causa, não somente no entorno, como também, para o contexto urbano.

Uma das medidas higienistas – políticas públicas baseada nas teses médico-sanitarista do século XVIII - durante a modernidade, determinou a retirada da “morada dos mortos” do convívio dos vivos e os levou para espaços extracitadinos, ou seja, para fora do perímetro urbano. Criou-se, a partir daí a ideia de cemitério. Esta medida desenvolveu, além de uma reorganização nos equipamentos urbanos, como por exemplo, uma localização mais adequada para habitações, hospitais, praças, cemitérios e etc. (COSTA, 2013) um comportamento de repulsa para com esses espaços, bem como um tabu e medo que se incutiu na mentalidade da sociedade ocidental concernente a morte. Dessa forma, o cemitério para aqueles que vivem a cidade diariamente são equipamentos, até então, ignorados e/ou evitados, embora, em algumas cidades brasileiras já existam eventos que incluem os cemitérios nas suas programações culturais como o “sarau *tour*” do cemitério da Consolação em São Paulo, que é considerado um museu a céu aberto.

Não interessa para o indivíduo, especialmente, tratando-se da escala local – Teresina - o cemitério como um equipamento urbano necessário, tão pouco como um espaço aberto à visitação, passeio ou reflexão. Os cemitérios são espaços que só existem como “lugar” para aqueles que os frequentam constantemente, seja um zelador de túmulos, trabalhadores de funerárias, coveiros, agentes de saúde, responsáveis da administração ou indivíduos que não superaram ou continuam mantendo fortes vínculos com seus mortos.

Porém, é possível observar algumas manifestações culturais, referente a esses espaços, fora dos períodos de maior fluxo – novembro, dia das mães e dia dos pais -, como por exemplo, o hábito, que alguns indivíduos ainda possuem, de fazer o sinal da cruz ao passar em frente a eles. Além do ritual das segundas-feiras, considerado o “o dia das almas”, na qual as pessoas, maioria idosas, visitam o cemitério e acendem velas em túmulos, que aparentemente parecem abandonados, como símbolo material de um pedido em intenção ao falecido. Com exceção dessas práticas oriundas, especialmente, da religião Católica, o cemitério permanece a maior parte do seu tempo aberto, especificamente, para sepultamentos,

que são diários. Mas o que observam aqueles que andam pelos cemitérios sem ser nos dias de maiores fluxos?

Para aquele observador externo que decide realizar uma visita fora dos dias ou datas especiais, esses espaços podem proporcionar, ainda que de maneira tímida, uma reflexão a respeito da morte, ao passo que podem percebê-lo como espaço de silêncio por causa da sua quietude, bem como espaços de memória devido às lembranças de algum ente falecido que surgirão no decorrer da caminhada pelos espaços cemiteriais. E, quanto às experiências que esses espaços proporcionam no contexto urbano? Seriam as sensações que as visitas esporádicas e/ou intencionais proporcionam ou a indiferença que a sociedade e, conseqüentemente, o poder público tem para com esses espaços na maior parte do ano?

Para compreender ou buscar respostas para tais questionamentos lancei mão da obra clássica “As Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino (1994) que inspira um novo modo de olhar e refletir sobre a cidade. Nesta obra, Calvino introduz na sua descrição uma interpretação assumidamente subjetiva, ou seja, uma referência relevante para os estudos que utilizam o método de descrição-fenomenológica, especialmente na dimensão urbana.

Um símbolo mais complexo, que me deu as maiores possibilidades de exprimir a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas, foi o da cidade. O livro em que creio que disse mais coisas continua a ser *Le città invisibili* (As cidades invisíveis), porque consegui concentrar num único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjecturas; e também porque construí uma estrutura multifacetada em que cada texto curto está próximo dos outros numa sucessão que não implica uma conseqüencialidade ou uma hierarquia, mas sim uma rede dentro da qual se poderão traçar múltiplos percursos e extrair conclusões plurais e ramificadas." (CALVINO, 1994,89).

Uma das obras mais instigadoras de Ítalo Calvino, “As Cidades Invisíveis” escrita em 1972 é composta de 55 cidades, curiosamente, todas com nomes femininos. Trata-se de um diálogo entre o imperador mongol Kublai Khan, interessado em conhecer seu extenso império e o mercador veneziano, Marco Polo, contratado por ele para descrevê-lo. “Somente nos relatórios de Marco Polo, Kublai Khan conseguia discernir, através das muralhas de seu reino, a filigrana de um desenho tão fino ao ponto de evitar as mordidas dos cupins” (CALVINO, 2003, p. 5).

Para Calvino as descrições das cidades são pequenos poemas sem uma classificação ou organização definida refletindo, dessa forma, a ideia ou imagem das grandes cidades atuais, que estão em constante transformação, num processo contínuo de configuração e reconfiguração urbana. Para Silva (2014), As “Cidades Invisíveis” desperta no leitor um tipo

de **cartografia imaginária**, que se desenha por meio de imagens de cidades reais e de imagens de cidades fictícias, que podem surgir através da consciência do autor. Seria para a fenomenologia aquilo que se chama de **variação imaginativa livre** – procedimento desenvolvido por Husserl (2008) no qual se modifica elementos ou componentes essenciais de um fenômeno, excluindo, incluindo ou substituindo por outros a fim de verificar se o fenômeno ainda permanece reconhecível – a utilização desse procedimento no contexto empírico depende da habilidade do pesquisador no exercício com a ficção, sendo a multiplicação das possibilidades um pré-requisito de identificação das essências ou da essência imutável de um fenômeno (GIORGI, 1997).

Nesta perspectiva, se identifica na obra de Calvino uma descrição-fenomenológica de cidades vivenciadas por ele e cidades que fazem parte do seu íntimo campo das ideias, embora utilize a ficção como gênero textual. Para um melhor entendimento sobre a descrição de Calvino e o que me motivou relacioná-la com esta dissertação, Moreno (2003) explica de maneira simples e concisa a diferença entre uma simples descrição (descrição natural) e a descrição fenomenológica. De acordo com Moreno (2003), a **descrição natural** é a descrição empírica, pura e simples do objeto no qual este é descrito independentemente da consciência. Já a **descrição fenomenológica** – encontrada em “As cidades Invisíveis” e naquilo que busquei alcançar nesta etapa – trata-se de uma descrição do objeto concebido, logo, como objeto intencional da consciência. O objeto enquanto vivido e expresso de maneira subjetiva por meio de um discurso que se encontra no campo epistemológico transcendental.

Não é de minha intenção realizar uma análise aprofundada a respeito desta obra, mas correlacioná-la com a forma descritiva dos objetos de pesquisa elencados. Assim como as cidades de Calvino os cemitérios aparecem nesta dissertação como personagens que possuem diferentes caracteres que compõem e/ou compreendem o espaço urbano teresinense. Apesar dos cemitérios, também, aparecer com temas específicos, posteriormente, realizar-se-á as relações e correlações entre ele.

Realizei, portanto uma cartografia imaginária dos fenômenos estudados. Alimentando-a com imagens dos cemitérios pesquisados e imagens de cemitérios que se encontram fora da escala geográfica definida. Ressalto que, quando falo de imagens refiro-me a descrição do que fora observado, durante o trabalho de campo, em forma de texto, embora algumas fotografias estejam presentes no decorrer desta etapa. As necrópoles aparecem, também, como uma ideia que se encontra em constante transformação, num processo contínuo de construção e desconstrução. Conforme a obra de Calvino, a descrição apresentada a seguir não segue uma ordem hierárquica como forma de priorizar um espaço em detrimento

de outro, mas uma sequência traçando as múltiplas configurações dos espaços cemiteriais escolhidos.

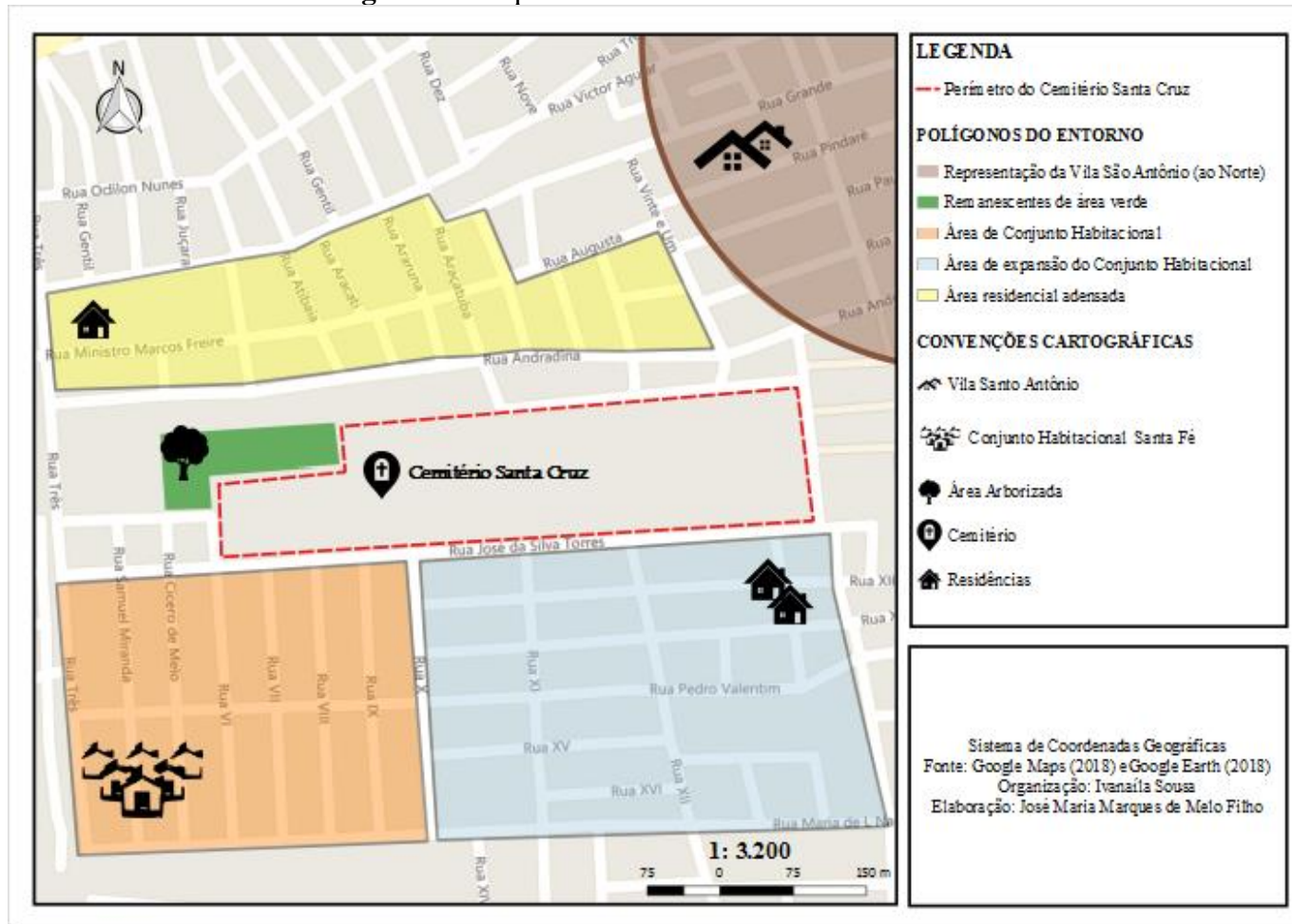
Dessa forma, o que veremos nesta seção, inspirada na obra de Ítalo Calvino, será a descrição fenomenológica dos espaços estudados, com a intenção de levantar impressões e imagens dos fenômenos a partir da escala humana e da escala desenvolvida no consciente, bem como algumas análises sobre as percepções intuitivas desses cemitérios no contexto urbano do qual fazem parte.

3.1 Santa Cruz: o cemitério e o medo

Não é feliz, a vida em **Raissa**. (...) E no entanto, em Raissa, a cada momento há uma criança que de uma janela ri (...) Mesmo em Raissa, cidade triste, corre um fio invisível que liga um ser vivo a outro por um instante e a seguir se desfaz, e depois torna a estender-se entre pontos em movimento desenhando novas rápidas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem sabe que existe (CALVINO,2003, p. 62-63).

Para quem visita pela primeira vez o cemitério Santa Cruz, equivocadamente tenta acessá-lo pelo bairro (conjunto habitacional Planalto Santa Fé) que demonstra uma configuração espacial mais ordenada e de fácil locomoção, no entanto se depara com o murado do fundo desta necrópole e a Rua José da Silva Torres completamente deserta (Figuras 2 e 3). Quando se fala do cemitério Santa Cruz, geralmente, aconselham a tomar cuidado. Imaginava que este comportamento fosse derivado de algum tabu incutido na mente das pessoas em relação ao espaço que é permeado de simbologias e lendas, porém o que antes os cemitérios pareciam, para aqueles que os estudam, ser um dos espaços mais silenciosos e calmos da cidade, ao visitar o cemitério em questão compreende-se os motivos pelos quais aqueles que moram nas proximidades reagem com receio a este espaço.

Figura 2. Croqui do entorno do cemitério Santa Cruz



Croqui: elaborado por Filho, 2018.

Figura 3. Rua José da Silva Torres**Fotografia:** Elaborada pela autora (2018)

O fundo do cemitério chama atenção por causa do desabamento do muro, dando acesso ao local de maneira informal (Figura 4.). Alguns moradores utilizam essa “entrada” para cortar caminho e chegar ao outro lado do cemitério. Se este cemitério se localizasse numa área central da cidade, certamente aquele muro danificado chamaria atenção de qualquer um que passasse, especialmente, da administração pública. Isto porque a sociedade nem sempre lida com o fenômeno morte de forma tranquila. Os muros dos espaços cemiteriais tentam esconder as lápides que contrastam com o burburinho da vida cidadina.

Ao longo do século XVIII, medidas sanitaristas obrigavam a construção dos cemitérios nas áreas externas à cidade. Tratava-se de ações de prevenção a disseminação de doenças. Contudo, com o processo de crescimento da população urbana esses espaços acabaram sendo incorporados às áreas centrais. Tal fato não é diferente em Teresina.

Entretanto, já é possível observar no Brasil, por exemplo, tentativas de retirada dos muros das necrópoles, substituindo-os por grades, com a intenção de valorizar o verde e o aspecto histórico do espaço. Uma iniciativa da prefeitura de São Paulo durante a administração de Fernando Haddad, em 2015.

Figura 4. Muro caído encontrado no cemitério Santa Cruz



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

Para buscar a entrada principal, a partir deste ponto, é preciso contornar todo o cemitério. O processo se dificulta quando se depara com ruas sem pavimentação e sem saídas. Alguns moradores sentem dificuldade de explicar ou ensinar a entrada, parecem alheios àquele espaço, embora faça parte do seu dia a dia. É possível perceber, pelo caminhar, as diferenças existentes entre a configuração espacial da parte que se encontra o conjunto habitacional Santa Fé e a configuração espacial da parte em que se encontra a Vila Santo Antônio. De fato, para quem visita pela primeira vez, só consegue sair deste labirinto e chegar ao local com a ajuda de algum morador disposto a ensinar o caminho.

Para quem se encontra no lado sul do cemitério, ou seja, por trás dele, só é possível acessá-lo retornando à Rua 11 de junho, uma das que permite o acesso ao conjunto Santa Fé. Nota-se nessa rua uma grande quantidade de casas à venda. Parte da população que reside nas imediações do cemitério age com desconfiança quando observa pessoas estranhas à vila. A atitude sugere que se trata de um local hostil.

Após passar por ruas sem pavimentação, com galerias correndo a céu aberto, o que aumenta o risco de desabamento devido ao estado de degradação e falta de infraestrutura, encontra-se a rua que dá acesso a entrada do cemitério, a única com pavimentação asfáltica. A rua Araçatuba, que mais parece um “tapete”, tem a aparência de algo improvisado pela prefeitura, de forma a permitir a passagem do cortejo fúnebre. Todo o espaço próximo ao portão principal está degradado, com aparência de abandonado (Figura 5). Evidentemente,

não tem como esperar algo mais organizado, uma vez que está incluso, espacialmente, em uma área social de indivíduos excluídos.

Figura 5. Mosaico do espaço que dá acesso ao cemitério Santa Cruz



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

A alameda principal do cemitério Santa Cruz é composta de pavimentação flexível revestida com pedras granuladas e cimento (Figura 6). A partir deste campo de visão é possível perceber o direcionamento das sepulturas, todas para o poente, uma prática comum da cultura ocidental.

Figura 6. 1) Entrada do cemitério, 2) Direcionamento das sepulturas



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

As sepulturas são simples. Parecem todas iguais, a maioria delas revestidas de cimento e azulejo, sem grandes demonstrações de *status* e poder, haja vista a morfologia urbana na qual está inserida.

A manifestação mais expressiva que se pode perceber em uma sepultura em relação à outra são os signos (Figura 7) no qual a estrela indica que naquele local está sepultado um adepto da religião protestante. A cruz denota que ali está sepultado um indivíduo católico.

O cemitério possui entorno de 22 quadras, sem um ordenamento ou organização, com exceção das alamedas principais. É considerado o maior cemitério de Teresina e é possível perceber pelas distâncias entre uma sepultura e outra e pela vista que se perde no horizonte (Figura 8).

O prédio da administração e a capela encontram-se na área central do cemitério. A capela reflete a natureza humilde do local e manifesta a predominância da religião católica. As imagens de crucifixos, de Jesus Cristos e de santos católicos nas paredes lembram uma casa do interior do sertão e a devoção dos nordestinos (Ver figura 9).

Figura 7. Signos Religiosos



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

Figura 8. 1) espaçamento de uma sepultura para outra. 2) Horizonte do cemitério



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

Figura 9. Parte interior da capela do cemitério Santa cruz



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

A necrópole enquanto local sagrado é identificada por outros signos, entre eles a presença de um cruzeiro, local no qual as pessoas acendem velas e fazem orações. O cruzeiro do cemitério Santa Cruz se apresenta numa altura relativamente baixa, quando se compara com outros cruzeiros de espaços cemiteriais. Feito de madeira e sem suntuosidade (Figura 10).

Com relação ao estado de conservação a degradação não se restringe aos muros e a parte exterior do cemitério. Na capela e sala onde funciona a administração é possível observar paredes danificadas. O interior desses locais é bem simples, não havendo objetos de valor. Isto coaduna com a sensação de insegurança que existe na atmosfera.

Figura 10. Cruzeiro do cemitério Santa Cruz

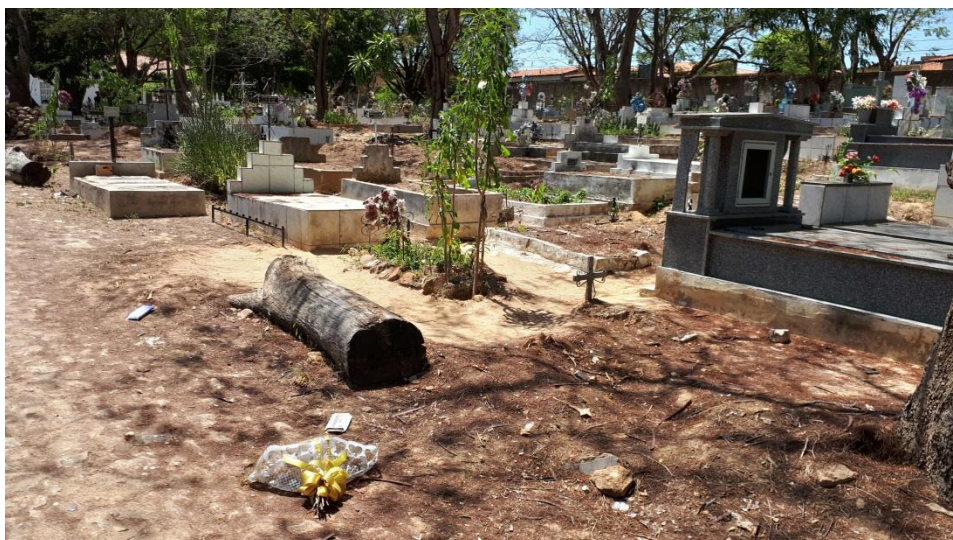


Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

Voltando para o interior do cemitério, depara-se constantemente com bancos improvisados feitos com troncos de árvores (Figura 11.). Assentos formais são quase inexistentes no local, assim como lixeiras. Observa-se um banco e uma lixeira próximos à Capela. Mas a localização dos mesmos indica que são pouco utilizados.

Como é possível um cemitério daquela dimensão com tantas árvores não possuir espaços para descanso?

Figura 11. Bancos de troncos de árvores encontrados no cemitério Santa Cruz



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

Os trabalhadores parecem estar sempre desconfiados com quem quer que esteja no local. Não gostam de falar e permanecem, constantemente, de cabeça baixa como se não quisessem se manifestar em relação ao que acontece no dia a dia. Parecem esconder ou ser cúmplices de algo. Suponha que este “algo misterioso” que os trabalhadores deste cemitério escondam e que permeia a atmosfera do espaço seja a constante violência que fora relatada por um deles.

Todos os dias, como em qualquer cemitério é possível presenciar sepultamentos, entretanto, no cemitério Santa Cruz, estes chamam atenção pela pouca quantidade de pessoas presente nos cortejos fúnebre, a maioria com no máximo 3 ou 4 parentes ou amigos do morto (Figura 12).

Figura 12. Sepultamento típico do cemitério Santa Cruz



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

Geralmente, durante o sepultamento, há um silêncio que paira no espaço, porém não se trata de um silêncio em respeito ao momento que é típico dos rituais fúnebres. Trata-se um silêncio que demonstra tensão e medo por parte daqueles que ali estão presentes.

Durante as incursões no cemitério Santa Cruz a sensação que tive foi de temor e insegurança. Isto dificultou para que meus sentidos pudessem perceber algo além da fronteira do medo, embora os cemitérios me transmitam certa tranquilidade. Na primeira visita, em que estive acompanhada de colegas, assim que entramos no local e procuramos contato com os

trabalhadores informais do cemitério fomos abordados por um jovem senhor pedindo para termos cuidado, especialmente, quando fôssemos sair, pois, segundo ele, estávamos sendo monitorados por três homens que se encontravam do lado de fora. O medo que eu e meus colegas sentimos ao entrar na Vila Santo Antônio se intensificou após esta fala. Contudo, necessitava realizar o trabalho de campo, apesar das circunstâncias exigirem a nossa retirada.

O medo do desconhecido é natural, especialmente, quando nos encontramos em espaços estranhos ou alheios aos nossos sentidos. Aventurar-se por eles é como “um andar com vendas nos olhos sobre uma ponte estreita”. Embora necessitemos dos sentidos apurados e de ficarmos mais atentos, o estado emocional provocado pela consciência que se tem diante do perigo limita qualquer capacidade perceptiva. Não conseguia observar de maneira contemplativa os aspectos aprazíveis do espaço, como por exemplo, o silêncio, as sombras das árvores, os pássaros e etc. O medo é um componente específico deste espaço cimiterial que dificulta a busca pela sua essência.

Os sepultamentos que presenciei fora diferente de tudo que já vira antes. Como citado anteriormente, existe um silêncio que incomoda, como se algo a qualquer momento fosse acontecer. Isto é reforçado pelas falas de uma das trabalhadoras locais; “aqui, quando tem enterro tem bala” – troca de tiros – “tem roubo de defunto”, “é cemitério que morto nenhum quer, mas me acostumei, é de onde tiro meu sustento e dou graças a Deus por ter esses mortos aqui”. Naquele dia um sepultamento me chamou atenção. Era o de uma mãe enterrando seu bebê, sem a presença do pai. Participava do sepultamento, além da mãe apenas de duas figuras femininas.

Enquanto eu observava o rapaz da funerária que havia levado o corpo me abordou com a seguinte fala: “é triste não é? Você viu que ela está com uma tornozeleira eletrônica?” De fato, minha percepção ficou tão limitada com o espaço que não havia reparado antes e se ele não tivesse dito passaria por mim despercebido. Perguntei a ele se tinha outro cemitério na capital parecido com o Santa Cruz em termo de insegurança. Ele falou imediatamente que era o cemitério Renascença. “- Lá é bem pior, tem dia que eu não consigo entrar. Nós costumamos levar o corpo só no período da manhã e, geralmente, pedimos o reforço da polícia”. Ele ainda completou com outra fala vindo de sua experiência de vida. “- Eu sou de Recife. Também trabalhava em uma funerária de lá e nunca na minha vida tinha visto algo parecido com o que acontece aqui”. Ao passo que a mãe do bebê enterrado se deslocava do local em direção a saída, um coveiro se entusiasmava em espalhar para aqueles que estavam ali, que o bebê havia morrido de tanto a mãe usar droga.

O cemitério Santa Cruz não chama atenção pela sua organização ou estruturas abandonadas, mas pela tensão social e os conflitos de território que existem no espaço. Não se sabe se aquele cemitério resiste ou se é palco de problemas sociais. Por dentro parece bem organizado e relativamente bem cuidado. Visto por uma perspectiva panorâmica, a área verde que o espaço proporciona parece um componente importante para o equilíbrio ambiental urbano no que diz respeito, por exemplo, na contribuição da diminuição das temperaturas elevadas e no aumento da umidade local.

No entanto, quando me encontrei neste espaço cemiterial não consegui apreender esta característica específica das necrópoles - que é a dimensão ambiental - devido à insegurança e ao medo. Trata-se de um cemitério municipal e, como a maioria dos cemitérios no Brasil, nasceu clandestinamente, mas que ainda possui características de um espaço clandestino e/ou um espaço dos excluídos. Assim como a cidade **Raíssa** de Calvino o cemitério Santa Cruz é um espaço contraditório devido às relações socioespaciais que alteram a percepção e vivência daqueles que a visitam.

3.2 São Judas Tadeu: o cemitério e a memória

Partindo-se dali e andando três dias para Levante o homem encontra-se em **Diomira**, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas pavimentadas a estanho, um teatro de cristal e um galo de ouro que canta no alto de uma torre todas as manhãs. Todas estas belezas o viajante já as conhece por tê-las visto também noutras cidades. [...] quem lá chegar numa noite de Setembro [...] lhe apetece invejar os que agora pensam que já viveram uma noite igual a esta e que então foram felizes (CALVINO, 2003 p. 5).

As avenidas que dão acesso ao cemitério São Judas Tadeu são as mais largas e movimentadas da cidade. Com pavimentação asfáltica semirrígida e infraestrutura privilegiada. Encontra-se na morfologia urbana na área central da cidade, bem como numa área especializada na qual se concentram estabelecimento bancários, concessionárias de carros e comércios do setor agrícola. Além disso, é a única região da cidade onde reúne os *shopping's center's* de Teresina. Possui, portanto uma localização, atualmente, privilegiada. (Figura 13).

Figura 13. Croqui do entorno do cemitério São Judas Tadeu



Croqui: Elaborado por Filho (2018).

O cemitério São Judas Tadeu possui acessibilidade fácil, seja por transporte particular, transporte coletivo ou a pé, uma vez que o espaço se encontra em meio a um ordenamento espacial no qual a presença do estado e do capital é presente. Para chegar a esta necrópole é necessário acessá-la pela Avenida João XXIII, no bairro dos Noivos.

Um dos cemitérios públicos mais preservados da capital, São Judas Tadeu possui muros relativamente baixos e um portão central gradeado com a presença de uma cruz preta que simboliza o espaço sagrado. É um espaço edificado, não somente para sepultamento, mas também para a vivência do luto (Figura 14 e 15).

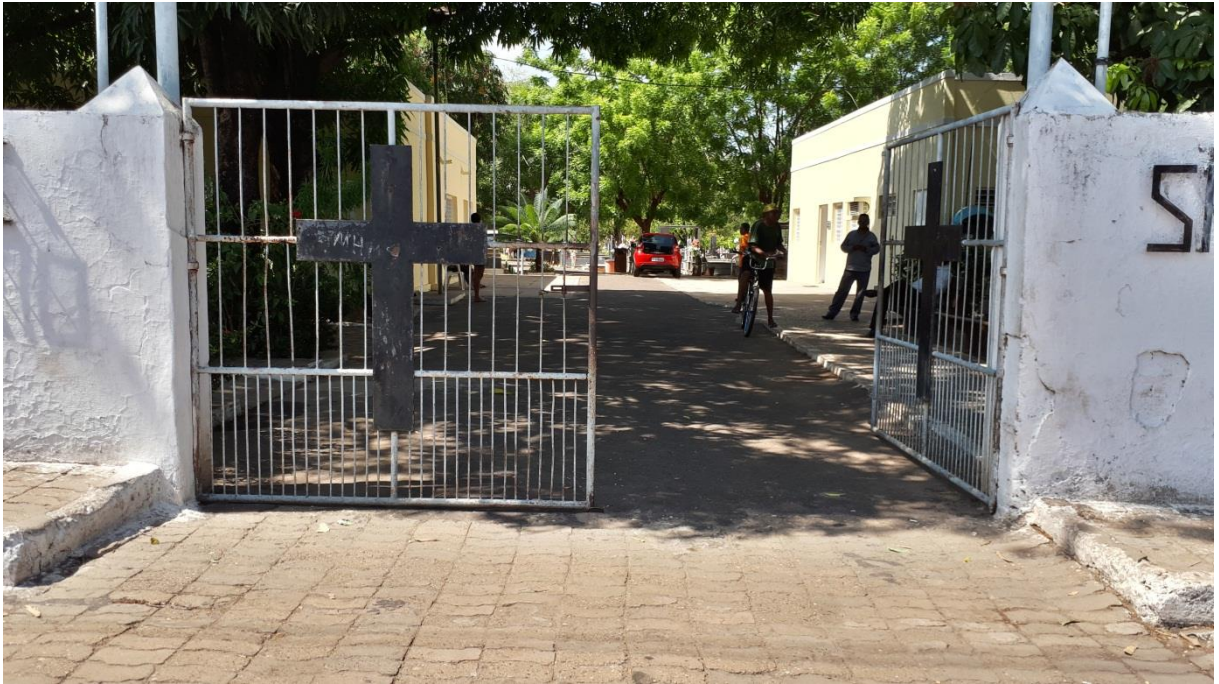
Os muros baixos e o gradeado aberto demonstram uma tentativa, daqueles que o edificaram, de não escondê-lo e, fazê-lo presente na paisagem urbana da cidade. Embora o cemitério em questão possa ser ignorado por muitos, que constantemente passam em frente a ele, haja vista o grande fluxo de carros e transeuntes, São Judas Tadeu está para além de um simples equipamento urbano. É um espaço cemiterial presente, um personagem que compõe e faz parte da essência da cidade, assim como o cemitério São José localizado na zona Norte de Teresina que tem importância equiparada ao São Judas Tadeu.

Figura 14. 1) Portão de entrada do cemitério São judas Tadeu 2) Muros Baixos. 3) Avenida João XXIII



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 15. Portão de Entrada do São Judas Tadeu



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Para quem se encontra todos os dias nas proximidades do cemitério São Judas Tadeu, ou para aqueles que simplesmente passam em frente a este espaço, é possível presenciar funerais que saltam aos olhos, com carros fúnebres, muitos deles luxuosos, acompanhados de uma procissão de outros carros que demonstram o *status* social do qual o morto fazia parte. A Avenida João XXIII é uma verdadeira passarela para os cortejos fúnebres, que se tornam um evento a cada momento que alguém é enterrado nesse espaço.

Ao entrar no cemitério São Judas Tadeu o visitante se depara tanto com a sede administrativa quanto com a Capela (Figura 16). Diferente da maioria dos cemitérios municipais, o São Judas Tadeu possui, também, um espaço ecumênico reservado para velórios vinculado a outras crenças. Esta característica é tão incomum em cemitérios municipais quanto a presença de banheiros e ar-condicionados. É um espaço cemiterial que realmente condiz com sua morfologia urbana.

Figura 16. 1) Parte externa da capela principal. 2) Interior da capela



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

A alameda principal é revestida de pavimentação asfáltica semirrígida, parecida com as avenidas da cidade. São alamedas e ruas que te convidam para um passeio agradável, apesar de se tratar de um espaço cemiterial. (ver figura 17).

Figura 17. Alameda principal do São Judas Tadeu



Fotografia: Elaborada pela autora (2018)

As sepulturas possuem a mesma organização dos demais cemitérios, localizadas em quadras e com suas direções para o poente, como se em algum dia os mortos, que ali se encontram, ressuscitariam no amanhecer em direção ao nascer do sol, uma vez que é um costume cultural os corpos serem enterrados de costas para o poente (Figura 18).

Figura 18. 1) Disposição das sepulturas; 2) Sepultura com epitáfio: “Deste túmulo Ressuscitarão”



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Os túmulos são de caráter monumental. A maioria revestida de mármore. É possível contemplar alguns túmulos e a arquitetura destes, ora clássica, ora moderna (Figura 19 e 20). Elas expressam, não somente a religiosidade, mas o *status* social de cada indivíduo. Algumas com características dominantes, outras com suas particularidades de resistência. Ser um morto ou ser enterrado no cemitério São Judas Tadeu parece ser um privilégio e uma “festa”, na qual a morte não seria uma surpresa e os rituais fúnebres já estariam encomendados dias antes, com homenagens de amigos e parentes, bem como atendendo, até mesmo a vontade do morto.

Figura 19. Sepulturas tradicionais encontradas no São Judas Tadeu



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 20. Sepultura com uma arquitetura moderna



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Outra característica interessante concernente às sepulturas são as manifestações culturais de extensão da vida, como por exemplo, a presença de um túmulo que chama atenção pelas oferendas em forma de golfinho e cata-vento coloridos remetendo à infância. (Figura 21).

Figura 21. Sepultura com oferenda em forma de golfinho e cata-vento.



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

A sepultura de Camila Abreu – vítima de feminicídio, que gerou comoção popular na cidade - é outra que desperta a curiosidade devida a presença marcante da cor rosa (Figura 22), que pode sugerir a escolha pela cor preferida do morto ou uma manifestação cultural para deixar registrado ou tornar público os crimes cometidos contra mulheres, bem como representar a fragilidade feminina diante à violência.

Há, também, a presença da territorialidade, outra característica que se evidencia em algumas sepulturas (Figura 23, p. 70). É assinalada por túmulos cercados por grades como se quisessem declarar ou delimitar um patrimônio.

Figura 22. Sepultura de Camila Abreu



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Explorando o cotidiano do São Judas Tadeu observa-se poucos trabalhadores informais, que zelam e limpam os túmulos. A pouca quantidade de operários é em decorrência à própria extensão do espaço cemiterial, que é um dos menores da capital. Além disso, percebeu-se uma característica particular desses trabalhadores. As feições destes, ainda que cansadas, expressam tranquilidade e bem estar. Embora pareça um trabalho insalubre, devido às condições que muitos cemitérios públicos se encontram, no São Judas Tadeu aqueles que trabalham zelando sepulturas demonstram fazer mais por livre vontade ou por causa de herança do ofício dos pais, do que por uma exclusiva necessidade econômica.

O espaço é bem zelado, sombreado e agradável. Verificou-se a presença da polícia municipal, entretanto questiona-se tal presença, uma vez que o cemitério encontra-se em uma região com baixos índices de violência comparado aos cemitérios da periferia. Seria uma maneira de esconder o que existe nos extremos de Teresina - nas regiões periféricas - uma vez que por se tratar de um cemitério de área central da cidade, estes são mais vistos devido ao fluxo de pessoas, no local, que é mais intenso.

Figura 23. A territorialidade em sepulturas no São Judas Tadeu



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 24. Bancos e praça do cemitério São Judas Tadeu



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

No cemitério São Judas Tadeu, além da existência de bancos da entrada até o final, há uma área que possui características típicas de uma pracinha (Figura 24), com bancos sombreados, conservados e uma vista panorâmica do espaço. Isto contribui para uma característica marcante dos espaços cemiteriais, que é aquela que proporciona por meio do encontro entre vida e morte uma reflexão, ou seja, aquilo que dá a estes locais a particularidade de espaços de memória e reflexão.

Os sepultamentos ocorrem diariamente, e estes chamam a atenção por serem cortejos fúnebres com grande quantidade de familiares e amigos. O silêncio é de sacralidade.

A maioria deles são sepultamentos tranquilos com cânticos e preces, raramente, se ve sepultamentos com sofrimento ou lamentações, sepultamentos, assim, só ocorrem quando a morte se dá de maneira trágica e/ou inesperada. Aqueles que são sepultados no São Judas Tadeu, geralmente, são mortos que já vinham de uma preparação para a morte, seja pela idade (idosos) ou por se tratar de algum paciente terminal. Isto explica o amadurecimento do luto nestes sepultamentos. O respeito e o silêncio se sobressaem em relação ao choro. Além disso, é um evento. Alguns contendo a presença de um padre ou pastor. Ao deixarem os rituais de reverência ao seu morto, registra-se nos túmulos uma quantidade considerável de homenagens e coroas de flores exuberantes.

As visitas ao cemitério Santa Cruz deixaram um certo desânimo em relação ao trabalho de campo que deveria ser feito posteriormente. As boas recordações de infância em que eu visitava o cemitério D. Bosco, acompanhada pela minha avó foram esquecidas por alguns dias. Já não me sentia num lugar confortável e parecia que a pesquisa havia perdido seu sentido devido à angústia que senti naquele espaço. Questionava-me se os cemitérios eram apenas um equipamento urbano? Existia uma outra função importante que não fosse a simples função de descarte de corpos, como o cemitério Santa Cruz transmitia ao visitante observador?

Apesar da indiferença que sentia naquele momento parti na esperança de encontrar um espaço totalmente distinto do primeiro, que pudesse apresentar outros componentes e se fizesse reconhecer como espaço cultural, sagrado e necessário. Foi o que encontrei durante as experiências vividas no cemitério São Judas Tadeu. Devido à sensação de segurança conseguia ter minhas percepções mais aguçadas, de maneira que diferentemente do cemitério Santa Cruz, no São Judas Tadeu eu conseguia ouvir o cantar dos pássaros e o cheiro das velas. Não se tratava apenas de um caminhar pelo cemitério, mas de um passeio aprazível.

As sensações que registrei foram a de tranquilidade e nostalgia. Parecia que eu estava revivendo uma parte da minha história como, quando eu visitava com minha avó o cemitério no qual estavam sepultados nossos familiares. O mesmo cheiro, o mesmo som, só não a mesma vista, embora ambos sejam do tipo monumental.

Na visita que tive o acompanhamento de outros sujeitos, pude perceber que diferentemente da visita ao Santa Cruz, no cemitério São Judas Tadeu, esses sujeitos observavam o espaço com mais atenção e silêncio. Os olhares, por muitas vezes, se perdiam no tempo e no espaço, pareciam olhares catatônicos, como se estivessem presos em memórias ou numa reflexão profunda. Num determinado momento, perguntei a um deles o que ele

estava pensando e tive como resposta a seguinte fala; “Não sei. É tão estranho (pausa), você está vivo, hoje, e daqui a algumas horas você pode estar sendo sepultado aqui. Olha o tanto de gente que já se foi!”. É uma fala que demonstra a reflexão do sujeito perante o local e o que dá uma das características peculiares a estes espaços.

Os sepultamentos, também, divergiram daqueles feitos no Santa Cruz. No cemitério São Judas Tadeu ser sepultado parece uma festa a começar pelo cortejo que chega ao local, com muitos carros com muitos familiares e amigos do morto. Na maioria dos sepultamentos nesse espaço, as pessoas entram no cemitério não com uma expressão de lamúria, mas parecem estar tranquilos em relação ao acontecimento. Numa das visitas pude acompanhar de longe um sepultamento. O carro fúnebre parou no interior do cemitério, precisamente, na entrada. A partir daí, homens bem vestidos, com camisas predominantemente na cor branca, retiraram do carro o caixão. Quatro homens carregavam as alças, enquanto outros as coroas de flores, atrás de cabeças baixas acompanhavam algumas mulheres e jovens com velas, terços e flores nas mãos. Mais atrás um grupo que conversavam de forma descontraída sobre o cotidiano particular deles. Numa dessas conversas soou uma fala irreverente. “- Só morrendo alguém da família pra gente se encontrar (risadas)”.

Acompanhei até a metade do caminho. Um dos trabalhadores do cemitério falava para outro que se tratava de um militar que estava doente fazia dias e não resistira. A fala se confirmou pelo toque de silêncio ao som da melodia conhecida como *Taps*, tradicional ritual dos funerais militares. (Ouvir música em <https://www.youtube.com/watch?v=Bfe4TxvUOiw> "*Taps*" performed in Arlington National Cemetery). Foi uma experiência diferente de tudo que já presenciei nesses espaços. O toque de silêncio da canção me provocou calafrios e emoções que nunca mais esquecerei. Ser sepultado no São Judas Tadeu é um evento de fato.

Após acompanhar o sepultamento fiquei mais alguns minutos apreciando a paisagem, de longe observava uma senhora que caminhava em direção à saída. Durante poucos instantes ela parou e descansou à sombra de uma árvore, em silêncio e com os olhos cerrados. Não sei se procurava um túmulo ou se refletia sobre a vida daqueles que partiram.

Ao se aproximar um dos zeladores do espaço cemiterial em questão, aproveitei para perguntar a este se no São Judas Tadeu existia algum morto ou sepultura na qual as pessoas frequentavam constantemente para realizar preces, acender velas ou outro tipo de ritual, haja vista que em muitos cemitérios tradicionais é comum a existência de um “santo”, como por exemplo, o túmulo do “motorista Gregório” que é um dos mais visitados no cemitério São José. O zelador disse, prontamente que não, e que a única sepultura na qual algumas pessoas faziam orações devido a imagem de Nossa Senhora e de uma lenda que

existia, era o túmulo de uma senhora chamada Edina Costa Carvalho Mendes. “- Diz o povo que um dia ela tomou um táxi até aqui, desceu e nunca mais voltou para pagar, o motorista saiu do carro irritado e descobriu que ela já havia morrido, aí ele saiu doido do cemitério (risos), mas eu não acredito nisso não.” .

O cemitério São Judas Tadeu é parecido com as experiências que a cidade de **Diomira** (de Calvino), favorece. Existe algo de belo em meio à melancolia do espaço. A ornamentação das sepulturas, a atmosfera com sobras e pássaros, o silêncio de tranquilidade - que só é quebrado pelos sons dos carros que passam nas Avenidas ao lado - e o comportamento em que os trabalhadores exercem seu ofício cantando demonstram estar longe de ser um lugar desagradável. Em muitos momentos me perdia com minhas memórias de infância na qual eu costumava perambular pelo cemitério D. Bosco enquanto minha avó acendia velas e ordenava a limpeza dos túmulos da família. Senti desde o início uma nostalgia e a sensação de já ter vivido aquilo antes.

Ao sair do cemitério, próximo ao local, há uma lanchonete tradicional da cidade, na qual aqueles que acompanham o sepultamento do ente querido se direcionam até ela para lanchar e continuar conversando com amigos e familiares. As expressões do rosto daqueles que acabam de sair de um sepultamento no cemitério São Judas Tadeu é totalmente diferente das expressões tradicionais daqueles que estejam vivenciando o luto. Fala-se de tudo menos da morte.

3.3 Cemitério Parque Jardim da Ressurreição: o cemitério contínuo

Se ao tocar terra em **Trude** não tivesse lido o nome da cidade escrito em grandes letras, pensaria que havia chegado ao mesmo aeroporto onde partira. (...) Era a primeira vez que vinha a Trude, mas já conhecia o hotel em que me calhou entrar; (...) Por quê vir a Trude?, interrogava-me. E já queria partir. - Podes apanhar o avião quando quiseres - disseram-me, - mas vais chegar a outra Trude, igual ponto por ponto, o mundo está coberto por uma única Trude que não começa nem acaba, só muda o nome do aeroporto. (CALVINO, 2003, p.54).

O cemitério Parque jardim da Ressurreição, localizado no bairro Gurupi, encontra-se numa morfologia de transição, entre uma área social e uma área cristalizada. Chama-se atenção para duas características particulares do entorno deste espaço; uma delas é o tamanho dos lotes, que são proporcionalmente maiores do que os lotes comuns, geralmente, encontrados em áreas sociais nas demais regiões da cidade. Isso explica a expressiva quantidade de chacarás e sítios próximos ao local. (Figura 25, p. 78).

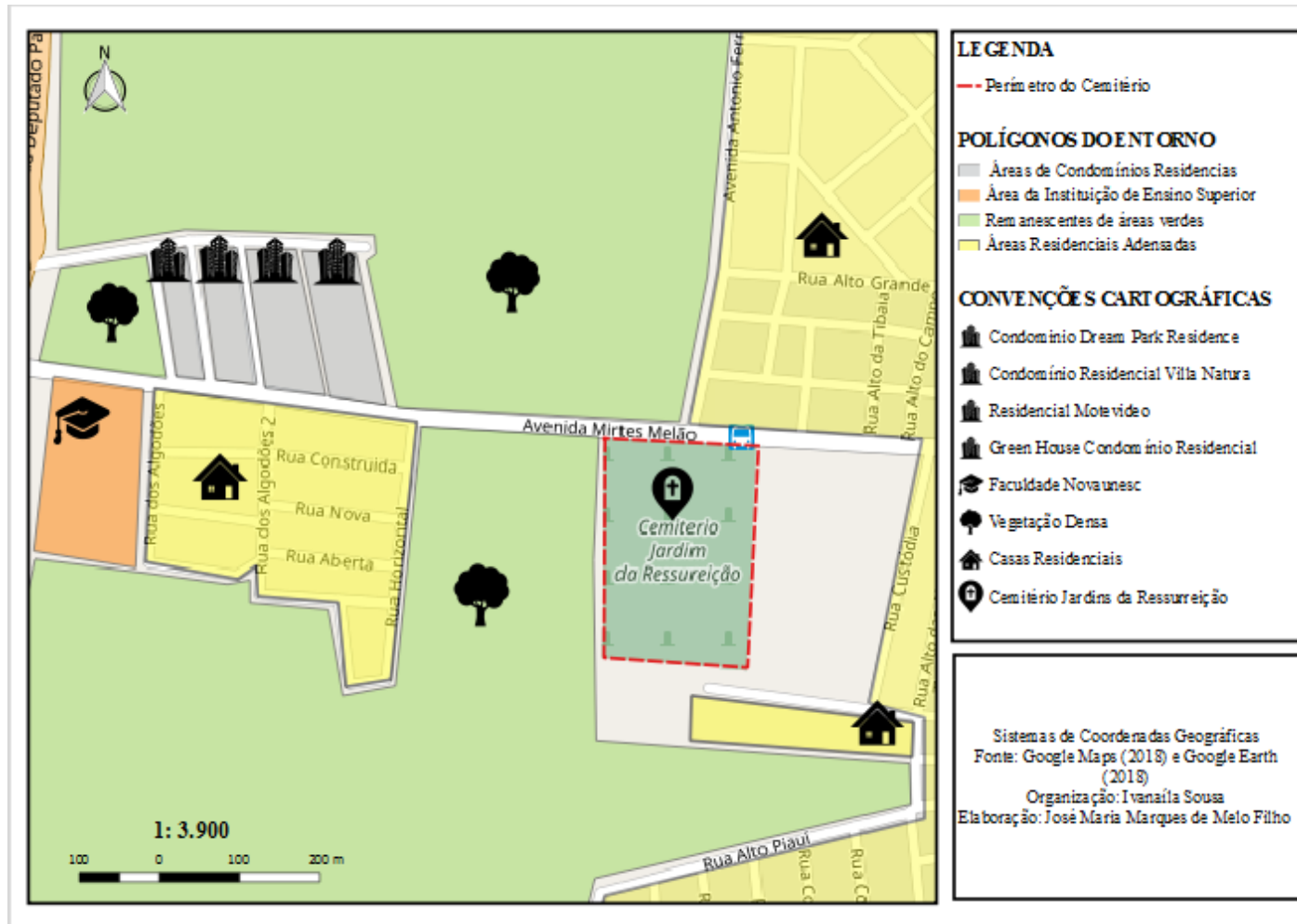
Outra característica particular se refere ao conteúdo das áreas sociais, uma vez que são áreas de segregação voluntária, como se pode constatar por meio dos conjuntos habitacionais mais próximos, o *Dream Park Residence*, o condomínio Residencial Vila Natura, o condomínio Montevideo e o *Green House Residence*. Deste modo o cemitério Jardim da Ressurreição é um reflexo de sua própria morfologia urbana, pois também foi pensado intencionalmente e edificado, por proprietários latifundiários, para fora do perímetro urbano.

O acesso para o cemitério Parque Jardim da Ressurreição se dá pela Avenida Mirtes Leão, esta com asfaltamento semirrígido. A chegada não é difícil, entretanto, por ser um cemitério particular, a distância que este possui em relação a outros pontos da cidade induz que foi edificado num espaço que facilita o deslocamento de automóveis e não de pessoas, nem mesmo transporte coletivo, uma vez que o fluxo de ônibus não é frequente.

O Parque Jardim da Ressurreição, embora tenha características predominantemente modernas, fora idealizado já com algumas referências de uma arquitetura urbana contemporânea, uma vez que não possui muros ao seu redor. No lugar de muros há gradeados, no qual facilita a visão e estimula a percepção de transeuntes que passam do lado de fora desse espaço. A entrada, bem como seu entorno são revestidos por uma mureta de pedras e gradeados que dão um toque estético e, especialmente, valoriza sua fachada. A sua alameda principal é revestida de asfalto semirrígido (Figura 26). Esta alameda vai desde a entrada passando pelo estacionamento - que é amplo - até a sede administrativa. A partir daí, o morto é transportado em seu caixão por ruas estreitas revestidas com placas de concreto (Figura 27). Ruas estreitas o suficiente para a passagem do carrinho funerário.

A entrada é bastante arborizada, no entanto, trata-se de uma arborização com vegetação não natural contendo, por exemplo, Tuias Holandesas que são típicas de climas temperados. (Figura 28. 1). Percebe-se que a arborização da entrada fora implementada mais por motivos de estética - uma vez que se utilizam plantas ornamentais -, do que por motivos de valorização do verde no que concerne o aspecto ecológico ou de equilíbrio ambiental. Ressalta-se, ainda, que na entrada possui placas que orientam o visitante (Figura 28. 2).

Figura 25. Croqui do entorno do Cemitério Parque Jardim da Ressurreição



Croqui: Elaborado por Filho (2018).

Figura 26. Entrada do cemitério Parque Jardim da Ressurreição



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 27. Ruas do cemitério Parque Jardim da Ressurreição



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 28. 1) Tuias Holandesas encontradas na entrada do cemitério Parque Jardim da Ressurreição 2) Placa de orientação do espaço cemiterial



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Ao entrar no cemitério, do lado direito fica a sede administrativa do espaço. Na recepção há *banners* e *folders* indicando os valores dos planos, das sepulturas e das urnas funerárias. É o ponto de vendas. Do lado esquerdo fica uma instalação com lanchonetes, banheiros e salas para velórios (Figura 29). Neste mesmo local ficam os modelos de lápides que já foram encomendados pelos clientes. Os modelos são todos iguais. Muda apenas a cor do mármore. Além disso, o próprio cemitério adverte para que não haja modelos distintos daqueles que eles oferecem. Isto demonstra que não existe a possibilidade de manifestação da identidade particular do morto. (Figuras 30 e 31).

Logo após, há uma área aberta para celebração de missas ou cultos e velórios. Neste espaço contém uma parede decorativa em formato de pirâmide e com uma cruz vazada no meio - fazendo uma referência à religião cristã. Apesar de ser um espaço privado e idealizado para ser ecumênico, existe a predominância religiosa cristã como na maioria dos cemitérios do ocidente. Além disso, é uma tentativa de tornar o cemitério, Parque Jardim da Ressurreição, sagrado. (Figura 32).

Figura 29. Instalação com salas para velório, banheiros e lanchonete



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 30. Lápides padronizados



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 31. Placa de advertência para a padronização das sepulturas



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 32. Presença da simbologia cristã



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Embora os cemitérios jardins sejam idealizados para se apresentarem como espaços ecumênicos, tolerantes a qualquer tipo de crença e sem referências religiosas predominantes, a religião cristã se reafirma neste espaço com a manifestação simbólica, típica de qualquer necrópole ocidental, o cruzeiro. (Figura 33). Este demonstra um estilo peculiar e

artístico. Contudo, a capela que possui uma aparência suntuosa, esta por sua vez, no seu interior, não faz nenhuma referência religiosa. (Figura 34).

Figura 33. Cruzeiro do cemitério Parque Jardim da Ressurreição



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 34. Capela do cemitério Parque Jardim da Ressurreição



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Quanto à organização das sepulturas essas se encontram organizadas em zonas e quadras com tamanhos cuja padronização é rígida. Entretanto, ainda que haja preocupação com uma organização rigorosa, parentes e amigos dos mortos, que ali estão, sentem dificuldades para encontrar a sepultura que procura, devido às semelhanças entre elas. Além disso, percebe-se que não há uma preocupação com a direção das sepulturas neste espaço cemiterial específico. Enquanto que em outros cemitérios a maioria das sepulturas - se não todas - esteja com a direção para o poente, no Parque Jardim da Ressurreição não há essa influência egípcia que costumamos encontrar nos cemitérios tradicionais. (Figura 35).

Figura 35. Sepulturas do cemitério Parque Jardim da Ressurreição



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Ressalta-se, ainda, no que concerne a estrutura do cemitério, o Parque Jardim da Ressurreição é o único da capital que fornece o serviço de cremação (Figura 36), bem como a própria venda de urnas funerárias para as cinzas do morto. São urnas, até o momento, feitas com material de zinco. Destaca-se, que apesar da cremação ser considerada uma das técnicas mais sustentáveis e eficazes de se desfazer do corpo, haja vista, a forma inteligente quanto ao uso e ocupação do espaço urbano e a contribuição no equilíbrio ambiental com a inibição da poluição dos solos, essa alternativa é pouco utilizada na cidade, não por motivos de valores,

mas por uma questão cultural religiosa. Outra estrutura que o cemitério em questão dispõe é o *playground* ou espaço de lazer para crianças (Figura 37), que dá uma leveza ao ambiente e agrega valor material, uma vez que quem o visita, seja para sepultar seu ente querido ou simplesmente para conhecer recebe a mensagem de que se trata de um espaço diferenciado e equipado para eventos.

Figura 36. Crematório do Parque Jardim da Ressurreição



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Figura 37. Espaço de lazer infantil do Parque Jardim da Ressurreição



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

No que diz respeito aos bancos, estes se encontram espalhados por todo espaço, no entanto, sem se localizarem sob nenhuma sombra. (Figura 38). É um aspecto que se afasta das características particulares de edificação de cemitérios Parques, uma vez que como o próprio nome sugere, a área verde deve estar para além de simples gramados, ou seja, deve possuir características paisagísticas de bosques, com trilhas e atrativos naturais. No cemitério Jardim da Ressurreição parece haver um planejamento escasso do verde ou um planejamento pensado para causar uma boa aparência e esconder a devastação da vegetação natural do espaço. O verde se faz presente na entrada e no gramado. No gramado, onde se concentram as sepulturas não existe nenhuma árvore para sombrear os bancos e amenizar a temperatura

elevada da cidade. Dessa forma, pode-se inferir que não há uma preocupação com a essência de um cemitério Parque, tão pouco com o equilíbrio ambiental da cidade.

Figura 38. 1) Gramado onde se encontram as sepulturas do Parque Jardim da Ressurreição. 2) Bancos encontrados no cemitério Jardim da Ressurreição. 3) Visitante com guarda-sol



Fotografia: Elaborada pela autora (2018).

Diferentemente dos cemitérios públicos da capital - cujos únicos trabalhadores formais são o administrador e o segurança (que passa a noite no local) responsáveis pelo espaço cemiterial, já os demais são trabalhadores informais e trabalhadores cuja presença é intermitente como, por exemplo, coveiros de terceirizadas que prestam serviços de sepultamento, não apenas num cemitério específico, mas em todos os cemitérios municipais - no cemitério Parque Jardim da Ressurreição há uma quantidade expressiva de trabalhadores formais, todos uniformizados ou vestidos com a camisa da empresa. São trabalhadores que vai desde a moça da recepção, àquela que cuida da lanchonete, o outro das vendas, os que cuidam das cerimônias, os seguranças particulares, a gerente e os designados para a função de sepultamento e limpeza do espaço. É uma equipe que fica de prontidão para fazer tudo o que estiver relacionado aos rituais fúnebres do seu cliente. O que pode transmitir uma sensação de amparo nos momentos difíceis para aqueles que necessitam desse serviço.

Os sepultamentos do cemitério Parque Jardim da Ressurreição parecem obedecer a um ritual fúnebre já ensaiado. Assim como no São Judas Tadeu, ser sepultado neste espaço pode se tornar um verdadeiro evento ou não, dependendo da vontade do morto ou da família. O número de familiares e amigos também se destaca. Não há por eles uma preferência por cor para representar o luto. O cemitério dispõe sempre da presença de um padre ou um pastor, dependendo da religião ou do desejo da família. Os velórios, geralmente, ocorrem no próprio local, haja vista, que este parece ser um serviço incluso, ou uma parceria entre a funerária mais importante da cidade e o próprio cemitério. Embora todas as lápides sejam idênticas, o que diferencia o *status* social de um morto para outro são os rituais fúnebres. Algumas cerimônias são suntuosas, podendo haver até slides com as fotos e músicas preferidas do morto. No momento da despedida, prestam-se as últimas homenagens, com mensagens de amigos, cânticos religiosos e ladainhas.

Para quem mora numa zona distinta do cemitério Parque Jardim da Ressurreição o acesso é difícil. Por se encontrar numa morfologia de transição entre uma área social e uma área cristalizada, sua localização é distante em relação ao centro da cidade, de modo que as visitas que fiz foram possíveis por meio de transporte particular. Ao chegar ao local, pela temperatura do ambiente, percebi que me encontrava próxima das zonas limítrofes do município. É uma temperatura amena se comparada aos espaços densamente urbanizados. A paisagem percebida pela visão também é distinta daquela de costume. Neste espaço é possível contemplar o horizonte e a sensação é de estar num campo com aspecto bucólico.

O portão de entrada do cemitério fica aberto durante o dia e parecia me convidar para uma visita. As muretas com gradeados abertos, ao mesmo tempo em que me permitiu a visão antecipada do espaço, me instigaram a conhecer um espaço cemiterial diferente dos cemitérios tradicionais que já conhecia. Fiquei imaginando que talvez essa fosse a ideia de quem os idealizou e, especialmente, daqueles que pregam uma cidade sem muros. Há, sem dúvida, uma intenção por traz disso e a primeira que me veio à mente é a de que o cemitério quer transparecer para os que estão do lado de fora que seu espaço é acessível a todos. No entanto, essa acessibilidade não é dada no sentido amplo da palavra, uma vez que trata-se de um espaço particular e com um sistema de segurança rígido, no seu interior.

Percorri pela alameda do portão principal. A alameda mais larga que já havia presenciado num espaço cemiterial. A guarita do lado esquerdo - com vidro incolor e tonalidade próxima do verde - dava a impressão de que eu estava entrando num condomínio de classe média. O estacionamento é bem amplo, correspondente ao perfil social daqueles que compram sepulturas e/ou contratam seus serviços. A capela salta aos olhos. É impossível

passar pelo estacionamento sem percebê-la. Devido ao seu desenho arquitetônico e a porta da entrada principal ser larga e alta, a capela foi a primeira instalação que observei do estacionamento.

O caminho que leva até a administração é cercado de verde. Uma tentativa de se parecer com um bosque, entretanto observei poucas árvores naturais. O que se destacou aos meus olhos foi o verde das Tuias Holandesas, talvez por entender que se tratava de um verde forçado, incrementado para conquistar clientela, por isso não me sentia num ambiente natural, mas num ambiente artificial, embora pudesse ouvir pássaros cantando no espaço. Ressalto que, somente no espaço que vai da entrada ao cruzeiro, que segue, precisamente, uma linha reta é possível contemplar o verde e o canto dos pássaros. Quando adentrei no local que ficam as sepulturas, o que vi fora uma devastação total da natureza daquele espaço. Uma paisagem totalmente destoante da ideia de parque.

Os funcionários estão sempre muito solícitos, um, em especial, fica na porta da administração recepcionando e indicando os *folders* de propaganda. Perguntou se eu e meus colegas estávamos procurando alguma sepultura e se precisávamos de ajuda, respondi que não, e que estava apenas visitando, de prontidão ele respondeu; “pois caso queiram conhecer nossos planos, vocês podem pegar o folheto alí na mesa ou falar diretamente comigo, fiquem à vontade”.

Mais à frente observava uma senhora dando ordens e cuidando dos detalhes de alguma cerimônia que em breve iria acontecer. Do lado esquerdo estava um dos seguranças que de onde estava tinha uma visão geral do espaço. Demonstrava-se atencioso e apreensivo, Fardado e com uma das mãos segurando o *walk talk* – instrumento para comunicação com os demais seguranças. Por um caminho que dava acesso a uma das quadras passavam aqueles funcionários que cuidavam da limpeza e dos sepultamentos. Eles aparentam sempre estar muito apressados.

Ao acessar uma das quadras na qual se localizam as sepulturas, deparo-me com uma senhora, sozinha, sentada numa cadeira de frente para a sepultura do seu ente querido, com um terço numa mão e um guarda-chuva, na cor preta, na outra. Este último parece ser oferecido pelo próprio cemitério, uma vez que a maioria daqueles que visitam o Parque Jardim da Ressurreição está sempre com um guarda chuva parecido. A mulher parecia buscar um consolo e alento naquele local. Poder ter a consciência de onde os restos mortais do seu ente querido se encontram é uma maneira de se sentir seguro e confortável.

Os sepultamentos lembram as cerimônias fúnebres das novelas. Estes me chamaram atenção pelo uso dos guarda-chuvas pretos, que escondem a característica de um

espaço não aprazível do ponto de vista ambiental. Impossível me sentir num ambiente acolhedor e agradável quando este não possui uma sombra para o descanso. Como eu conseguiria refletir sobre a vida e a morte sentada num banco debaixo do sol de outubro em Teresina? Já sobre o crematório assim como a capela ecumênica, por não serem muito utilizados, tive a impressão que se tratavam de equipamentos ociosos. Assim como os clientes daquele cemitério dão preferência pelo método do sepultamento, eles também preferem realizar as cerimônias fúnebres como, missa e velório, no espaço aberto que fica próximo à parede com o símbolo da cruz vazada (Ver figura 32, p. 83). É um comportamento que indica que a população possui fortes vínculos com a religião cristã e que um espaço ecumênico parece não representá-los ou simplesmente não interligá-los ao sagrado.

Outra característica distinta dos cemitérios tradicionais é a direção da posição que ficam as sepulturas. Elas não adotam o costume ocidental de ser enterrado com os pés para o nascer do sol. A posição das sepulturas fica direcionada para as ruas que cortam as quadras. Como toda sepultura é parecida, ou seja, adotam o mesmo modelo, compreende-se porquê os funcionários sempre se preocupam em ajudar a encontrar a sepultura do ente querido do seus clientes. Como a cidade de **Trude**, o cemitério Parque Jardim da Ressurreição é caracterizado pela falta de identidade na qual o morto ou os familiares não podem expressar materialmente sua cultura, uma característica típica da globalização. Trata-se de um espaço mordenizante e homogêneo, que se torna contínuo justamente por não conseguirmos diferenciar um cemitério desse tipo de outro, pois as paisagens são semelhantes de tal maneira que chegamos a confundi-las. Isso explica, por exemplo, a dificuldade de encontrar as sepulturas no espaço.

4. OS CEMITÉRIOS NA GEOGRAFIA URBANA: do imanente ao transcendente

Nesta última seção de investigação dos fenômenos abordou-se, inicialmente, como se deu o processo de idealização e formação das necrópoles no espaço geográfico para então analisar, por meio da imaginação livre e da percepção intuitiva, as essências em comuns encontradas em cada cemitério durante os estudos de campo, ou seja, intuí os elementos particulares aos espaços cemiteriais estudados com a finalidade de se chegar à essência universal destes. A partir da descoberta da essência geral pelas particulares, ao mesmo tempo, realizou-se o processo de conexões básicas entre as essências. Deste modo, revelaram-se aqueles elementos necessários para que a essência permaneça como tal e aqueles cuja presença ou ausência podem desconfigurá-la.

4.1 A morte desenha um espaço

Os cemitérios são objetos úteis para a sociedade ocidental. Podemos encará-los como elementos técnicos construídos pelo homem ocidental, com o objetivo de se ocultar o cadáver. Por se enquadrar como elemento técnico, foi desenvolvido por uma técnica e esta aprimora-se no decorrer da história. Para Santos (2008), as técnicas são conjuntos de meios instrumentais e sociais com os quais o homem produz seu espaço.

Ao longo do tempo e das consequentes ressignificações do espaço, a técnica de se enterrar os mortos tem sido aperfeiçoada, de tal maneira que antes nós tínhamos os enterros nos interiores das igrejas católicas, hoje passamos então a enterrar os mortos em cemitérios públicos ou privados, de preferência longe da cidade, ou seja, a espacialidade que envolve a sociedade ocidental e seus cemitérios se transformou e continua se transformando. Ela não cessa.

Como já afirmei, o homem produz seu espaço por meio de várias técnicas. Considerando os cemitérios como espaços produzidos pelo homem, através da técnica de se enterrar os mortos, é oportuno discutir e analisar sobre como ocorre esse processo. Para isso, fiz uma sumária explanação sobre o espaço e sua produção, pois assim compreenderemos melhor a morte como um fenômeno que também é capaz de justificar a construção do espaço geográfico.

Espaço, lugar, região, território etc., são conceitos distintos para a geografia. Segundo Santos (2008), o espaço é resultado das ações sociais sobre seu meio, sendo essas ações intermediadas pelos objetos naturais e artificiais. A sociedade é construtora do seu próprio espaço, esse espaço por sua vez é estruturado por meio da configuração de objetos naturais e artificiais. Os objetos artificiais são objetos técnicos, desenvolvidos pelo homem para exercerem funções. Logo, sob uma linguagem mais geográfica, posso dizer que os cemitérios, na realidade, são objetos artificiais que compõem a paisagem urbana ocidental. Mas como considero o cemitério um objeto complexo e que no seu interior há a presença de vários outros objetos e símbolos, darei a ele o caráter de espaço.

A sociedade é agente do seu próprio espaço. É ela quem estabelece objetos técnicos, sejam eles coletivos ou não. O espaço é formado por esses objetos técnicos, somados às relações existentes entre a sociedade e seu meio, o que denominamos de espacialidade. Os objetos técnicos nascem para exercer uma função no espaço. É o que ocorre, por exemplo, com os cemitérios, que existem como um objeto que serve para se dar fim ao corpo. Mas o homem de fato necessita do cemitério para dar fim ao corpo? Certamente que não. Mas para

a sociedade que o concebeu essa é a maneira mais adequada, do ponto de vista da legislação, diante da necessidade de se desfazer do morto e da perspectiva cultural, haja vista sua sacralidade.

Como vimos, existe uma produção do espaço, e esse espaço se reproduz no decorrer do tempo, devido às relações sociais estabelecidas dentro dele. Contudo, antes da sociedade (civilização) existir, o homem “era só” e não existiam relações sociais. A produção do espaço existia? Na realidade a produção do espaço ocorria, porém de forma quase inerte.

Os homens foram estabelecendo cada vez mais relações sociais, essas relações passavam a criar objetos técnicos como meio de dominação do espaço. Há aqueles que acreditam que o primeiro objeto técnico desenvolvido pelo homem tenha sido o seu lar. Desse objeto técnico surgiram outros para atender a uma necessidade específica.

Entretanto se analisarmos do ponto de vista da relação primitiva entre o homem *versus* espaço, partimos da consideração de que o homem era um ser itinerante e por ser nômade não se fixava em determinado local. Além disso, a ideia de morte já era algo presente, como nos relata Hipólito (2017), ao afirmar que o homem Neandertal - e nômade - foi o primeiro de nossa linhagem a depositar os cadáveres em cavernas e a entrada desses espaços era fechada por uma rocha. “No momento que inicia a preocupação em depositar os mortos em local específico, surge a sepultura, e esta é, de acordo com Morin, uma das maiores provas de humanização da espécie.” (ARAÚJO, 2015, p. 29)

Assim, chegaríamos à conclusão de que, na realidade, o primeiro “objeto técnico” desenvolvido pelo homem tenha sido a morada dos mortos. Já a morada dos vivos só passou a existir posteriormente. Os mortos foram os primeiros a ter uma morada, um espaço, onde o grupo que enterrava seus mortos, provavelmente, retornava a intervalos regulares (MUMFORD, 1991). No que diz respeito à formação de objetos sobre o espaço, Santos (2008) aponta que, sem dúvida, o espaço é formado de objetos. Mas não são os objetos que determinam os espaços. É o espaço quem determina os objetos. Ele é visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados segundo uma lógica.

Essa lógica é determinada pelos atos humanos que por sua vez são estabelecidas pelas ações. As ações são processos que existem para uma finalidade. (SANTOS, 2008 p. 50). Segundo Santos (2008) o agente causador da ação, mudando alguma coisa muda a si mesmo, e vice-versa, ou seja, o homem mudando sua natureza íntima muda também a natureza externa. Como vimos, ao passo em que o homem sentia a necessidade de ter uma morada para seus mortos, logo tratou de agir para essa finalidade, estabelecendo as primeiras formas semelhantes às sepulturas.

Os enterros surgem da necessidade de se ocultar o cadáver com a intenção de minimizar a decomposição do corpo. Percebe-se que naqueles enterros em que se tinha um maior vínculo afetivo com o morto, após ser enterrado colocavam-se símbolos sobre seu sepulcro, para marcar o local, e este mesmo local serviria para o enterro de outros entes queridos. O Sepulcro já existia e a ideia da necrópole aos poucos se desenvolvia.

Com o aperfeiçoamento das técnicas, o espaço se tornava cada vez mais complexo e ainda hoje está em constante metamorfose, de modo que podemos deduzir que de sepulcros de famílias inteiras surgiram sepulcros de outras famílias que possuíam relações afetivas com aquelas, e que, por sua vez, passava a existir um local direcionado aos mortos. A morte, portanto passa a construir seu espaço? Percebe-se que na realidade são as relações afetivas e sociais que estabelecem esse espaço ou objeto espacial.

Depositando ordenadamente ossos dos seus semelhantes numa caverna pré-histórica ou numa pirâmide, em um túmulo dentro da igreja ou dentro de uma gaveta de um cemitério para 20 mil pessoas, a espécie humana é a única no reino animal que pensa em oferecer um destino adequado aos seus restos mortais. O conjunto de sepulturas forma o que hoje entendemos por cemitério. (ARAÚJO, 2015, p. 30)

Ressalto que antes do cemitério surgir como objeto do espaço, na cultura ocidental, os enterros ocorriam dentro das igrejas católicas, e antes de ocorrerem dentro das igrejas católicas, eles eram realizados de forma arbitrária, segundo a vontade do homem. Observa-se que a ideia de ter um ambiente destinado aos mortos já existia na antiguidade, porém essa ideia somente se concretizou como objeto e se tornou legítima após as medidas higienistas do século XVIII que propagou o discurso das “doutrinas dos miasmas” com a intenção de retirar o sepulcro das igrejas, prevenindo a saúde da população, e a necessidade de se ter um ambiente maior, que suprisse a demanda ocasionada pela alta mortalidade da época.

“Os cemitérios urbanos, construções aproximadamente de 1830, ou continuações de estruturas mais antigas, generalizaram-se nessa época, atravessando uma primeira fase de acentuada evolução. **Assim, os cemitérios passam a existir como um elemento caracterizador do espaço urbano ocidental**” (grifo nosso). (VOLVELLE, 1997, P. 358).

Nesse sentido, a morte sempre estabeleceu processos de espacialidade entre o homem e seu “espaço”. A espacialização da morte ocorrerá nos moldes de cada tempo no qual ela se encontra inserida. É por isso que os ambientes destinados aos enterros sofreram e ainda sofrem processos de espacialização, devido às relações sociais desenvolvidas neles e por eles.

A palavra cemitério tem sua etimologia oriunda do grego *Koumeterian* que significa dormitório. Outros sinônimos como necrópole também são usados para designar esse espaço.

Necrópole, como o próprio nome já diz, significa cidade dos mortos. Na verdade, essas cidades são mais dos vivos que dos mortos, de modo que quem a estabelece é o próprio homem, ainda vivo, e que a visita continuamente para lembrar-se da vida e não da morte de um ente querido. Portanto, será mesmo esse ambiente uma cidade dos mortos?

Qual o significado e a importância dos cemitérios? Qual o significado esse espaço teria para a cultura ocidental? De que forma a sua espacialidade repercute nas ações de planejamento urbano, particularmente no planejamento urbano de uma cidade como Teresina?

Para respondermos a esses questionamentos, devemos nos ater primeiramente ao conceito de cultura, haja vista que, ao nos reportarmos e ao considerarmos o cemitério como símbolo da extensão da vida, e que hoje faz parte do rearranjo espacial urbano, esse espaço foi desenvolvido não pelo homem na sua individualidade, mas por uma sociedade, de acordo com seus costumes e com suas crenças.

Toda e qualquer cultura dependerá da criação de símbolos feitos pelos homens, que, por sua vez, fazendo uso desses atributos culturais assim construídos, viabilizam a perpetuação de uma dada civilização. Segundo Laraia:

Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano [...] O comportamento humano é o comportamento simbólico. Uma criança do gênero *Homo* torna-se humana somente quando é introduzida e participa da ordem de fenômenos superorgânicos que é a cultura. (2001, p. 55).

O homem, ao criar um símbolo, automaticamente produz cultura. Esse símbolo, ao ser usado, perpetua uma civilização. Os símbolos, para serem símbolos, precisam ter uma natureza física, uma forma, caso contrário não podem penetrar no imaginário. Os símbolos, ao criarem forma, penetram no imaginário e, gradualmente, passam a ter significados coletivos. Para entender os símbolos, é preciso se compreender primeiramente a cultura que o criou.

Cultura e símbolos são conceitos inerentes. Podemos dizer que cultura somente é considerada cultura quando ela possui uma série de símbolos criados coletivamente. Não podemos criar símbolos pessoais, e até podemos, mas esses símbolos pessoais ou particulares jamais se tornarão cultura, haja vista que símbolos culturais devem ter significados coletivos, e esses significados coletivos, que são abstrações e representações, fazem parte de uma determinada cultura.

Podemos afirmar, no processo histórico sobre a espacialização da morte, que o cemitério é uma criação mais do homem que da religião cristã, uma vez que, inicialmente, a igreja católica era contra a sua criação, pois para ela nenhuma outra instituição deveria se

responsabilizar pelos rituais fúnebres, senão ela mesma. Quando os membros da igreja e da sociedade aceitaram a ideia de ser enterrados neles, os cemitérios passaram a ser usados de forma mais disseminada. A necrópole, ao ser usada, se materializou como um símbolo, que se repete em todas as cidades ocidentais.

Logo, ressalto que o cemitério é mais que um simples equipamento urbano. Ele representa um símbolo da cultura ocidental, variando no seu significado (é importante lembrar que significados se alteram com o tempo e a história, de forma gradual) de acordo com o valor que o indivíduo dessa cultura agrega a ele.

Todo indivíduo que faz parte da cultura ocidental possui a mesma ideia sobre a paisagem definidora das feições dos cemitérios. Se pedirmos para que ele os imagine, por exemplo, ele irá descrever que neles encontraremos sepulturas, cruzeiros, capelas, jardins, sinos, árvores etc., ou seja, a imagem a respeito dos cemitérios é a mesma. Logo, podemos entender que eles possuem o mesmo conceito espacial, resultando de significações sociais marcadas por traços comuns. Entretanto, se perguntarmos o que eles significam, para cada indivíduo, na sua particularidade, teremos também respostas marcadas por diferentes aspectos pessoais, mesmo que parecidas, devido à percepção própria de cada pessoa.

As análises relacionadas à percepção que as pessoas produzem acerca de um fenômeno, ou de algo materialmente situado, encontram cada vez mais amparo nas abordagens fenomenológicas. Como já explicitado na seção 2 desta dissertação, a fenomenologia é um dos métodos que discute sobre essas manifestações a respeito das essências dos fenômenos; seus significados e usos.

“Para a fenomenologia, o homem vê o mundo e seus fenômenos de acordo com a sua cultura, com o seu meio, a sua formação educacional, o seu estado emocional, entre outros fatores que formam o seu entorno e o seu interior pessoal” (ROCHA 2003, p. 68). O significado dos cemitérios, portanto, é um fenômeno onde a cultura do ocidente, com suas crenças e seus costumes, poderá ganhar as mais diferentes formas e sentidos de manifestação, quando vistos sob o enfoque da fenomenologia.

Os fenômenos são essências, abstrações e não coisas. Coisas são apenas objetos materiais. Esses objetos servem de base para a criação de um imaginário, costume, uma crença, um significado ou uma representação, enfim, um fenômeno, que se manifesta em um indivíduo, ou em uma dada sociedade. Nesse caso, o fenômeno aqui estudado é o cemitério.

Ante de adentrar na discussão a respeito das essências encontradas nos objetos de estudos e correlacioná-las entre si para uma melhor compreensão desse fenômeno no que

concerne ao planejamento urbano da cidade de Teresina, gostaria de apresentar uma classificação tipológica dos cemitérios presentes nas cidades ocidentais.

Existem dois tipos de cemitérios, segundo a Resolução nº 355 de 3 de abril de 2003 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) são eles: **cemitérios horizontais** - aqueles localizados em áreas descobertas; e os **cemitérios verticais** - edifícios de um ou mais pavimentos dotados de compartimentos destinados a sepultamentos.

Destaco que dentre os cemitérios horizontais compreende-se, ainda, os tradicionais que possuem características monumentais com construções tumulares; e os do tipo parque ou jardim que possui características homogeneizantes. São predominantemente recoberto por jardins, isento de construções tumulares, e no qual as sepulturas são identificadas apenas por uma lápide.

A par dessa classificação, podemos definir os cemitérios, aqui descritos em cemitérios horizontais, sendo estes subdivididos em tradicionais e cemitérios parques. Os cemitérios tradicionais ou monumentais estudados foram o cemitério Santa Cruz e o cemitério São Judas Tadeu. Já o cemitério parque, como o próprio nome denuncia, foi o cemitério Parque Jardim da Ressurreição. Interessa-nos essa classificação geral, para compreender melhor as essências e componentes encontradas em cada espaço cemiterial e as relações específicas com a tipologia deles.

Neste sentido, partirei para a investigação das essências particulares com o propósito de encontrar a essência universal – aquela que rege o sentido maior desse espaço. Impossível descobrir a essência universal de um fenômeno sem antes elencar as particularidades de cada um, pois somente por meio das essências particulares que posso chegar à essência geral. Destaco que a essência universal ou geral não é apenas aquela que se encontra em todos os fenômenos descritos, mas a que sem ela seria impossível imaginar este fenômeno.

Deste modo abordarei a seguir a discussão com base na descrição fenomenológica dos espaços cemiteriais pesquisados. Não se trata de uma discussão teórica densa, mas de um debate entre aquilo que foi apurado - durante o trabalho de campo - e o que posso inferir sobre a experiência com base na minha intuição e imaginação intercalando com minha formação profissional, bem como a utilização de autores que reforçam as ideias e dão sentido à investigação das essências.

4.2 Essências particulares: o imanente

As experiências vividas durante as incursões no trabalho de campo apresentam de certa forma os significados mais comuns de cemitério. Foram atividades cotidianas regidas por um grupo de fatores que estão diretamente relacionados à ideia formal para o qual esses espaços foram criados. Desse grupo de fatores, que envolvem desde a questão urbana à cultural, destaco os dois que, essencialmente, são pensados no momento da edificação deles; o fator ambiental e o fator cultural.

O fator ambiental é, senão, o primeiro que impulsionou a edificação dos cemitérios nas cidades. A partir do momento em que se observou que os corpos, quando em estado de decomposição, liberam bactérias e enzimas que emitem diversos líquidos e gases tóxicos que podem por em risco o meio ambiente e a saúde pública, as autoridades europeias, especificamente, francesas, publicaram, em 1879, um artigo correlacionando a febre tifoide² - uma epidemia da época - com a contaminação das águas subterrâneas captadas em poços próximos de cemitérios (BAUAB & LEME, 2013). Desde então a construção de necrópoles fora do ambiente citadino foi uma das medidas higienistas do século XVIII.

Já o fator cultural diz respeito ao conjunto de costumes e crenças estabelecidas pelas relações afetivas que os homens desenvolvem entre si e com o meio, que vão desde a antiguidade, quando o homem Neandertal, por exemplo, já tinha desenvolvido o comportamento de enterrar ou depositar os corpos em um determinado local, com oferendas e rituais aos mortos. Este é, talvez, o fator mais subjetivo do ser, pois é ele que dá ao indivíduo a segurança de saber onde ficaram os restos mortais do seu ente querido. Tem relação direta com a ideia de sensação de conforto que os vivos podem ter num momento de perda.

Neste sentido, os fatores ambientais e culturais são os primeiros a serem considerados durante as circunstâncias que levam às construções de novas necrópoles. Deste modo, posso inferir, por meio da intuição, que se tratam das primeiras essências que possuem relações diretas com o espaço cemiterial, porém, num estudo mais amplo essas não respondem, sozinhas, qual seria a essência universal deste espaço. Além disso, não são as únicas, tão poucos as essências fundamentais que regem este fenômeno. É necessário investigar para além dos fatores básicos.

O que busquei nesta pesquisa está para além dos dois principais fatores citados anteriormente. Por meio deste estudo fenomenológico quero chegar à discussão que

² Doença bacteriana aguda, causada pela *Salmonella enterica* sorotipo *Typhi* de distribuição mundial, associada a baixos níveis socioeconômicos, principalmente em áreas com precárias condições de saneamento, higiene pessoal e ambiental. (Fonte: Ministério da Saúde. Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/febre-tifoide>)

transcende o sentido maior desse espaço no meio urbano. Trata-se, portanto de “retornar às coisas mesmas”. Uma tentativa de investigar - e posteriormente interpretar - a pureza original do espaço cemiterial, de modo que não enfatizei num debate meramente técnico e teórico, mas numa discussão – sem grandes pretensões - acerca da essência do espaço da morte no contexto urbano, ou seja, a unidade ou as unidades básicas de entendimento comum deste fenômeno.

Durante a descrição fenomenológica realizada na 3ª seção desta dissertação não neguei em nenhum momento os fatores que envolvem o sentido dos espaços cemiteriais, porém eles ficaram em suspensão, provisoriamente, para então retomá-los e revê-los, neste momento, à luz da sua fonte primeira que fora as vivências imediatas, sentidas e pensadas.

Ressalto que, no decorrer dessa descrição-fenomenológica procurei responder um dos questionamentos norteadores deste trabalho, que era; “como vivemos os espaços cemiteriais nas experiências urbanas contemporâneas?” Partindo deste questionamento, a partir do “zero”, sem qualquer auxílio de teoria científica, para então, com o conhecimento da intuição, encontrar as essências particulares e aquela universal presentes nos fenômenos. Com isso, responderia a outro questionamento levantado durante o desenvolvimento metodológico, que fora; “qual a essência ou quais as essências dos espaços cemiteriais?” Relembrado que entende-se por “essência” tudo aquilo ou especialmente aquilo que sem ela o próprio fenômeno não pode ser pensado (MOREIRA, 2002).

Assim, as **essências** particulares encontradas durante as incursões e a descrição-fenomenológica dos espaços cemiteriais e que dão sentido aos fenômenos foram as seguintes; **urbana, ambiental, cultural, religiosa e reflexiva**. Além dessas, destaquei, nesta seção, três principais **componentes** que interferem na percepção e conseqüentemente no significado e usos desses espaços que são; o **medo**, o **Estado** e o **capital**. Não fiz, aqui, uma discussão acerca de cada essência, mas uma breve análise do ponto de vista geográfico de acordo com aquilo que se destacou em cada fenômeno.

No que concerne à essência ambiental, permito-me fazer uma ressalva; o que foi investigado nos fenômenos quanto à dimensão ambiental não está diretamente relacionado aos pré-requisitos básicos de edificação de cemitérios expressos nos documentos normativos Federais e municipais. Embora estes sejam uns dos fatores que caracterizam este fenômeno, não os considero, especificamente, como essência ambiental, mas, sobretudo, como parte da essência urbana. O que busquei foram os aspectos paisagísticos do verde nesses espaços, classificando se tais cemitérios se encaixariam naquilo que tenho como concepção de “espaços livres”, haja vista que as áreas verdes desses espaços parecem ser uma constante.

Sobre “espaços livres” Cavalcanti (2015) o classifica como:

[...] espaço público de equilíbrio ambiental e espaço público de recreação. Os de equilíbrio ambiental são espaços livres públicos com cobertura vegetal, podendo ter função de proteção de estruturas e infraestruturas. Estes são: unidades de conservação, **cemitérios**, campi universitários, espaços de valorização ambiental. Já os espaços públicos de recreação são espaços destinados ao desenvolvimento de atividades recreativas ou lúdicas, podendo ser faixa de praia, parques, praças, pátios, largos, jardins e quadras polivalentes. Estes espaços que constituem as cidades formam a paisagem e a cultura local. (p. 64-77).

Segundo o autor acima citado “espaços livres” podem ser classificados de duas maneiras; espaços de equilíbrio ambiental e espaços de recreação. Assim, observei esta essência dentro dos “espaços livres” de equilíbrio ambiental. Ele define essa classificação com base na tipologia adotada por Sá, Carneiro e Mesquita (2000) que conceitua cemitérios como:

Espaços livres públicos ou privados geralmente arborizados com destinação tradicional para repouso dos que morrem, podendo converter-se em locais agradáveis ao silêncio e a reflexão graças à presença de arborização adequada, inclusive, favorável a sobrevivência da avifauna urbana. (p.27).

Deste modo, a essência ambiental aparece como análise das áreas verdes dos cemitérios, já que é uma característica comum, ou seja, os fenômenos estudados podem ser considerados “espaços livres” nos moldes que infere Sá, Carneiro e Mesquita (2000)?

Antes da análise sobre aquilo que se destacou em cada espaço cemiterial ou em cada fenômeno, elaborei dois quadros; um conceitual e outro categórico a fim de visualizar de maneira geral as definições das essências particulares, bem como essas essências e os componentes encontrados em cada espaço cemiterial (Quadros 4 e 5). O critério para a escolha das essências foi listar, através da percepção e imaginação, tudo aquilo que dá as características fundamentais para o entendimento e/ou o sentido deste espaço. Já para a escolha dos componentes, na realidade, eles que se apresentavam como fatores de influência sobre o espaço. Destaco que alterei o tamanho das fontes das essências de forma proposital a fim de ressaltar aquelas que são predominantes em cada cemitério (Quadro 5).

Quadro 4. Definições das essências particulares

Urbana	Aspectos concernentes aos pré-requisitos básicos de edificação dos cemitérios contidos
--------	--

	em documentos normativos federais e municipais, que contribuem, especialmente, para a destinação final dos que morrem.
Ambiental	Aspectos paisagísticos de áreas verdes, que contribuem, especialmente, para o equilíbrio ambiental urbano.
Cultural	Aspectos relacionados às manifestações materiais expressas nas ornamentações de túmulos, bem como os comportamentos nos rituais fúnebres.
Religiosa	Aspectos pertencentes a um conjunto de símbolos e crenças correlacionados à espiritualidade.
Reflexiva	Aspectos inerentes àquilo que é aprazível ao silêncio e à reflexão.

Fonte: elaborada pela autora.

Quadro 5. Essências particulares e componentes dos fenômenos estudados

Cemitérios	Essências particulares	Componentes
Santa Cruz <i>O cemitério e o medo</i>	Urbana Ambiental Cultural Religiosa	Medo
São Judas Tadeu <i>O cemitério e a memória</i>	Urbana Ambiental. Cultural Religiosa Reflexiva	Estado
Parque Jardim da Ressurreição <i>O cemitério contínuo</i>	Urbana Ambiental Cultural	Capital

	Religiosa Reflexiva	
--	-------------------------------	--

Fonte: elaborada pela autora.

Após a observação do quadro categórico das essências e componentes, para compreender a predominância que uma essência se deu em relação à outra, bem como a distinção de predominância de uma mesma essência – por exemplo, a essência religiosa que se distingue em termo de predominância quando comparamos o cemitério Santa Cruz com o São Judas Tadeu – segue, abaixo, a análise de cada cemitério e as essências particulares que aparecem neles como são dadas adequadamente, e como as objetivamos, ou seja, respectivamente do **imanente** ao **transcendente**, de modo que esta análise das essências particulares foi o caminho que julguei necessário para chegar ao que de fato interessa para esta etapa da pesquisa, que é a essência universal dos fenômenos estudados.

Ressalto que reutilizei os subtítulos dados a cada cemitério, inspirados na obra “As cidades invisíveis” de Calvino, pois eles têm a intenção de revelar a cartografia ou a Geografia imaginária segundo os aspectos preponderantes destes espaços.

O cemitério e o medo

Durante a etapa de descrição dos fenômenos tentei encontrar um substantivo ou um adjetivo - dentre os substantivos e adjetivos que Calvino utiliza para intitular suas cidades - que melhor se encaixasse na percepção e sentidos que o cemitério Santa Cruz me remetia. Para quem já leu “As cidades invisíveis” de Italo Calvino sabe que ele utiliza onze temas - memória, desejo, sinais, subtis, trocas, olhos, nome, mortos, céu, contínuas e ocultas – para indicar os assuntos que serão abordados em cada descrição daquelas cidades. No entanto nenhum dos substantivos e adjetivos apontados por Calvino se encaixava com a descrição do cemitério em questão, embora a cidade *Raissa*, descrita por ele, tenha sido escolhida para representar este espaço cemiterial.

Raissa não fora escolhida à toa, bem como as outras duas cidades referentes aos outros fenômenos estudados. Assim como no cemitério Santa Cruz, ao ler a descrição de *Raissa*, ela me fazia sentir sensações semelhantes àquelas que eu vivenciei durante as visitas. Uma sensação que se sobressaia a todas elas, que era a instabilidade, de modo que decidi dar a este cemitério o seu próprio tema, o medo.

Apesar de o medo fazer parte dos assuntos que envolvam a morte e conseqüentemente de tudo aquilo que está diretamente relacionada a ela, pois existem muitas

razões para se fugir da morte e uma das mais importantes é que atualmente morrer é triste, sobretudo, é muito solitário, mecânico e desumano (KLUBER-ROSS, 1998), não foi esse medo que tentava me afligir, mas o medo concernente à insegurança do espaço.

O cemitério encontra-se numa morfologia urbana de área social, e o acesso que dá entrada a ele trata-se de uma área ocupada por indivíduos excluídos da sociedade. A Vila Santo Antônio que pertence à configuração espacial do bairro Promorar - uma vez que a própria prefeitura considera toda aquela região como se fizesse parte de um só distrito – Promorar - é um dos bairros mais violentos e com altos índices de criminalidade, segundo a Secretária de Segurança do Piauí. O medo no local é uma constante, não somente, no próprio espaço cemiterial, mas em todo seu entorno, de modo que o cemitério se torna um território de dominação do crime, especialmente do tráfico, haja vista os comentários de trabalhadores informais que relatam que a necrópole é utilizada para esconder drogas ilícitas, além de objetos de furtos.

Para Tuan (2005) é uma profunda ironia que frequentemente as cidades possam parecer lugares assustadores, haja vista que foram aspiradas para exercerem uma ordem socioestética, harmoniosa, ou seja, tanto em sua arquitetura quanto em seus laços sociais. A cidade fora idealizada para ter uma ordem física e social, no entanto essa ordem exigiria muita força que regulasse o comportamento humano. Segundo Tuan (2005), se houvesse um excesso de força a cidade permaneceria como um pequeno centro monumental. Não cresceria. Já se essa força fosse menos intensa poderia aumentar o número da população e movimentar as atividades econômicas que também eram necessárias para sua dinâmica. Deste modo a desordem rompia com a ordem idealizada. O caos nas grandes cidades passou a ser permanente e, portanto impossível de prevê-lo ou controlá-lo.

O caos nas cidades se mostra de várias formas, seja na falta de saneamento básico, ou na insuficiência de creches para atender a demanda das famílias que necessitam desse serviço. Esta desordem, também, impulsiona os índices de violência e insegurança que implicam no medo que se tem da cidade e nos relacionamentos socioespaciais dos indivíduos. A respeito do medo nas cidades Bauman relata que:

A insegurança moderna é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos, na constância e na regularidade da solidariedade humana. Relatando que Castells atribui a culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno. **Dever individual de cuidar de si próprio, areia movediça da contingência, o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade.** (grifo nosso). (BAUMAN, p.2, 2009).

“Dever individual de cuidar de si próprio, areia movediça da contingência (...)”, Bauman nos aponta uma das características típicas das grandes cidades que são as eventualidades do cotidiano. “O perigo está por toda parte”, e por este motivo, a sociedade sobrevive a essas instabilidades por meio do imprevisto, pois não tem como prevê-los. Além disso, o tempo parece ser um inimigo do Estado e conseqüentemente do bem estar social nas grandes cidades, de maneira que as necessidades diárias e o planejamento urbano não andam juntos.

Numa eventualidade em que fico sem teto, por exemplo, impossível esperar pelas ações do Estado no dia seguinte, uma vez que as autoridades têm a responsabilidade de não agir pelo impulso ou evitar ao máximo o imprevisto exceto em situações de calamidade pública. Mas me questiono, para uma breve reflexão, diante do que vivenciei na morfologia urbana do cemitério Santa Cruz; as famílias que tentam sobreviver àquele ambiente não estariam em situação de calamidade pública? Aquele espaço desordenado cuja própria população que convive diariamente não parece ser feliz - assim como na cidade de Raissa de Calvino – seria uma catástrofe ou desastre aos olhos do planejamento urbano de Teresina.

Em meio a esta luta pela sobrevivência e o individualismo moderno, alguns indivíduos reagem mais pelo desespero do que pela razão. Pensa mais em si do que no próximo. É o que leva, por exemplo, a um adolescente servir de “mula” para o tráfico porque este último chegou antes do Estado para assisti-lo ou a uma mãe solteira – talvez até aquela mesma que estava com tornozela eletrônica no calcanhar enterrando seu recém-nascido no dia em que estive visitando o cemitério - entrar para a vida do crime, sejam por quais motivos fossem, porém um é o suficiente para explicar o porquê de deixar o desespero exceder a razão que é; a luta pela sobrevivência em meio a este caos que vivemos.

Foi em meio a esta luta pela sobrevivência, nesse jogo de caça, no meio da vida e do dia a dia improvisado daqueles que estão inseridos naquela morfologia urbana que vivenciei as experiências mais confusas deste trabalho de campo. A boca seca, o coração acelerado, a vontade de me evadir daquele espaço cemiterial. Ali descobri a ansiedade que pode ocorrer em decorrência a um espaço específico, ou o medo generalizado de um espaço. Algo parecido com o que Souza (2008) conceitua como “Fobópole” que é o medo nas grandes cidades ativado pelos acontecimentos que se disseminam rapidamente, entretanto, que fique claro, que o medo que senti foi devido a uma experiência do cotidiano, e não a um medo imaginado com base naquilo que ouvi falar sobre o espaço anteriormente.

Este espaço me fez lembrar uma passagem na obra “Paisagens do medo” de Yi-Fu Tuan que diz:

Esses subúrbios, explodindo com uma população extremamente heterogênea, livre do controle diário do governo, frequentemente significam ameaça específica (...) a uma hierarquia (...). O meio ambiente no qual viviam e negociavam era uma confusão selvagem de casa caindo aos pedaços e becos tortuosos – um contraste gritante com a forma harmoniosa e calma do centro (...). Por mais que a cidade tenha mudado com o tempo, o conflito persiste entre o desejo de uma ordem (...) e a realidade das massas vivendo em um mundo dinâmico, mas confuso, (2005, p. 233)

O medo, portanto é a característica que se destaca e dá o tema a este espaço. Porém o medo não é uma essência dos espaços cemiteriais. Somente é essência de um espaço, aquilo que não consigo imaginá-lo sem ela (essência), por exemplo, eu posso imaginar o cemitério sem a característica do medo, mas não conseguiria, dentro da minha consciência - e sabendo que toda consciência é consciência de algo – imaginar um cemitério sem sua essência religiosa que pode ser expressa através de uma capela ou um cruzeiro. O **medo** é um **componente** que está, aos poucos, alterando as essências e conseqüentemente o sentido do fenômeno em questão.

A necrópole Santa Cruz, como foi explicitada no quadro 4, possui algumas das características comuns que dão sentido ao espaço cemiterial. Dentre as essências particulares elencadas no decorrer desta seção, uma delas – a essência reflexiva - não foi possível encontrá-la. Não estou afirmando que a essência reflexiva não exista neste fenômeno específico, ela pode até existir, porém não foi encontrada durante os estudos de campo, devido a sensação de medo que bloqueava ou distorcia a percepção, o sentir e o pensar no espaço.

Quanto às demais essências, percebe-se que a essência religiosa e cultural não se sobressaíram tanto quanto a urbana e a ambiental. O espaço em questão apresentou uma área verde abundante, importante para a avifauna local e para o equilíbrio ambiental urbano do seu entorno, porém, ainda que tente perpassar uma das funções dos “espaços livres” que é a de ter característica aprazível, fica de lado a característica de “ser um espaço de reflexão” necessariamente. Além disso, no que diz respeito à essência urbana, essa também se apresenta mais como um equipamento urbano necessário para atender a demanda específica de sepultamentos, uma vez que trata-se de um dos maiores cemitério públicos da capital. Assim, o cemitério Santa Cruz contribui, dentro das suas limitações, para o seu sentido urbano e ambiental.

Quanto aos aspectos religiosos e culturais, esses aparecem de maneira tímida e alterada. A essência religiosa neste cemitério se revelou, por exemplo, por meio de símbolos, e nas velas que são acesas às segundas-feiras em referência ao “dia das almas”. No tocante a

capela que poderia reforçar a religiosidade, essa parece estar aos poucos se deteriorando. Já a essência cultural, que envolve uma série de manifestações culturais, inclusive estabelecendo relação direta com a essência religiosa, também se mostra em deterioração. Os rituais fúnebres, por exemplo, como foram abordados, são diferentes dos que acontecem nos demais fenômenos estudados. O número de pessoas no sepultamento é menor e a própria cerimônia é breve como se quisessem correr contra o tempo. O silêncio, nos rituais presenciados neste espaço cemiterial, não é, especificamente, em respeito ao morto ou a dor daqueles que estão sepultando, mas trata-se de um silêncio em receio à situação ou as circunstâncias que espaço oferece.

As características básicas, que dão o significado comum às necrópoles, estão, aos poucos, sendo destruídas pelo componente “medo”, que se refere à insegurança que envolve o entorno do cemitério Santa Cruz. Trata-se de uma espaço que exigiria a presença das autoridades públicas, pois a comunidade que tenta ocupá-lo parece não dar conta da tarefa de preservação e cuidado com o local.

O cemitério e a memória

O cemitério São Judas Tadeu, pelas suas características físicas e perceptivas não poderia se encaixar em outro tema que não fosse “a memória”. Para descrever a necrópole São Judas Tadeu, me inspirei na cidade de *Diomira*, que é descrita por Calvino como uma cidade majestosa e de uma arquitetura imponente. Um espaço que me fez sentir nostalgia e lembrar minha infância. Sem dúvida este espaço cemiterial, dentre os demais espaços parece adquirir a propriedade de um arquétipo de cemitério análogo, ou seja, aquele cemitério padrão que te faz recordar outros cemitérios similares.

No cemitério São Judas Tadeu foram encontradas todas as características particulares que dão sentido ao fenômeno estudado e é por isso que o considero um “cemitério modelo”, claro, dentro da sua classificação e tipologia de cemitério horizontal e monumental. Como se pode observar o quadro 4 (p. 101) ele foi o único dos três que apresentou uma conformidade ou harmonia entre as essências. Não há nele uma essência que se sobressaia mais do que a outra, tão pouco a ausência de alguma essência.

Um cemitério completo, que se pode dizer muito sobre ele e ao mesmo tempo nada. Nada no sentido de não ter o que retirar ou acrescentar algum componente para que ele seja o que já é. Diria que se quiséssemos estudar com afinco as essências que dão sentido ao cemitério nas suas dimensões urbana, ambiental e cultural, poderíamos tomar a necrópole São Judas Tadeu como modelo.

Em qualquer fenômeno existirá, além das essências, os componentes que influenciam na consecução do sentido dos fenômenos. Como vimos, alguns componentes podem desconfigurar ou destruir os aspectos comuns de um fenômeno, alterando o seu sentido universal. Ao mesmo tempo, alguns componentes são necessários para que a essência continue a ser o que é.

Durante a pesquisa realizada no trabalho de campo no cemitério São Judas Tadeu, observei a presença marcante do Estado, além da presença do capital que se dá de maneira indireta. Com isso, por influenciar diretamente este espaço, considerei o **Estado** como o **componente** essencial para o entendimento deste fenômeno. Este componente atuou e atua como uma força motriz no que diz respeito à infraestrutura urbana, equipando a morfologia, na qual este cemitério está incluso, com uma densa rede de transportes que contribui para uma boa localização e valorização dos imóveis, bem como as demais estruturas urbanas que dão as características particulares de uma área central.

De acordo com Corrêa “O Estado atua na organização espacial da cidade. Sua atuação tem sido complexa e variável tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte constituinte.” (2005, p. 3). Quando regulamenta os usos do solo e do espaço público, direcionando investimentos nas construções de infraestruturas, o Estado interfere no preço da terra. (BOTELHO, 2007). Em áreas, por exemplo, supervalorizadas, o Estado é pressionado a agir constantemente sobre ele, especialmente nas manutenções das infraestruturas.

Em Teresina, especificamente, a atuação no espaço das áreas centrais é maciça, em detrimento do capital. Na realidade o capital, representado pelos agentes imobiliários do espaço, age, sobretudo, pressionando as ações do Estado, haja vista as taxações de altos impostos que são cobradas de acordo com a dimensão, uso e localização do imóvel. Portanto o principal agente, que conseqüentemente se torna componente necessário para o cemitério São Judas Tadeu é o Estado.

Ressalto que o capital não é suficiente para que este fenômeno seja compreendido como eles são ou como deveriam ser. Quando o capital se torna um componente, os resultados das essências particulares serão distintos desses encontrados no São Judas Tadeu, que é completo. A respeito das interferências do capital como componente, abordei esta discussão mais adiante.

A presença do Estado parece ser fator preponderante para que o cemitério possua todas as características necessárias para seu sentido ou significado ideal. Com o fornecimento de uma infraestrutura adequada, uma densa rede de transportes que possibilitam localização

privilegiada, os cemitérios passam a ter uma visibilidade maior da população, não somente daquele distrito específico, mas de toda a população teresinense, uma vez que ele encontra-se num espaço de grande fluxo. Deste modo, o Estado, preocupado em transparecer a imagem de uma cidade harmoniosa passa a atuar com mais frequência neste fenômeno para que ele não seja dissonante da paisagem das áreas centrais. A respeito das áreas centrais Barreto afirma que:

As áreas centrais constituem-se, pela sua importância na dinâmica da cidade, como **espaços atractivos** (grifo nosso), nelas confluindo os fluxos de pessoas, automóveis, capitais, decisões e, essencialmente, mercadorias. Pela sua intensidade, esses fluxos, subordinados à acessibilidade e às vantagens inerentes à proximidade, são responsáveis pela concentração de uma vasta gama de actividades, propiciando uma maior acumulação de capital por parte dos actores em presença. Nesse sentido, a forma urbana reflecte também os efeitos da concentração de pessoas, de actividades e equipamentos. (BARRETO, p. 35, 2010).

Já, para Castell (2000) as áreas centrais devem reunir as funções centrais, econômicas, políticas e ideológicas. Entendendo ideologia como um conjunto de valores impostos por um determinado grupo social, compreende-se que o cemitério São Judas Tadeu, bem como aqueles que se encontram dentro desta morfologia urbana, como o cemitério São José e o Dom Bosco, fazem parte de um modelo ideológico da cidade. São cemitérios padrões, arquétipos deste fenômeno que contêm as essências necessárias para a compreensão deste espaço cemiterial.

Após esta breve discussão a respeito do Estado como componente nos espaços cemiteriais quero aqui destacar duas essências que me fizeram incluir tal cemitério no tema memória; a essência cultural e a essência reflexiva.

Essência cultural é uma característica comum deste fenômeno, uma vez que ele origina-se de ações humanas. Esta essência envolve desde manifestações materiais expressas nas ornamentações de túmulos à religiosidade do ambiente, os comportamentos nos rituais fúnebres, bem como a atribuição do fenômeno ao sagrado.

Além disso, a essência cultural possui relação direta com outras essências, como, a religiosa e a reflexiva, uma vez que esse espaço trata-se do encontro físico entre vida e morte. Quando algo se refere ao fenômeno “morte”, isto tende a provocar no homem os sentimentos mais confusos e íntimos – ou seja, o homem passa a refletir sobre a própria existência -, por isso, aquilo que não se pode explicar com a clareza da razão sobre o que vem depois da morte, por exemplo, que é, talvez, a maior incerteza humana, a sociedade passa a desenvolver crenças e misticismos em torno dela.

Este é um comportamento que existe desde a antiguidade, ou seja, um aspecto importante que contribuiu e contribui para a afirmação, por exemplo, da religiosidade. Deste modo é um espaço sagrado e devido a sua sacralidade, a essência religiosa, assim como a reflexiva, apesar de ter relações diretas com a cultura, são vistas separadamente desta, pois em muitos casos, como o cemitério Santa Cruz, podemos ter a essência religiosa, mas não a reflexiva.

O espaço geográfico, especialmente o urbano, por si só é cultural. Se tudo o que há nele predomina as técnicas para o ajuste do homem ao seu espaço, logo, a geografia urbana, de maneira geral, seria um espaço cultural.

"o homem, por si mesmo, é objeto indireto da investigação geográfica, confere expressão física à área com suas moradias, seu lugar de trabalho, mercados, campos e vias de comunicação. A geografia cultural se interessa portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica" . (SAUER, 1996, p. 4.)

Entretanto se observarmos pelo ponto de vista de Sauer (1996) - que foi um dos grandes expoentes da geografia cultural – estaríamos resumindo toda a paisagem humana em paisagem ou espaço cultural, limitando-a apenas a materialidade do que é visível ou palpável. A geografia cultural e o conceito de espaço cultural é uma discussão teórica densa que gera uma reflexão a respeito da epistemologia geográfica. Portanto, não é intenção desta pesquisa discutir teorias de forma aprofundada, mas usar aquelas que podem auxiliar no entendimento deste estudo fenomenológico.

Deste modo comentarei, brevemente, a respeito de Geografia Cultural e o conceito de Cultura para poder chegar ao conceito de “espaço cultural”, que é aquilo que interessa para a essência (cultural) que está sendo abordada neste momento.

Antes da Geografia Cultural se firmar como abordagem teórica da ciência geográfica o espaço era entendido a partir de perspectivas teóricas que oscilavam entre positivistas e materiais, relacionais e sociais. Somente com a pós-modernidade ou a chamada “virada linguística” que passamos a acrescentar aos conceitos espaciais a dimensão de espaços sógnicos – espaços simbólicos - de representação e comunicação (SERPA, 2008). Foi a partir deste ponto que o espaço passou a ser analisado, também, sob a perspectiva cultural, apreendendo os conjuntos de símbolos e as representações destes. Ressalto que antes da geografia se voltar para a leitura e interpretação, por exemplo, do espaço sob a óptica dos signos e símbolos, já existia uma Geografia Cultural desenhada nos moldes conceituais de Sauer, citado anteriormente.

A respeito da Geografia Cultural, Claval (2002) relata que em 1960 houve um declínio nesta temática devido às novas técnicas que conduziam à homogeneização do espaço. Assim, aqueles objetos materiais desenvolvidos pelo comportamento humano deixavam de expressar as diversidades sociais que eram, até então, o foco de estudo da Geografia Cultural. Porém o que levara a este declínio, não fora as novas técnicas modernas de homogeneização do espaço, mas a falta de embasamento teórico e conceitual para apreender este novo mundo.

Somente com a chamada “virada linguística” é que a Geografia e as demais ciências sociais e humanas conseguiram retornar para a “questão cultural”, diminuindo as fronteiras entre as ciências e atribuindo uma maior flexibilidade teórica e metodológica, de modo que a geografia cultural voltou a se reajustar a este novo espaço-tempo. Ao mesmo tempo o próprio conceito de cultura se modificou, passou a ser mais dinâmico visando à complexidade e diversidade do mundo contemporâneo. A partir daí, não haveria mais nenhum significado que fosse hegemônico ou que não pudesse ser contestado. A cultura tornava-se um campo de luta em torno dos significados de seus símbolos (NETO, 2013).

O conceito de cultura ultrapassou as meras técnicas materiais que o homem fabricava e utilizava para adaptar-se ao seu meio. **Cultura**, também, se referia ao comportamento humano, à maneira de **pensar, agir e sentir**. A cultura envolvia e envolve além dos símbolos e suas representações outras **dimensões sociais e psicológicas da existência humana** que, por sua vez, também determinam a materialidade dos objetos (SILVA, 2000.). É importante saber que, este conceito de cultura no qual estou descrevendo é visto à luz da ciência geográfica.

No que concerne ao “espaço cultural”, Souza (2012) tenta clarear esta ideia buscando reduzir seu conceito para que não seja visto de forma generalizada como fora mencionado anteriormente nas palavras de Sauer:

Consideram-se como espaços culturais, o conjunto de lugares culturais (equipamentos coletivos de lazer, museus, bibliotecas, cinemas, estádios, galerias, parques, palácios de artes, complexos culturais, casas de cultura, institutos, centros culturais e cívicos) construídos ao longo de séculos. São espaços de uso público, mas que podem ser administrados por particulares, pelo Estado, através de parcerias público-privadas, por empresas também de capital misto (...). Espaço cultural público é uma expressão que se refere aos equipamentos culturais construídos pelo Estado. (SOUZA, 2002 p.91).

Ao mencionar os termos museus, biblioteca, cinema, palácio de arte e etc. percebe-se, na perspectiva de Souza (2012), que ele atribui “espaço cultural” àquilo que está no campo das artes. Mas os cemitérios teriam características artísticas ou a presença de arte para ser considerado espaço cultural?

Entendo arte como um conhecimento e como uma das primeiras manifestações da humanidade, que o homem utilizou para expressar, por meio de objetos, formas ou textos, bem como marcar sua presença representando sua vivência no mundo, suas sensações e sentimentos (AZEVEDO JÚNIOR, 2007), os cemitérios, especialmente, os monumentais nos quais há manifestações materiais de extensão da vida (ver figura 39), podem sim ser considerados espaços de arte e conseqüentemente espaços culturais, pois muitos túmulos ou sepulturas tentam expressar os sentimentos mais profundos daqueles que morreram ou os sentimentos dos familiares e amigos que ficaram. Essas expressões materiais são chamadas de arte tumular.

Porém, é preciso deixar claro que, os cemitérios não podem ser considerados espaços culturais somente pela sua característica particular que remete ao conceito artístico. Os cemitérios são espaços culturais, sobretudo, pela contenção de símbolos que esboçam significados e representações. Também é cultural porque é um objeto submetido às ações humanas, ou seja, fruto de uma necessidade humana, que com o passar do tempo adquiriu técnicas mais especializadas. É cultural, igualmente, porque envolve rituais de passagens - ritos fúnebres – que faz com que o homem atribua a ele a característica de sacralidade.

Figura 39. Reaching for the sky: Ernest and Anneke Robinson built a beautiful tombstone in memory of their disabled son Matthew



Fonte: Klausner (2014).

O cemitério, dentro dessa essência cultural esboça aspectos fortes de um espaço sagrado. De acordo com Eliade (1992) existem dois modos de ser no mundo e ao mesmo

tempo dois espaços no mundo; o sagrado e o profano. O que dá a sacralidade ao espaço é o homem religioso, que não enxerga o mundo de maneira homogênea:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo, 3: 5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência **“forte”**(grifo nosso), significativo, e há outros espaços não sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca. (ELIADE, 1992, p.17).

Percebe-se que Eliade (1992), para conceituar espaço sagrado utiliza a palavra forte entre aspas para dar uma maior ênfase a ela, do mesmo modo em que Claval (in SERPA 2008) a utiliza também para se referir à sacralidade do espaço:

O espaço sagrado difere do espaço profano porque tem uma carga emotiva muito **forte** (grifo nosso). Ele parece ao mesmo tempo muito atrativo e ameaçador porque está marcado pela presença da divindade ou forças sobrenaturais. (2008, p. 21).

O espaço sagrado é forte porque tem representatividade e significado para o indivíduo ou sociedade que o concebe. Diferente do espaço profano o sagrado tem consistência, possui suas raízes culturais firmes. Para distinguir espaço sagrado de espaço profano, Eliade (1992) utiliza dois termos enfatizando o primeiro em detrimento do segundo; “ponto fixo” e “ponto relativo”. Ponto fixo aparece como característica do espaço sagrado. Refere-se ao eixo central de toda orientação futura. Compreende-se que este ponto fixo é a fundação ontológica do mundo. Um centro. Quanto ao ponto relativo, este se refere ao espaço profano, aquele que é homogêneo e por ser homogêneo implica numa realidade caótica que desorienta o homem. Os pontos relativos são uma infinidade de lugares amorfos sem significados concretos.

Nesta perspectiva, entendendo o cemitério como espaço sagrado, o todo – a estrutura total desse espaço - é o “ponto fixo”, pois é onde paramos no início e/ou no fim. O ponto de encontro entre vida e morte. Um centro de reflexão e orientação do ser no mundo. Não é preciso ir a um cemitério no qual o ente querido está enterrado para refletir sobre a vida. Dessa forma os cemitérios são “pontos fixos” e conseqüentemente sagrados para o coletivo. Ao mesmo tempo o túmulo de um ente querido é o “ponto fixo” de um indivíduo. Assim como as cinzas de um ente numa urna, seja em qualquer lugar que estejamos, também, remete, talvez, não a um espaço sagrado, mas a um momento santo. Mas o que dá sacralidade ao cemitério seria o seu significado para os indivíduos ou somente o fato de ter restos mortais de um conhecido? Na realidade ambos fornecem o aspecto sacro a este fenômeno.

Se compararmos a sacralidade - que nesta seção está relacionada à essência religiosa do espaço - o cemitério São Judas Tadeu em relação ao cemitério Santa Cruz se apresentou superior neste aspecto, especialmente devido ao “componente Estado” que atua e reforça esta essência. O cemitério Santa Cruz em decorrência do “componente medo” enfraqueceu sua centralidade, seu eixo de orientação que é o que proporciona a religiosidade do espaço. Não é possível refletir sobre vida e morte nele, de modo que, atualmente a necrópole Santa Cruz é mais profana que sagrada, haja vista seu uso no dia a dia pelo crime.

No cemitério São Judas Tadeu é possível experimentar e vivenciar a essência religiosa. A sua sacralidade. Além disso, seus próprios rituais fúnebres dizem muito sobre este espaço ao passo que reforçam sua essência cultural. O “último adeus” é dado por meio de cerimônias cheias de formalidades e protocolos que chamam atenção de visitantes e transeuntes que passam do lado de fora, aguçando a curiosidade e pensamentos existenciais destes.

Outro aspecto que interessa para a essência cultural é a característica particular dos cemitérios monumentais, como o São Judas Tadeu, de realizar livres manifestações materiais que são expressas nas sepulturas. Uma maneira de prestar uma última homenagem, além de materializar um desejo, particular, do morto ou de seus familiares vivos.

As sepulturas do São Judas Tadeu são textos que podem ser lidos, assim como toda sepultura ou lápide existente nos cemitérios ocidentais. Elas contam algo, ou resumem, por exemplo, numa escultura, uma parte importante da história do morto (Ver figura 39, p. 111). Ao visitar o túmulo da Camila Abreu, no cemitério em questão, intuí que a cor rosa fora utilizada para expressar a feminilidade e a fragilidade das mulheres em relação à violência doméstica no país (Ver figura 22, p. 73). Seria uma denúncia? Um protesto? Ou somente uma forma de registrar a memória de uma jovem cuja cor preferida era o rosa? Sem dúvida as

sepulturas sempre contam algo da história do morto, até mesmo aquelas cujo único signo para se ler seja uma cruz e um número. Esta última demarca o local de alguém para que não seja esquecido. São pontos fixos. São pontos de referências.

Para Araújo (2015) os túmulos e lápides, bem como o próprio cemitério são monumentos e aquilo que se pode ler e interpretar neles são vistos como documentos. Os cemitérios são arquivos materiais. “Pode-se afirmar que tanto o cemitério quanto a lápide contêm histórias próprias, peculiaridades e características que os tornam objetos da preservação da memória” (ARAÚJO, 2015, p. 22). Os cemitérios são espaços de memória coletiva e particular.

Segundo Von Simon (2000), memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmití-las às novas gerações através de diferentes meios empíricos como, a voz, a música, um texto, um objeto e etc. a autora ainda subdivide este termo em duas formas: as memórias individuais que são aquelas guardadas por um indivíduo que se refere a vivências e experiências particulares contendo, também, aspectos da memória do grupo social no qual o indivíduo se formou; e as memórias coletivas, que são formadas por fatos e aspectos julgados relevantes e que são preservados como memória oficial de uma dada sociedade.

Por ser um cemitério monumental, o São Judas Tadeu é muito mais do que um espaço de simples registros da finitude humana. Seus túmulos documentam uma memória, ou seja, há neles um discurso que pode ser estudado, por exemplo, pela semiótica – ciência que analisa as representações e significações de símbolos num determinado contexto sociocultural – que interpreta aquilo que eles querem transmitir. Os seus túmulos dizem algo, por isso interagem com aqueles que estão dispostos a pesquisá-los.

As sepulturas são formas materiais de extensão da vida. Sem ter conhecimento do que realmente existe no *post-mortem*, o homem criou formas de se eternizar, ou seja, maneiras de não ser esquecido, e ficar na memória de alguém ou da sociedade por um longo tempo. Assim, o São Judas Tadeu funciona, também, como um espaço de memória coletiva e individual. Mais individual do que coletiva, se compararmos com o São José, o primeiro cemitério público da capital no qual há restos mortais de personagens importantes tanto para a memória teresinense quanto para a memória piauiense, como por exemplo, a sepultura do poeta Torquato Neto. Dessa forma, ressalto que a memória que prevalece no cemitério São Judas Tadeu é a individual, pois muitos dos personagens que estão sepultados naquele espaço são desconhecidos para a memória coletiva teresinense.

Cabe salientar que não considero que todo cemitério seja espaços de memória coletiva. Uns são mais do que outros como mencionei acima. Além disso, destaco que independente de sua tipologia, seja ele monumental, parque jardim, ou vertical, os cemitérios possuem necessariamente a característica de espaços de memória, portanto, todos eles são espaços de memória.

Entretanto essa característica se evidenciou mais no cemitério São Judas Tadeu devido ao seu caráter monumental que permite livres manifestações materiais em suas sepulturas em detrimento dos cemitérios parque jardins representados, aqui, pela necrópole Parque Jardim da Ressurreição, que se trata de um espaço homogeneizante.

Outro ponto relevante, diz respeito à preservação deste cemitério em relação ao Santa Cruz, haja vista que o São Judas Tadeu se localiza numa morfologia urbana de área central, de modo que as sepulturas edificadas no cemitério Santa Cruz, são mais simples e parecem obedecer mais a uma formalidade que o espaço exige do que criar tentativas de expressar a memória do morto. As sepulturas do cemitério Santa Cruz são muito semelhantes entre si, feitas de cimento ou cerâmica. Imagens que se repetem ao longo do seu horizonte. Já no São Judas Tadeu as sepulturas parecem querer se distinguir uma das outras. Há a necessidade de ser diferente. Uma busca por identidade.

Por fim, discutirei a **essência reflexiva**, entendendo que é característica relevante deste fenômeno. Talvez a essência em questão seja a principal que nos levou para o entendimento amplo deste espaço, ou seja, a que fornece bases fundamentais para a essência universal que fora revelada mais adiante.

A respeito desta essência, existem poucas teorias de abordagens, especialmente, no campo da ciência geográfica, de modo que fiz aqui uma simples explanação dela, com tentativas de conceituá-la, bem como explicá-la à luz da perspectiva geográfica.

Como abordei, anteriormente, a essência reflexiva foi vista segundo a conceituação de Sá, Carneiro e Mesquita (2000) (Ver p. 100) que considera os cemitérios como “espaços livres” públicos ou privados podendo se converter em espaços aprazíveis ao silêncio e à reflexão. Mas o que seria espaços de reflexão? E o que seria o próprio termo “reflexão”? Acredito que para chegar a esta compreensão devo partir da palavra que acompanha este conceito, no caso, o silêncio.

O silêncio é entendido como ausência de qualquer ruído. É um conceito atípico do meio urbano, haja vista que as cidades são essencialmente barulhentas, pois emitem uma música particular de sons dissonantes. É o que Tuan (2005) chama de cacofonias urbanas.

Pelas manhãs,
Exatamente às 5 horas
É possível ouvir o silêncio
Antes do despertar dos problemas.
(SOUSA, 2013.)

Quando decidi escrever este tímido poema, em um dia qualquer de 2013, já havia percebido o quão barulhenta era a cidade e o quão importante era o silêncio. O silêncio que eu ouvia parecia me acalmar depois de uma noite turbulenta de insônia. Fui percebendo que com o passar das horas, aquele silêncio que ouvia ia, aos poucos, se quebrando com o barulho da cidade. Naquele dia compreendia na mais profunda reflexão o que Tuan (2005) explicara a respeito dos sons urbanos. Entendia, também, que o silêncio era necessário para qualquer ser humano, pois ajuda numa oração, meditação ou reflexão. O silêncio é necessário e as cidades, muitas vezes, parecem não contribuir para isso.

Logo, silêncio possui uma relação íntima com reflexão. Quem nunca ouviu falar da expressão “um minuto de silêncio” utilizada em respeito ao luto de alguém? Atualmente, elas são típicas, especialmente, em estádios de futebol. Ainda me recordo do dia 3 de dezembro de 2016, em que era transmitido para todo o país o velório das vítimas do acidente aéreo envolvendo os jogadores de futebol do clube Chapecoense. Foi uma cerimônia que comoveu todo o mundo. E o que mais me chamara atenção, naquele ritual de passagem, fora o toque fúnebre do clarim utilizado pelos militares e o “minuto de silêncio” que viera depois dele. Lembro-me que era um silêncio ensurdecador, que incomodava e gerava sensações confusas.

Numa das visitas em que estive no cemitério São Judas Tadeu, por coincidência presenciei o sepultamento de um militar, com o mesmo toque fúnebre do clarim e o silêncio que se faz depois dele. Logo liguei aquela experiência às recordações que tive do ritual fúnebre dos jogadores da Chapecoense. Foi um momento em que parei para refletir sobre a vida e morte. Ao meu lado, um dos meus colegas, também em direção ao sepultamento, esboçava uma expressão de quem perdia o olhar no horizonte. Era um momento íntimo dele, que eu não quis interromper, mas que sabia que era relacionado ao existencialismo humano.

Como todo ser humano, sempre tive necessidade de silêncio, não é à toa que quando mais jovem procurava espaços, dentro das cidades, que pudessem me dar este prazer. Os espaços que mais me atraíam eram bibliotecas, parques, e cemitérios. Este último, devido às experiências na infância. Os considero espaços de silêncio. Contudo faço uma ressalva, que cemitérios e bibliotecas são espaços de silêncio que possuem voz, no sentido de ter conteúdo

de comunicação. Todo silêncio possui som, embora o reduzimos seu conceito à ausência de ruídos, “o silêncio soa e está cheio de sons e de sentidos” (SHAFER, 2011, p. 71).

Vaz, ao estudar a acústica do silêncio dos cemitérios concluiu que “O silêncio nestes espaços é um código sonoro de sua identidade cultural contemporânea. Sendo ele também um sintoma da relação da sociedade com a morte.” (2015, p.9).

Comparando ambos cemitérios, salta aos olhos - ou aos ouvidos - a diferença nos volumes médios registrados. O Cemitério do Morumby apresentou uma média de 45 A 48 dB. Em São Paulo, de acordo com um levantamento da USP, 95% dos principais pontos de circulação de veículos apresentam um nível de ruído que gira em torno de 80 dB, excedendo o os 55 dB diurnos e os 45 dB noturnos permitidos na legislação. Ou seja, pelo que foi observado, conclui-se que a paisagem sonora do Cemitério do Morumby é diferenciada, oferecendo uma média de ruídos 40% menor do que no restante da capital. (VAZ, 2015, p. 9)

Para Vaz o silêncio comunica a identidade do local. Ao afirmar que trata-se de um sintoma da relação da sociedade com a morte, refere-se a ideia de luto, o silêncio que costumamos fazer em respeito à morte, pois as palavras são insuficientes para explicar ou tentar entender aquilo que não conhecemos profundamente. É sua atmosfera acentuadamente silenciosa que comunica que estamos num cemitério. Segundo a mesma autora, essa identidade ou particularidade é quem convida para a introspecção e reflexão, de modo que posso inferir que os cemitérios além de espaços de memória e de silêncio são, necessariamente, espaços de reflexão, pois um possui relação estreita com o outro. Para refletir preciso de silêncio, ao passo que o silêncio me leva a refletir e quando reflito retorno para as recordações subjetivas (memória).

Contudo não é exclusivamente o silêncio que torna o espaço cemiterial um fenômeno que possui essência reflexiva, mas é a sua sacralidade, a característica de “ponto fixo” – conceito de Eliade (1992) – que torna o cemitério espaço de reflexão. É, portanto, um centro. Ponto de orientação do homem. O encontro físico entre vida e morte. Espaço que retornamos para lembrar a vida de alguém ou para refletir sobre a vida a partir do confronto com o espaço da morte, podendo ser ao mesmo tempo o início e o fim. Vida e morte são dois polos que se atraem e que leva à reflexão da existência, pois o homem é o único ser vivo que tem consciência de sua finitude e acredita na sobrevivência dos mortos e no seu renascimento. (MORIN, 1988).

Com isso, foi vivenciando o cotidiano no Cemitério São Judas Tadeu que reconheci as características cultural e reflexiva que, até então, estavam escondidas ou não se permitiam ser vistas tão pouco entendidas como essências comuns deste fenômeno.

O cemitério contínuo

Para o tema do cemitério Parque Jardim da Ressurreição, primeiramente, pensei que pudesse encontrar uma paisagem semelhante a esta necrópole numa das cidades descritas no tema “as cidades e as trocas” de Calvino, uma vez que se tratava de um espaço particular. Entretanto ao ler a cidade de *Trude*, logo, a relacionei com o cemitério em questão. Assim como em *Trude*, no Parque Jardim da Ressurreição há uma repetição de paisagem que faz com que ocorra a perda da identidade do espaço, de modo que designei o tema de *Trude* ao fenômeno estudado. Seria, portanto, “o cemitério contínuo”. A respeito da cidade de *Trude*, Silva (2013) explica que:

Trude induz-nos a refletir sobre a falta de identidade resultante da globalização, que se instaurou em várias cidades. A falta de identidade e carácter que se instalou nas *Trudes* espalhadas pelo mundo, é uma das consequência da especulação imobiliária e da falta de preocupação em preservar a multiplicidade do património histórico intrínsecos a cada cultura. A continuidade é expressa nesta cidade pela homogeneização dos espaços e pela sua falta de carácter. (p. 110).

Como vimos no quadro 4 (ver p. 101), destaquei em cada fenômeno o principal componente de interferência dos espaços cemiteriais estudados. No cemitério Parque Jardim da Ressurreição, o componente era e é, justamente, o capital. Vimos também que cada componente interfere significativamente no modo como as essências aparecem. O capital, por exemplo, embora não interfira na essência urbana e religiosa do cemitério estudado, por sua vez influencia, diretamente, nas essências ambiental, cultural e, conseqüentemente, reflexiva.

Deste modo enfatizarei, nesta discussão, primeiramente no componente de influência deste espaço, para depois refletir como este componente - o capital - interfere nas essências ambiental e cultural. Além disso, farei uma explanação no tocante da essência religiosa deste espaço e o porquê do capital não intervir diretamente nela, mas pelo contrário, contribuir para que tal essência seja reforçada.

As cidades e o capital possuem relações estreitas entre si. Foram as atividades comerciais que fizeram emergir as primeiras cidades na Europa e desencadeou no rompimento, durante a baixa idade média (século XV), com o sistema que era basicamente rural, o feudalismo. Um novo sistema, o sistema capitalista começava a surgir e a tomar as novas direções das ações humanas, bem como suas atividades, de modo que alguns aspectos influenciaram para que as cidades fossem o que são hoje, como, por exemplo, os excedentes agrícolas, as divisões de setores, que culminava na divisão do trabalho, nas especializações de

atividade, nos sistemas de trocas dentre outros. (SANTOS, 1996 e CASTELL, 2000). Weber define como a essência da cidade o próprio capital quando afirma que; “toda cidade é um local de mercado.” (WEBER, 1979, p. 69).

A configuração espacial da cidade se complexificou devido ao crescimento e, especificamente, ao acúmulo de capital. De pequenas cidades foram surgindo as médias e grandes cidades, de tal maneira que um novo termo – urbanização - foi criado para explicar ou entender esse intenso crescimento ou fenômeno que acometia toda Europa, principalmente, as regiões próximas das indústrias. A urbanização passava a ser um fenômeno socioespacial que deveria ser explorado e compreendido, uma vez que as grandes cidades cresciam desenfreadamente, sem um planejamento adequado que pudesse dar conta dos seus problemas sociais, ambientais e urbanos.

Durante o período que vai do início da industrialização (século XVIII) da Europa até a década de 1970, várias teorias surgiram para explicar a relação existente entre o acúmulo de capital e a produção do espaço. Uma dessas teorias fora desenvolvida por Lefebvre (1973) que apontava a crescente interdependência entre o capitalismo, a produção e o consumo do espaço urbano:

O capitalismo encontrou um novo alento na conquista do espaço, em termos triviais na especulação imobiliária, nas grandes obras, na compra e venda do espaço. E isso à escala mundial. A estratégia vai mais longe que a simples venda, pedaço por pedaço. Ela não só faz o espaço entrar na produção da mais-valia, ela visa uma reorganização completa da produção subordinada aos centros de informação e decisão. (p. 142).

Ao apontar que a relação do capitalismo com o espaço não se resumiria à apenas a compra e venda do espaço e a especulação imobiliária, Henri Lefebvre, tentava aos poucos denunciar uma reorganização do espaço a nível global subordinada ao que podemos chamar de ideologia. Não seria, portanto, somente uma produção do espaço, mas tratava-se, sobretudo, da **reprodução do espaço urbano**. Aquilo que culminaria mais adiante na chamada globalização.

O espaço está submetido à hegemonia de uma classe dominante – a burguesia - de modo que para o entendimento da produção e reprodução do espaço urbano, devemos considerar o monopólio de uma classe dominante que excluí os pobres da propriedade fundiária, isto porque a classe que detém a maior parte dos recursos pode através do capital ocupar, modelar e fragmentar o espaço da melhor forma que lhe convém. (BOTELHO, 2007).

O espaço urbano no modo de produção capitalista é utilizado como meio de produção para a geração de lucro. O consumo do espaço é uma realidade desse sistema, na

medida em que a privatização do espaço e, conseqüentemente, dos serviços também são características atuantes do capitalismo. O espaço urbano passa a ter cada vez mais importância para o capital ao passo que ele é influenciado pelo modo de produção capitalista. (CARLOS, 2004 E BOTELHO, 2007) São exemplos desse espaço produzidos pelo capital financeiro; os empreendimentos de condomínios verticais, hotéis, espaços de lazer, e, atualmente, os cemitérios, uma vez que o Estado não consegue dar conta de prestar esse serviço, e, por isso, a cada ano cresce nas estimativas financeiras, se tornando um negócio lucrativo.

No livro “O futuro como um bom negócio” de Burrus e Mann (2011), os autores dedicam uma seção especial às casas funerárias e os cemitérios.

Os nascidos no boom do pós guerra viverão, em média, bem mais que seus pais – quando essa onda populacional atingir a idade de morrer, o país provavelmente não estará preparado com cemitério do que esteve com jardim de infância [...] o setor funerário, ainda que possa ser macabro dizer isto, se tornará um nicho em crescimento enormemente lucrativo. (p.32)

Em Teresina, já é possível observar este fenômeno. Uma das empresas particulares, que fornece, por exemplo, apenas serviços funerários concernentes à cerimônias fúnebres, parece exercer um relativo domínio no mercado, constituindo-se na maior empresa funerária do Piauí, apresentando instalações bem localizadas e bem edificadas, com salas de velórios luxuosas e carros funerários suntuosos. A morte seria um ótimo negócio? Os problemas de superlotação e a falta de oferta para atender à demanda fazem com que empresas funerárias de Teresina estabeleçam livremente seus preços, o que contribui para o enfraquecimento de comportamentos de resistência por parte da sociedade.

Ao realizar uma breve pesquisa sobre o mercado funerário, percebe-se que apesar da crise econômica existente no país, o setor funerário é um dos que mais crescem de maneira significativa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, este comércio movimenta uma receita superior a 1 bilhão de reais por ano, além disso o mesmo instituto registra cerca de um milhão de mortes por ano, fato que, sem dúvida, impulsiona este mercado no espaço urbano.

Em novembro de 2015 vários países se reuniram no Rio de Janeiro, no “Simpósio Internacional da Indústria de Cemitérios e Funerárias”, para discutir acerca dos novos empreendimentos neste setor. Uma das discussões de pauta estaria relacionada à integração deste negócio à bolsa de valores, fato este, talvez preocupante, que agrava ainda mais as

desigualdades sociais e contribui para a desumanização da vida. Um problema que merece maior atenção por parte da sociedade.

Não basta lucrar com a vida, por que lucrar, também, com a morte? Na realidade, o sistema capitalista de produção parece não possuir medidas severas em termos de valores éticos e morais quando o assunto se refere ao lucro. E infelizmente esse setor cresce devido à fragilidade que acomete o homem quando a morte de um familiar ou ente querido o “pega de surpresa”. Assim, não há tempo para pensar sobre valores. No fundo o que se quer é poder dar ao seu morto um sepultamento digno.

Fundado em 1977, o Parque Jardim da Ressurreição fora edificado, justamente, no período em que a taxa da população urbana ultrapassou a população rural no país e, conseqüentemente, no Piauí, na qual Teresina passou a receber um maior fluxo migratório vindo do interior do estado. Fenômeno que se repetia nas demais capitais brasileiras (LIMA *et al.* 2017). “Neste período, ocorreu, também, aumento da concentração demográfica em Teresina, que passou da população de 142.691 habitantes, em 1960, para 220.487 habitantes” (LIMA, *et al.* 2017, p. 40).

Este crescimento desencadeou num aumento significativo de investimentos em infraestruturas urbanas e setores imobiliários. Além disso, motivou para empresas privadas pudessem fornecer serviços que os estado, sozinho, não conseguia mais ofertar, como nos setores de saúde, educação e, por conseguinte o setor funerário e cemiterial. O cemitério Parque Jardim da Ressurreição é fruto dessa relação entre o espaço urbano, os modos de produção capitalista e o consumo. Portanto, o **componente** que influencia diretamente este espaço é o **capital**.

Os cemitérios parques jardins datam do final do século XX no Brasil, de maneira que são cemitérios relativamente recentes e construídos numa época de intensa urbanização do espaço. Foram projetados seguindo o modelo das necrópoles anglo-americanas chamadas de *Lawn Cemetery* ou *rural cemetery*, que seguem um padrão com predomínio de extensos gramados com sepulturas demarcadas por lápides funerárias proibindo a construção de túmulos acima do solo. (ARIÈS, 1982). "Ao final do século XX, os cemitérios de tipo parque ganharam espaço entre os vivos. os símbolos religiosos são, então retirados e os túmulos suntuosos também perdem lugar"(Thompson, 2015, p. 10)

Segundo Pacheco:

Esses cemitérios foram edificados para minimizar os impactos ambientais, estéticos-urbanísticos e psicológicos (...) neste tipo de cemitério não existia monumentos funerários nem arte tumular, mas somente a natureza. (...) Este cemitério se sobrepõe aos tradicionais em termos ambientais, situando-se de

forma harmoniosa no contexto urbano por ser uma área verde. (...) deste modo, a arte funerária dos cemitérios tradicionais do século XIX e princípios do século XX estava dando lugar à natureza. São espaços verdes que mais parecem jardins do que necrópoles, propícios à reflexão. (2012, p. 40).

A maioria desses cemitérios no Brasil é particular, logo, são submetidos ao capital. Entretanto, se foram construídos para minimizar os impactos ambientais dando lugar à natureza, já que se tratam de áreas verdes, como Pacheco (2012) o descreve, por quê durante as incursões que fiz no cemitério Parque Jardim da Ressurreição, que segue este padrão, percebi, em termos ambientais, por exemplo, o oposto daquilo que eles querem transparecer? Neste fenômeno específico toda a cobertura da flora local foi retirada para dar lugar à espécies que pertencem, por exemplo, ao clima temperado.

Além disso, nas caminhadas que fiz em toda a extensão deste fenômeno, as sensações térmicas pareciam ser superiores aos dos cemitérios tradicionais; São Judas Tadeu e Santa Cruz. A ideia de um “jardim” ou de uma “área verde” se limitava a um curto espaço que ia do estacionamento ao playground, basicamente uma linha reta.

Diante da informação que tivemos a respeito da origem dos cemitérios jardins - que são provenientes dos modelos anglo-americanos, ou seja, espaços distintos do nosso, com clima temperado cuja estações são bem definidas - como poderíamos compreendê-los dentro dos espaços com baixas latitudes e clima tropical? Fica claro que, esses cemitérios, com exceção daqueles que se encontram no clima subtropical do Brasil, não foram pensados tão poucos planejados no momento de suas construções, mas apenas projetados. E ao que parece sem nenhum estudo a respeito dos impactos ambientais e urbanos. Com isso, embora o capital, neste fenômeno específico, com todo o seu “poder econômico” e com acesso livre a uma gama de possibilidades para edificar espaços que possam satisfazer seus clientes, influencia negativamente na **essência ambiental** dos seus espaços cemiteriais.

Outro fator de interferência do capital neste espaço diz respeito à **essência cultural**. Nos cemitérios parques jardins, devido às características homogeneizantes, este fenômeno sofre com a perda de identidade. Os túmulos são todos iguais, e as paisagens dos cemitérios que seguem este padrão se repetem. São contínuas e por isso nos confundem, de modo que muitas vezes não conseguimos distingui-los um dos outros.

O capitalismo está homogeneizado, em muitos sentidos. No estilo dos edifícios, por exemplo, o estilo arquitectónico, de modo que as cidades chinesas se parecem com as cidades norte-americanas, só que mais rápidas e maiores, e têm bairros privados onde vivem as pessoas influentes, como também têm esses grandes bairros nos arredores de Santiago. Então perguntamo-nos em que medida aqui é diferente de lá, ou do que há na Califórnia, e por aí fora... Ou seja, o que acontece nesta era de globalização

é uma marcada homogeneização no estilo do desenvolvimento urbano: as cidades tendem a parecer-se umas com as outras. (HARVEY, 2015 n. p).

O capitalismo em decorrência da globalização homogeneizou os espaços, de modo que frequentemente nos deparamos com a perda da identidade. Em cemitérios como o Parque Jardim da Ressurreição há uma decadência dos símbolos e conseqüentemente uma perda da memória de um grupo. Nos cemitérios tradicionais a memória e a identidade são registradas e reforçadas por meio dos monumentos fúnebres atuando como objetos de memórias e de manifestações materiais da extensão da vida. “Se o objeto material da memória desaparece gradativamente, a lembrança aos mortos é também enfraquecida.” (Thompson, 2015, p. 9).

Saliento que a identidade é um componente da essência cultural, e que esta última sem aquela contribui para sua atenuação ou enfraquecimento. Deste modo, quando estive visitando este fenômeno, não me senti num ambiente que, dentro das minhas concepções particulares, pudesse me remeter à memória e a um espaço cultural. Por causa de toda sua estrutura e aparato, com funcionários que pareciam o tempo todo apreçados, como se estivessem numa “firma”, além de um sistema de segurança reforçado, a sensação que tive, na maior parte de tempo, foi a de estar num ambiente particular, apenas.

Apesar de a essência cultural ficar comprometida sob o ponto de vista daquilo que entendo como cultura, se faz necessário esclarecer que, o cemitério Parque Jardim da Ressurreição, embora, demonstre características modernizantes de um espaço secular – qualidade daquilo que se opõe à religião – não deixa de ser um espaço cultural como qualquer outro cemitério. Contudo a cultura que se sobressai neste espaço é a de consumo. E o que há nesta cultura, especificamente, é a descaracterização da identidade e da subjetividade do sujeito, que o desorienta em meio a este caos influenciado pelo componente do capital. Isto pode ser exemplificado pela atitude costumeira de familiares que procuram ajuda de funcionários que trabalham naquele espaço, para identificar a lápide do seu ente querido.

Por último quero destacar neste fenômeno outro ponto que diz respeito à **essência religiosa**. Embora tenham sido projetados para que ocorresse a retirada, gradual, de símbolos que pudessem remeter a qualquer tipo de religião ou doutrina, haja vista que esses espaços destinados aos mortos têm a intencionalidade de tornar-se secular à medida que a morte passa a caracterizar uma completa finitude, se desvinculando de explicações de pós-vida e continuidade do homem, ou seja, tornando-se lugares de neutralidade. (THOMPSON, 2015). No cemitério Parque Jardim da Ressurreição o capital exerce uma influência positiva que ao contrário de secularizar o fenômeno, enfatiza o aspecto religioso.

Deste modo, reconheço que apesar de me sentir em um espaço particular, cuja cultura induz mais ao consumo que à memória, a contemplação e reflexão, houve, sim, um momento de reflexão neste ambiente no que concerne à sacralidade. Quando me aproximei do cruzeiro, que é um símbolo típico das necrópoles ocidentais, refleti sobre a vida e a morte, buscando encontrar respostas para o que estava procurando.

O cruzeiro me chamara atenção devido a sua estética que era distinta de todas as outras. Nele, além do símbolo tradicional cristão, estava talhada, em madeira, a imagem que representava o próprio Cristo com linhas e traços simples (Ver figura 33, p. 85), lembrando a arte santeira piauiense. Esta característica é atípica de cemitérios Parques Jardins, que foram edificadas para serem espaços ecumênicos ou espaços neutros a qualquer tipo de religião.

Além disso, ainda que a capela não possua, por exemplo, referências a qualquer tipo de religião ou doutrina, ela contribui para a livre expressão religiosa, de maneira que se torna um espaço que respeita todos os credos. Ou seja, a falta de símbolos religiosos, na capela, não torna o espaço totalmente neutro ou profano ou aquilo que Eliade (1992) chama de “ponto relativo”. Na realidade, o capital reforça a religiosidade para que os rituais fúnebres experimentem, no sentido mais próximo ou amplo, o verdadeiro significado da relação entre os rituais de passagens e a sacralidade do momento.

Logo, os esforços apresentados nesta seção formam um conjunto de análises intuitivas das essências particulares que julguei como bases comuns que dão sentido ao fenômeno investigado. Não foi de meu interesse realizar uma extensa discussão teórica, uma vez que tal procedimento não cabe nas pesquisas de cunho fenomenológico, mas utilizar teorias que pudessem me auxiliar na compreensão dessas essências e das vivências nos espaços cemiteriais. Além disso, para fins práticos que o método exige, as essências não foram examinadas de maneira separadas, mas correlacionadas entre si, bem como as principais interferências dos componentes elencados, que podem destruir o significado do fenômeno, ou reforçá-lo para ser o que é.

4.3 Essência universal: o transcendente

Durante o decorrer dessa dissertação; as experiências, investigações e análises que fiz tentam buscar aparato técnico-metodológico para responder a uma questão fundamental, que serve de orientação primeira para esta pesquisa, que é “o que são os cemitérios, ou qual significado eles teriam para o homem?” trata-se de um jogo que procura elucidar a verdade a

que existe para além das características imanentes – essências particulares -, aquilo que transcende o próprio significado do fenômeno. Mas nós poderíamos esclarecer ou elucidar o sentido e o significado que há dos espaços cemiteriais? Já sabemos de sua origem, de seu processo, de sua evolução no decorrer do espaço-tempo, das essências que dão as particularidades para este fenômeno, podemos, inclusive, conjecturar o futuro caminho para o qual este espaço se projeta, entretanto, para a elucidação do que se busca, é necessário, não descobrir, mas encontrar sua essência universal.

Neste sentido, dedico esse texto para a elucidação daquilo que me propus investigar. Ressalto que tal questionamento, mencionado anteriormente, não foi o único que conduziu o andamento desta pesquisa. Existem outros questionamentos e reflexões... Alguns que já foram, inclusive, elucidados e que serão reforçados nas considerações finais. Além disso, cabe lembrar que, embora este seja o questionamento que me orientou no andamento deste processo, não é o objetivo geral desta dissertação. Deste modo, segue abaixo as reflexões sobre principais tópicos que nos ajuda a encontrar a essência universal que vão desde a importância da relação entre a Geografia e ontologia, para essa investigação, ao encontro da essência fundamental que dá sentido e significado ao espaço cemiterial.

Os problemas concernentes à questão da insuficiência dos métodos, especialmente, positivista, de conseguir explicar fenômenos geográficos dominaram a geografia até o final da década de 1950. Tal acontecimento permitiu que geógrafos humanistas e críticos passassem a realizar questionamentos epistemológicos, o que proporcionou uma reaproximação com a filosofia na tentativa de estabelecer mais solidamente bases teórico-conceituais. (SOJA, 1993 e HOLZER, 1998). A respeito da relação entre ontologia e geografia, não farei aqui uma discussão teórica aprofundada, pois para um maior entendimento, não poderia ser sucinta. O que pretendo é mostrar que a questão ontológica é uma preocupação fundamental para esse estudo que direciona para um suporte conceitual que permite um estudo aprofundado dos espaços cemiteriais, que são aqui tomados como fenômeno de investigação.

Entende-se por ontologia uma parte da filosofia que estuda a essência de um ser, independente da forma como ele aparece, ou seja, tem por finalidade interpretar um fenômeno como ele realmente é, de modo que nem sempre o que vemos, ou o que o fenômeno tenta parecer, é o que ele é como “ser-no-mundo”. Muitos geógrafos questionaram a respeito de se existiria ou não uma ontologia do espaço. O fundamento que nos levaria à compreensão primeira dos fenômenos espaciais, a exemplo disso, Milton Santos (2008) foi um dos que contribuiu para esta discussão com sua obra “A natureza do espaço”.

Entretanto, existiria uma natureza do espaço? O que podemos, aqui, denominar de “Geografia primeira”? Holzer (1998) na sua tese “Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes do Brasil no século XVI” dedica um capítulo especial à questão ontológica do espaço geográfico, no qual intitula de “Geografia e Ontologia”. Nele aponta a existência de dois tipos de ontologia na filosofia: a “ontologia tradicional” ligada à teologia e à metafísica; e a “ontologia fundamental ou contemporânea” que “apesar de reconhecer a autonomia da ciência em relação à filosofia como inevitável e até positiva, pretende impedir que a razão se instrumentalize por completo e que se perca a visão do todo.” (HOLZER, 1998, p. 36).

Dentre as duas concepções apresentadas acima, a que nos interessa, assim como nos estudos de Holzer (1998), bem como nos demais trabalhos que envolvem ontologia e Geografia, é, sem dúvida, a “ontologia fundamental” proposta por Heidegger (2013), uma vez que ele nos alerta que o mundo que construímos se trata de uma representação do ser. Desse modo supõe-se que os cemitérios, por serem construções humanas, seriam representações do “ser-no-mundo”. Para um entendimento mais amplo do “ser” que Heidegger chama de “Dasein” – “ser-aí” -, Martins (2007) explica que o “ser” é antecedente do “ente”. E que todo “ser” é ser de um “ente” e é esse “ser” quem determina o que ele é. Ou seja, “ser” é condicionante e “ente” condicionado. O primeiro determinante e o segundo determinado. Basicamente, uma discussão analítica atribuída à relação existente entre; existência e essência/ “ente” e “ser”/ “Estar-aí” e “Ser-aí”.

Segundo Holzer (1998), no tocante a ontologia fundamental de Heidegger e a Geografia, ele faz algumas considerações na qual a Geografia é o mundo e o “ser” é o fenômeno no mundo, como ele aparece no mundo, ou seja, o “ser-no-mundo”:

A geografia é fundamental para a compreensão do “Dasein”, ela é o “Da” (o “aí” do “ser –aí”). Está, nela, a raiz do intercâmbio do ser como o seu suporte; do ser com o mundo; entre os “entes”, humanos ou não; entre as sociedades e as culturas. Ela é, ademais, o ponto de referência sobre o qual experimentamos a passagem do tempo; ela é a base sem a qual a história não pode acontecer. Toda história começa com “era uma vez... em algum lugar”. (p. 38-39).

Observando sob a perspectiva deste estudo, implica dizer que, a “ontologia fundamental” seria o mesmo que “voltar às coisas mesmas” dos espaços cemiteriais. O “ser”, que mencionei acima, seria a essência universal do fenômeno – “Ser-aí”. Já os “entes” foram as essências particulares e os componentes que encontramos e que dão identidade aos espaços cemiteriais – “Estar-aí”. Ressalto que é possível ver as essências particulares ou “entes” sem

ver a essência universal ou o “ser”. Porém não é possível ver os “entes” como particulares sem ver a essência universal que as particularizam. O que ocorre é que com base na visão de particularidades em suas afinidades estruturais nós também tomamos consciência da base fundamental – “ser” - de suas afinidades, ou seja, sua essência. (SPIEGELBERG, 1971).

Para responder seu questionamento central do significado do “ser” vimos na seção que trata do aporte teórico-metodológico deste estudo (Ver p.38-40) que Heidegger (2013) buscou aparato na fenomenologia hermenêutica – já explicitada no início desta dissertação -, de modo que este será, também, o procedimento final deste percurso de investigação. Tal procedimento nos leva para além dos sentidos que não foram imediatamente percebidos pela intuição, nem pela análise nem pela descrição. Encontrar a essência universal do fenômeno em questão perpassa pelo estudo ontológico do indivíduo ou do “ser” dos espaços cemiteriais, daí a importância de ter discutido, resumidamente, este conceito.

Os estudos fenomenológicos tem o intuito de levantar mais reflexões que teorias. As teorias são somente uma base para entender o fenômeno, porém não trata-se de uma parte relevante. Como vimos no decorrer dessa dissertação, partimos das vivências, deixando quaisquer preceitos, preconceitos ou predicativos em suspensão. No momento da descrição-fenomenológica não era de meu interesse explicar os espaços cemiteriais a partir de teorias definidas, mas encontrar essências ou particularidades – os “entes” - que pudessem servir de base comum para o entendimento do fenômeno, e a partir da correlações entre essências e componentes encontrar aquela que sem ela o fenômeno não existiria ou não teria sentido. Logo, partimos dos “iman-entes”, ou seja, daquilo que se apresentava as nossas percepções durante as experiências vividas - os entes que compõem o fenômeno – para o “Transcendente”, aquilo que ultrapassa a percepção e o que dá sentido.

Entretanto levanto um questionamento; dentre as essências encontradas durante a descrição e análise fenomenológica dos espaços cemiteriais, sendo elas: urbana, ambiental, cultural, religiosa e reflexiva existiria algumas ou uma, em especial, que seria o fundamento para explicar a existência e o significado deste fenômeno? Qual dessas essências poderia dar um sentido amplo aos espaços cemiteriais? Observei, durante a investigação das essências particulares, que duas delas se destacavam em detrimento das outras. Foram as essências; urbana e ambiental. Por meio do quadro 4 (Ver p. 101) percebe-se que ambas essências aparecem na mesma proporção no que diz respeito aos cemitérios São Judas Tadeu e Santa Cruz. E a **essência urbana**, essa em particular, se sobressai nas três necrópoles de maneira igual. Seria ela a essência universal que se busca?

Como vimos, no início desta secção, existem dois fatores fundamentais que são considerados no momento de edificação de cemitérios; um é o fator ambiental e o outro o cultural. No entanto, também, já havia comentado, nesta mesma secção, que considero o fator ambiental, na seguinte perspectiva, mais um aspecto da essência urbana que propriamente ambiental, pois cemitérios são construídos segundo os critérios de planejamento urbano de uma cidade. Uma vez entendendo planejamento urbano como um procedimento técnico e político de idealização, criação e desenvolvimento que visam melhorar determinada área urbana, o que leva a edificação de cemitérios é mais uma questão urbana que serve para resolver um problema de demanda específica do que, especificamente, as preocupações com o meio ambiente.

Contudo, não estou afirmando que a ação de “dar um fim” adequado aos mortos não seja um problema ambiental. Sim, ele é, haja vista que não posso enterrar ou sepultar um ente querido em qualquer terreno. Existem leis ambientais que tratam especificamente deste tema. O que quero explicar é que devido à intensa urbanização do espaço com o aumento demográfico nas cidades e conseqüentemente o aumento, também, dos números de óbitos, a questão ambiental que envolve o sepultamento de corpos passou a ser um problema urbano, de modo que ainda é possível, por exemplo, ver resistências referente às regras de sepultamento impostas pelo CONAMA, em áreas rurais na qual ocorre enterros de pessoas em quintais ou na parte frontal da casa – jardim – sem nenhum tipo de preocupação ambiental. Portanto, a construção de cemitérios é uma questão urbana que possui relação com os processos de produção, estruturação e apropriação do espaço urbano.

As necrópoles, como o próprio nome denuncia e como seu próprio processo histórico revela é um equipamento essencialmente urbano. O cemitério é um “ente” do espaço urbano, pois não poderíamos, até então, conceber este sem a presença daquele, embora já existam outras maneiras mais ecologicamente sustentáveis de dar fim aos corpos, como, a cremação. Porém a essência urbana não é o “ser” do cemitério. Não é aquilo que dá sentido para este espaço. Ela se torna, ao mesmo tempo, um “ente” deste fenômeno. A essência particular que primeiro se apresenta. Ou seja, é um equipamento urbano necessário e por ser necessário deve fazer parte deste espaço. E isto, por si só, não é o suficiente para dar significado ou sentido para este fenômeno. A essência urbana explica somente a relevância desse objeto nas cidades.

Diante disso, farei aqui algumas considerações que entendo como importantes para o entendimento deste fenômeno, antes de chegarmos ao que concerne à ontologia fundamental dele. Desta forma, interessa-nos conhecer como são os cemitérios do século XXI

e como ocorre, atualmente, o processo de espacialidade neles. Além disso, por ter uma essência urbana reforçada... Para quais caminhos que este equipamento estaria se direcionando no contexto dos espaços urbanos contemporâneos?

Após as medidas higienistas do século XVIII que retirou o sepulcro das igrejas e transferiram os sepultamentos para ambientes extracitadinos começou o processo de espacialização dos cemitérios e com esse processo o aperfeiçoamento de técnicas funerárias e cemiteriais. Os cemitérios como conhecemos hoje se dividem entre: cemitérios do século XIX, que são aqueles de caráter monumental, que são mais comuns na cidade de Teresina; os cemitérios do século XX denominados de cemitérios parques jardins com características modernas e homogeneizantes; e os cemitérios do século XXI que são os chamados cemitérios verticais e que tentam otimizar o uso e ocupação dos espaços, especialmente, nas grandes cidades. Em Teresina ainda não é possível encontrar cemitérios verticais, mas devido à superlotação, em cemitérios como São José, já podemos presenciar gavetas funerárias acima do nível do solo, que lembram mais ou menos o significado de cemitérios verticais.

Enquanto que nos cemitérios do século XX já se evidencia a retirada de símbolos para que o espaço se torne, mais secular, pois o homem, cada vez mais tenta negar e fugir da morte, pois na pós-modernidade não há espaço para a morte, mas para os vivos - um pensamento que reflete também nas cidades contemporâneas - nos cemitérios do século XXI “a morte é intensamente laicizada e sua relação com a religião sofre um enfraquecimento significativo” (THOMPSON, 2015, p. 10). Assim, é impossível compreender como ocorre o processo de espacialização e edificações de cemitérios sem apreender a relação entre o homem e a morte no atual espaço-tempo em que vivemos. “Para entender como os espaços cemiteriais se organizam é fundamental também a compreensão de como a morte é apreendida culturalmente” (SANTOS, 2015, p. 36).

A sociedade é agente do seu próprio espaço. É ela quem estabelece objetos técnicos, sejam eles coletivos ou não. O espaço é formado por esses objetos técnicos, somados às relações existentes entre a sociedade e seu meio, o que denominamos de espacialidade. (SANTOS 2008). Destaco, portanto, que para compreender como aparecem os cemitérios do século XXI, temos que nos voltar para o entendimento de espacialidade entre a sociedade e este fenômeno. No que concerne ao processo de espacialidade nestes espaços, o que parece é que aos poucos o homem vem se distanciando deles. Segundo Thompson (2015) ao morto, agora, resta o esquecimento de sua alma.

No entanto, Ariès (1977) pondera, ao explicar que as relações ou os comportamentos do homem diante da morte sofrem alterações lentas, compreendendo longos

períodos de imobilidades. Este processo é decorrente da essência cultural e religiosa que concebe este fenômeno como um espaço sagrado, criando nele raízes fortes de costumes e crenças. Assim, não podemos afirmar com veemência que a morte está perdendo espaço para vida ou que os cemitérios tendem a desaparecer, no tempo e no espaço, devido às novas técnicas que dão um destino final aos corpos de maneira mais adequada ao meio ambiente, como a cremação. Os vínculos que existem entre o homem e a morte no século XXI parecem, ainda, muito confusos.

Pode-se dizer que é contraditória a condição contemporânea da morte no contexto ocidental: ao mesmo tempo em que se encontra tão “escancarada”, por sua presença constante nos meios de comunicação e violência no dia a dia das metrópoles, é tida como um tema **interdito**. (grifo nosso). (SANTOS, 2015, p. 36).

Santos (2015), ao afirmar que a morte na atualidade é um tema interdito refere-se que, embora nos deparemos constantemente com a morte de desconhecidos, ela é uma questão banida dos grandes centros urbanos. Com os avanços tecnológicos nas ciências médicas que buscam a cura de doenças e a longevidade, morrer se torna um fracasso da medicina, e não mais uma característica natural dos seres vivos.

Além disso, nas grandes cidades é possível presenciar um novo fenômeno chamado de “espetacularização da morte” no qual os ritos fúnebres tornam-se mercadorias. Ou seja, já existe neste século uma indústria funerária a todo vapor que tenta mudar as concepções de morte e do morrer:

No Brasil, alguns destes aspectos são encontrados em diferentes escalas. Os espaços para velório são uma realidade comum. Dentre estes, há exemplos de empreendimentos luxuosos e exclusivos como o “Funeral Home”, na cidade de São Paulo, onde à moda estadunidense, as pessoas têm um espaço velatório e também de recepção para os enlutados com serviço de *buffet*. Até o tradicional doce de casamentos chamados “bem-casados” ganhou uma versão para o funeral, o “bem velado” para ser distribuído em tais ocasiões. Segundo reportagem datada de 2008, uma cerimônia no local poderia chegar até o valor de R\$ 40 mil. A “última festa” estão seria um reflexo do modo de ser que o falecido levava em vida, com comemorações cercadas de luxo e objetos refinados, de alto custo. (SANTOS, 2015, P. 41).

As novas concepções de morte delineada pelo capital e exemplificada por Santos (2015) não são de todas esvaziadas de sentido. Não significa que, por exemplo, a dor do luto esteja mudando, mas, sem dúvida, a forma como a sociedade tende a lidar com o luto, aos poucos, vem se transformando. O capital, talvez, pode propiciar uma amenidade ou eufemize os processos de perda, especialmente, quando se trata de uma perda trágica.

Para falar dos cemitérios do século XXI e da espacialidade entre a sociedade e estes espaços, bem como os comportamentos do homem diante da morte, deve-se considerar

as contradições que permeiam os espaços urbanos nos dias de hoje. Ao mesmo tempo em que há uma negação da morte, há a sua banalização no dia a dia das grandes cidades, especialmente, quando assistimos aos noticiários (MORIN, 1988). Ainda que os novos cemitérios passem a ser espaços laicizados e secularizados, dando lugar para a natureza e afastando a arte tumular, que é algo que lembra a morte, seria impossível interditar a morte por completo, pois ela deve ser vista como um fato e não como um problema.

Quanto às suntuosas cerimônias fúnebres que tentam “amenizar” a dor do luto, estas parecem se aproximar de algo parecido com os antigos rituais litúrgicos cristãos do século XV no qual era a Igreja Católica quem guiava as cerimônias fúnebres por meio de um manual chamado *Ars Moriendi* que tinha o objetivo de preparar os cristãos para a “boa morte”.

A ideia é parecida com as cerimônias atuais, entretanto obedecendo ao contexto de cada época. Portanto, existiria realmente um afastamento, ou uma negação da morte na contemporaneidade? Pelas evidências, ainda que pareça confusa e contraditória, a contemporaneidade tende a se reaproximar dos antigos costumes, claro, com as características particulares de sua época. Ressalto que esta negação da morte e as concepções de homogeneização dos espaços são atitudes oriundas da modernidade, que foram intensificadas por um bom tempo, e que atualmente o homem parece despertar de um “sonho e/ou pesadelo” que o deixou desorientado no tempo e no espaço.

Decidi dedicar uma parte desse texto para a compreensão dos cemitérios nos espaços urbanos contemporâneos uma vez que vimos que a essência urbana foi a única que se destacara nos três espaços cemiteriais. No entanto, como afirmei anteriormente, embora essa essência ou *ente* faça parte desse fenômeno dando a ele uma das características fundamentais para o entendimento daquilo que presenciamos nas descrições bem como nas análises das essências particulares, ela não é a essência universal deste espaço.

Para compreender ou encontrar a essência universal deste fenômeno é preciso voltar a suas origens ou “às coisas mesmas”, portanto, vamos, aqui, apreendê-los a partir da sua forma original, ou seja, voltar para aquilo que existia antes dos cemitérios se tornarem o que são hoje. Isto nos leva à concepção de túmulos ou sepulturas e, especialmente, os enterros, pois este último veio primeiro.

Segundo Araújo (2015) túmulo é:

Toda e qualquer obra arquitetônica, dentro ou fora do cemitério, ao qual repousa o cadáver, ossos ou restos mortais de um ou mais indivíduos. Através do estudo da origem histórica dos cemitérios, verificamos que a humanidade se preocupa desde a pré-história com o destino que terá o corpo

morto, e, dessa forma, começam a enterrar seus defuntos em locais específicos, para o descanso final. (p.39).

Após conceituar túmulo, Araújo evidencia que estudos apontaram que antes dos túmulos, já existiam os enterros na pré-história, que demonstrava por parte do homem um esforço e cuidado com o corpo morto. Os principais indícios apontam para uma de nossas linhagens, os neandertais, que já tinham o costume de enterrar ou depositar restos mortais dos seus pares em cavernas:

On August 3, 1908, the Bouyssonie brothers discovered a nearly complete Neandertal skeleton (LCS1) in a pit dug within the deposits of the bouffia Bonneval. For the first time, the hypothesis of the possible existence of intentional burials, and, therefore, symbolic capacities in an Upper Pleistocene human group other than anatomically modern humans, was clearly raised. (RENDU, 2014, n.p.)

Segundo o artigo publicado pela revista *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States Of America* (PNAS), os neandertais possuíam as capacidades cognitivas e simbólicas necessárias para sepultar intencionalmente os seus mortos. Logo, esta é a principal prova que mostra que os espaços da morte, ou os locais de enterros de entes queridos foram, provavelmente, os primeiros espaços produzidos pelo homem, haja vista que o homem neandertal era nômade, o que nos leva a crer que as primeiras raízes que firmavam o homem à terra fora em decorrência da morte, como já mencionei anteriormente (Ver p. 93).

A morte, portanto, tenha sido um dos primeiros fenômenos que estabeleceu uma relação fixa entre o homem e o espaço, pois de acordo com Rendu (2014), indícios apontam que os neandertais retornavam para os locais de enterro com a intenção de realizar algum ritual sagrado. Morin lembra que: “não existe nenhum grupo arcaico, por mais primitivo que seja, que abandone seus mortos ou os abandone sem ritos”. (MORIN, 1988, p. 25).

A sacralidade que existe entorno dos espaços da morte parece ser outro fator preponderante para o encontro da essência universal. A preocupação do homem para com seus mortos demonstra ser algo que vai além da razão, uma vez que antes mesmo de compreender a morte, já que na era primitiva não existia nenhuma explicação científica que o orientasse ou respondesse ao porquê da perda da vida, acreditava-se e via-se que um corpo sem vida se encontraria em um outro estágio da natureza. Além de se encontrar num outro estágio, criam-se que os mortos tinham as mesmas necessidades que os vivos, pois, com as escavações, foi possível encontrar indícios que comprovam que nas sepulturas dos mortos havia quase sempre comida, água, algo que parecia ser um manto e etc., ou seja, existia um ritual antes de se “desfazer” do corpo, e existia também, antes mesmo das grandes religiões se firmarem, a crença na vida após a morte.

Os cuidados que os egípcios tinham para com seus mortos é um comportamento peculiar que revela a crença na “vida após a morte”, na Antiguidade. Esses cuidados eram expressos através dos processos de mumificação, que contribuíam para a conservação do corpo, de modo que, dessa forma, segundo eles, o morto poderia retornar à “vida”, já que o estado do seu corpo permanecia quase que inalterado. Além da mumificação, os faraós eram sepultados em grandes templos, as pirâmides. Saliento que a cultura egípcia é uma fonte riquíssima quanto aos cuidados e rituais fúnebres, que influenciou, inclusive, os costumes ocidentais.

Desde a antiguidade que a morte é um fato emblemático para o homem. Sabemos as causas da morte, mas não sabemos o que existe depois dela. Para os que ficam a vida continua, e para os que morrem? O que acontece? A vida continua num outro espaço? Quando o homem não consegue explicar algo por meio da razão e da ciência, passa a desenvolver crenças e misticismo. Para desenvolver crenças e misticismo é necessário refletir ou meditar sobre... Isto é o que leva a uma sacralidade nas ações humanas diante da morte ou aquilo que chamamos de fé.

Durante o decorrer da história o homem busca a eternidade. Na antiguidade, imaginava-se que o morto permanecia convivendo com os vivos e vivendo sobre a Terra (COULANGES, 2006). O homem vive como se fosse eterno, de modo que morrer parece algo inaceitável para o indivíduo. Ora, se a morte existe há tanto tempo, e ela se dá a partir da vida, por que nunca nos acostumamos com ela? Isto estaria relacionado à própria natureza humana. Esta natureza é a espécie humana, que, como todas as outras espécies evoluídas, vive da morte de seus indivíduos e com isso se conscientiza que também é um ser mortal; o que gera uma inadaptação íntima do indivíduo humano a sua própria espécie. (MORIN, 1988)

O homem não se adapta à morte, e como forma de consolo para aqueles que perdem um ente querido, foram desenvolvidas crenças, costumes e rituais em diversas culturas. É nesse contexto que surge a religião, e as doutrinas, como meio a partir do qual se possa encontrar amparo nesses momentos de difícil aceitação diante do cenário da morte. A morte, na era primitiva e na Antiguidade, envolvia rituais que surgiram antes mesmo das religiões se firmarem como doutrinas e manifestações culturais. Desse modo, constatamos que as religiões e doutrinas que fazem parte da história da humanidade nascem dos rituais primitivos que o homem realizava em exaltação à natureza e ao “morto”.

A relação do indivíduo com a morte, que existia na era primitiva e na antiguidade, era de veneração e adoração ao corpo falecido. Sem compreender a morte, o indivíduo que se encontrava de luto oferecia ao seu morto sacrifícios e oferendas. Acreditava-

se que o morto ainda teria as mesmas necessidades que tinha em vida. Vestia-se o morto com roupas mais formais, colocavam-se sobre os túmulos grandes banquetes regados a vinho, matavam-se animais, e até mesmo pessoas, para oferecer como sacrifício. Acreditava-se ou acredita-se tão firmemente que ali onde o morto estaria enterrado vivia um homem, de tal modo que nunca deixavam/deixam de enterrar junto com o corpo desse morto os objetos que supostamente seriam e são necessários, como vestidos, vasos e armas.

Em muitos rituais, por exemplo, derramava-se vinho sobre o túmulo, para matar-lhe a sede e levava-lhe alimentos, para saciar-lhe a fome. — Degolavam-se cavalos e escravos, pensando que essas criaturas, sepultadas juntamente com os mortos, prestar-lhes-iam serviços dentro do túmulo, como o haviam feito durante a vida. (COULANGES, 2006.) Esses rituais passaram a ser realizados com mais frequência e se estabeleceram como uma regra para os vivos, ao passo em que foram transformados em costumes. Desses costumes surgiram os cultos. A palavra “culto” na sua terminologia grega significa serviços prestados a um ser superior, com isso podemos deduzir que o culto aos mortos foi um dos primeiros atos de adoração e veneração de que se tem registro.

Na antiguidade greco-romana, as relações sociais já eram intensificadas. Os cultos e seus rituais já se caracterizavam como manifestações sociais. Antes disso, acreditava-se na natureza inanimada como força divina. Com o desenrolar dos tempos, o homem passou a personificar essas forças. Surgem os deuses, para explicar aquilo que o homem não compreendia. Alguns deuses nasceriam após a morte deles mesmos. Na antiguidade, devido ao ato de adoração e culto aos mortos, acreditava-se que eles eram seres sagrados e divinos e que existiam num outro “mundo”. Para os gregos e os romanos, eles viviam no seu próprio túmulo, observando tudo o que acontecia no mundo dos vivos. Quando tudo ia mal, acreditava-se que era castigo dos mortos que não estavam satisfeitos por ser esquecidos pelos vivos. Imediatamente, tratavam de realizar cultos e rituais em exaltação a eles.

A adoração aos mortos e a transformação deles em seres sagrados, ainda pode ser observada nos dias de hoje. Como exemplo, podemos citar um caso típico que ocorre na cidade de Teresina, relacionado à adoração ao “Motorista Gregório”³, o que faz com que vários fiéis dirijam-se ao monumento que o homenageia, localizado na Avenida Marechal Castelo Branco, próximo às margens do rio Poty, para realizar suas preces e oferecer “litros de água”, em troca de milagres.

³ Jovem paraibano, que trabalhava como motorista na cidade de Barras, no Piauí. Segundo a história popular, Gregório, após atropelar e matar o filho do delegado da cidade, foi preso e torturado, passando por fome e sede durante três dias, em seguida foi trazido para Teresina, onde morreu às margens do rio Poty, com dois tiros na cabeça, disparados pelo delegado.

Assim, da morte surgem os deuses, e dos deuses surgem os cultos, que por sua vez necessitam ser “administrados”. Assim também nasce a figura dos sacerdotes, que se responsabilizarão pelo papel de elaborar leis e dogmas, segundo determinadas crenças, de modo que as crenças passam a se firmar como religiões “oficiais” de uma dada cultura. Entende-se aqui por religião um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos.

Diante deste exposto seria, portanto, a essência religiosa, ou num sentido mais amplo, a sacralidade o “ser” deste fenômeno. Esta, embora justifique o conjunto de crenças e simbolismos existentes neste espaço, bem como as relações entre eles, não é a que dá fundamento para que os espaços cemiteriais sejam o que são.

A essência religiosa ou a sacralidade só existem devido ao culto aos mortos e aos seus respectivos locais de referências, de modo que não significa que os rituais sagrados tenham surgidos antes desses espaços de referência ao morto ou aos mortos, mas sim, foram determinados por eles. Além disso, onde se encaixariam os ateus neste fenômeno? Seriam mortos cuja alma estaria predestinada ao esquecimento como nos disse Thompson (2015), haja vista ao ceticismo às crenças sobre-humanas? Ressalto que essas afirmações são com base nas análises a respeito das origens de rituais fúnebres, descritas acima.

A essência universal, portanto, transcende todas as essências particulares, especialmente aquelas que foram, aqui, tomadas como as que mais interessavam para o entendimento do significado deste espaço, como por exemplo, a urbana e a religiosa. Poderia, inclusive, aludir o “ser” deste fenômeno à essência cultural, haja vista, que se levarmos em consideração as concepções de Sauer (1996) a respeito de paisagem cultural, todo o espaço geográfico, bem como tudo o que existe nele, que fora modificado pelo homem, é fruto das ações humanas, por isso é cultural. No entanto seria limitar-se a este ponto e acomodar-se a este eixo.

Entretanto se pensarmos como o homem neandertal, que era um ser itinerante, ou seja, nômade, e não tinha estabelecido, até o momento, nenhuma crença ou superstição entorno da morte, tão pouco relações de fixação com o espaço; o que faria este homem a criar manifestações simbólicas expressas, por exemplo, por meio dos enterros de seus entes? Foi pensando nessa resposta que cheguei a um único motivo que, provavelmente, tenha levado o homem a ter o cuidado de enterrar seus mortos e conseqüentemente, com os avanços das técnicas e dos meios de produção, foram aperfeiçoadas com o tempo, adquirindo diversas formas e conteúdos. O que se apresenta como essência universal deste fenômeno são as

relações afetivas. É a relação de afeto que transcende todos os sentidos, e que esteve oculta no andamento dessa investigação.

Debater sobre a Geografia e as relações afetivas é desbravar uma dimensão de análise do espaço que ainda se encontra pouco acessível e que está longe de ser alcançada. Não há uma teoria específica deste fenômeno, embora já seja possível encontrar os termos; “Geografia do afeto” ou “Cartografias do afeto”. Estes termos, especialmente o primeiro é mais comum em investigações relacionadas área de abordagem da “Geografia e Literatura” nas quais relatam a forma como o espaço e as relações afetivas se dão nas descrições ficcionais. Algo parecido com o que fiz na seção 3 que trata das descrições dos cemitérios e de suas correlações com a obra “As cidades invisíveis” de Ítalo Calvino.

Embora não tenhamos um caminho já percorrido e desbravado - ou seja, embasamentos teóricos suficientes para explicar a essência universal deste fenômeno de maneira mais sólida - dou-me a liberdade de explicá-la, dentro das minhas limitações, o que venha a ser a “Geografia do afeto”.

Esta Geografia, em particular, está intrinsecamente relacionada ao lugar de vivências e memórias. Quando descrevo um lugar, a partir da minha percepção, no qual tive experiências com cargas emocionais e afetivas fortes posso transmitir ao leitor ou ao ouvinte sensações ou sentimentos parecidos, que ele reconhecerá em si mesmo. A geografia do afeto é resultante da relação dialética ente fatores internos presentes no *corpus* e externos presentes no espaço urbano. (ALMEIDA, 2011). É um espaço idealizado, até esteticamente, para dar identidade e que se encontra no campo imaginário do sujeito.

Há também uma relação dessa Geografia com o conceito de lugar. Como fora discutido na seção 2, que trata do aporte teórico-metodológico dessa dissertação, afirmei que não utilizaria a noção de “lugar” como conceito-chave desta pesquisa, uma vez que as experiências vividas foram realizadas em espaços que não me traziam memórias de cunho afetivo. Entretanto, num dos cemitérios - o São Judas Tadeu – a experiência que tive proporcionou sensações subjetivas que até então estavam guardadas, como por exemplo, a nostalgia que tive da infância que me remeteu às visitas que fazia com minha avó ao cemitério D. Bosco. Assim, embora não tenha sido meu lugar de vivências passadas, ele me trazia boas recordações, ou seja, despertava meu imaginário. Relembrando o conceito de “lugar” nas concepções de Holzer (1998); ele é visto a partir de uma escala afetiva, indefinida e diversa que permite uma apreensão intersubjetiva.

Nestas condições se discutirmos a respeito da Geografia do afeto temos que, necessariamente, nos remeter ao conceito de lugar, pois é ele que despertará as percepções e

apreensões intersubjetiva no sujeito. No entanto, como próprio Holzer (1998) afirma, lugar e espaço possuem o mesmo significado, dentro do campo das investigações socioespaciais. A utilização do conceito “lugar” serve mais para obedecer às formalidades teórico-conceituais e metodológicas que a ciência geográfica exige.

O lugar não é o único conceito da Geografia que pode explicar os espaços de vivências. Nesta pesquisa pude comprovar que embora os objetos de estudo não fizessem parte das minhas experiências passadas, tão pouco do meu cotidiano, eles despertavam sentimentos ou fatores de inquietação interna, ou seja, afluía minha subjetividade. Além disso, apesar de não estabelecer relações afetivas com os fenômenos – a Geografia do afeto -, pude, talvez, não senti-las, mas presenciá-las, especialmente nas manifestações culturais dos ritos fúnebres: o olhar vazio e sem fé de uma mãe sepultando seu recém-nascido no cemitério Santa Cruz; a cerimônia de sepultamento de um militar e toque fúnebre do clarim, no São Judas Tadeu, que excedia a sensibilidade de qualquer indivíduo e provocava arrepios; e, especialmente, a imagem de uma mulher sentada em uma cadeira, no Parque Jardim da Ressurreição, em frente à lápide do seu ente querido, olhando fixamente para o túmulo como se esperasse o retorno daquele morto à vida.

A imagem daquela mulher ainda está guardada na minha memória (Ver figura 38, p. 88). Ela é, talvez, o exemplo visível que mais se aproxima dessa Geografia do afeto que tento, aqui, explicar. O que prendia aquela mulher naquele espaço e, especificamente, naquele túmulo era nada mais que a relação de afeto e apego ao seu morto. Os túmulos significam um vínculo orgânico estabelecido com o espaço. Eles criam um lugar no imaginário do homem. Um ponto de referência no qual os neandertais, há milhares de anos, já esboçavam um simbolismo intencional em torno deles, que os faziam retornar até esses “espaços ou lugares de seus mortos”, em busca de uma orientação no sentido da vida. Ou seja, já era um “ponto fixo” (ELIADE, 1992), uma fundação ontológica do mundo, pois era/é ponto de encontro entre a vida e morte.

A respeito “da volta às origens” ontológicas do ser no mundo é curioso perceber por meio da urna funerária - que data de 360 anos atrás, encontrada na Serra da Capivara e exposta no Museu do Homem Americano (MHA), no Piauí – a relação entre nascimento (origem) e morte, uma vez que, simbolicamente, o esqueleto encontra-se numa posição fetal que lembra o início da vida. (Figura 40.)

Figura 40. Urna funerária com o esqueleto de uma criança encontrada na Serra da Capivara



Fonte: Queiroz (2011).

Falar sobre sentimentos, emoções, afetividades e correlacioná-las com o espaço geográfico não é uma tarefa fácil, entretanto não poderíamos imaginar o fenômeno em questão sem compreender a relação de afeto que existe entre o homem e o espaço do seu morto. Ressalto que, essa afetividade se dá concernente ao túmulo de um ente querido e não ao objeto “cemitério” – o todo -, de modo que as relações de afeto se estabelecem entre o homem e seu semelhante no espaço, ou seja, o que prende e criar fortes vínculos entre o indivíduo e os espaços da morte são as relações de afetividade com o outro. Em termos ontológicos o que determina esse fenômeno não é a morte em si, mas as relações de afeto que foram criadas com outros indivíduos, logo o **afeto** é o fator **determinante**, e o túmulo, bem como os cemitérios – **espaços cemiterias ou espaços da morte** - e todos os “entes” que os compõem são objetos **determinados**.

O “Estar-aí” é o cemitério no mundo. O “Ser-aí” são as relações afetivas humanas no mundo ou com o mundo (lugar), nesta pesquisa específica, os espaços da morte. A Geografia cumpre o papel do “Da” no *Dasain*, como já havia comentado, por meio da fala de Holzer (1998). Ela é o “aí”. O mundo no **ser-no-mundo** – expressão utilizada por Heidegger (2013). Portanto, os cemitérios, especialmente, os túmulos são os espaços materiais que consagram a extensão da vida de um ente querido. É, por sua vez, o espaço que transcende o

próprio espaço do homem – o espaço geográfico – sendo ele um “ponto fixo” no nosso imaginário que transporta o indivíduo para outro espaço que não conhecemos, porém, muitos de nós acreditamos devido à crenças determinadas pela incerteza que se tem do pós-vida.

Ressalto que, embora eu reconheça a relação afetiva como a essência universal deste fenômeno, pois é a que transcende todas as essências; existem outros comportamentos humanos que determinam esse espaço como, a dúvida que existe entorno da vida após a morte. Deste modo são as dimensões sociais e psicológicas da existência humana que determinam a materialidade do espaço e seus objetos.

O estudo da ontologia do espaço no contexto urbano é necessário para que possamos pensar a cidade a partir do nosso sentir e de nossas vivências imediatas, de maneira que tal análise possa nos fornecer suportes suficientes para construir espaços urbanos mais humanos, ou seja, pensando no homem. Entretanto muitos autores, como, Smith (1966) discordam da questão ontológica na geografia urbana, pois os problemas urbanos são mais uma questão política que ontológica; “a geografia urbana é uma busca por realidade (...) é uma declaração de como as coisas deveriam ser e um relato de como elas são” (p.262).

Se a geografia urbana é uma declaração e um relato de como as coisas deveriam ser e como elas são, questiono-me; como os geógrafos conseguem explicar fenômenos urbanos e solucionar problemas sem buscar aparato nas relações sociais e psicológicas das inquietações humanas, haja vista que são essas quem determinam o espaço? Que tipo de espaço urbano está sendo construído ou planejado por essa Geografia que ignora sua própria natureza humana?

Enquanto pensarmos dessa maneira, continuaremos apenas reproduzindo as cidades para atender, somente, fins estéticos aos olhos, e não às necessidades humanas. Ou seja, continuarão sendo espaços feitos para o consumo, pois as questões políticas, sozinhas, não conseguem planejar as cidades para o homem, uma vez que o próprio conceito de política, que temos em voga, advém de uma política conservadora preocupada em preservar o *status quo*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal refletir a respeito da contribuição da fenomenologia como mecanismo de investigação relacionada à geografia urbana visando à compreensão de sua dinâmica a partir da especificidade das necrópoles - Santa Cruz, São Judas Tadeu e Parque Jardim da Ressurreição - na cidade de Teresina-PI.

Para atingir este objetivo, procurei realizar uma síntese fenomenológica dos fenômenos de estudo elencados correlacionando com as descrições encontradas na obra "As cidades invisíveis" de Ítalo Calvino, uma vez que elas demonstram ser, dentro do campo da literatura ficcional um exemplo mais próximo do que seria uma descrição-fenomenológica do espaço.

A partir daí procurei listar as essências particulares ou os "entes" comuns aos fenômenos, bem como os principais componentes de interferência nestes espaços. Este foi, basicamente, o caminho percorrido para encontrar a essência universal dos cemitérios ou dos "espaços da morte". Aquela que sem ela se torna impossível compreendê-los no seu sentido mais amplo.

Durante as reflexões iniciais levantei alguns questionamentos para serem elucidados no decorrer desta investigação. As principais indagações foram: como vivemos os espaços cemiteriais na experiência urbana contemporânea? Qual morfologia urbana dos cemitérios estudados? Tais morfologias influenciariam no modo como se apresentam os fenômenos? Qual a essência ou quais as essências dos espaços cemiteriais? Quais componentes estariam destruindo ou contribuindo para a formação de determinadas essências, por exemplo, cultural, reflexiva e ambiental? E como a fenomenologia pode contribuir para o estudo do espaço urbano sob a óptica das necrópoles, bem como para futuras tomadas de decisões no planejamento da cidade? Essas perguntas fizeram parte do conjunto de reflexões que orientaram essa investigação.

Nesta perspectiva, no tocante as vivências nos espaços cemiteriais no contexto da geografia urbana contemporânea, essas foram o foco central desta pesquisa, de modo que busquei ter nas experiências uma alternativa, talvez a principal, para a construção do conhecimento. Ou seja, as experiências em detrimento de teorias científicas. Além disso, elas foram, aqui, tomadas como o procedimento inicial que deu suporte para a primeira etapa de investigação, que consistia em descrever os fenômenos a partir das vivências imediatas sentidas e pensadas. Aquilo que se denomina de uma "Geografia imaginária". Imaginária não no sentido de que só existem no campo das ideias, mas uma Geografia desenhada através de uma escala humana - próxima- e intuída por meio da imaginação, ou como a fenomenologia chama; variação imaginativa livre.

Diante disso, foi percebido que vivemos os espaços cemiteriais conforme o conteúdo e forma – morfologia urbana - na qual o fenômeno está inserido. Como os cemitérios escolhidos se encontravam em morfologias urbanas distintas, as experiências, também, foram sentidas e pensadas de formas diferentes. No cemitério Santa Cruz, por

exemplo, as percepções ficaram comprometidas devido ao componente “medo”, já no São Judas Tadeu todas as percepções foram afloradas, de tal forma que foi o fenômeno que mais me ajudou a entender o significado amplo de cemitérios. Quanto ao Parque Jardim da Ressurreição, algumas percepções se sobressaíram mais que outras especialmente, aquelas relacionadas ao caráter ambiental.

Ressalto que foi por meio das experiências nos espaços cemiteriais que cheguei às essências particulares ou os “entes”, que caracterizam o fenômeno, bem como a identificação dos principais componentes que influenciariam diretamente este espaço.

Um dos pontos que quero enfatizar, brevemente nestas últimas considerações, é concernente à relação entre os espaços cemiteriais e suas respectivas morfologias urbanas. Como vimos, as morfologias urbanas interferem no modo como vivenciamos o cotidiano dos cemitérios no contexto urbano contemporâneo. Ou seja, elas possuem relações diretas e de semelhanças com os objetos estudados.

Cabe lembrar que as morfologias urbanas dos fenômenos foram assim definidas: no cemitério São Judas Tadeu – área central e área especializada; no Santa Cruz – áreas sociais estabelecidas, especialmente, por grupos sociais excluídos; já no Parque Jardim da Ressurreição - um cruzamento entre áreas cristalizadas e áreas sociais estabelecidas, especialmente, por promotores imobiliário. Assim, no decorrer desta pesquisa se evidenciou que os fenômenos possuem paisagens parecidas às morfologias nas quais estão inseridos.

O cemitério Santa Cruz, por exemplo, mostrou uma organização de sepulturas similares com os recortes desordenados dos lotes ou terrenos da vila Santo Antônio. Além disso, a própria pavimentação das ruas deste cemitério era igual às ruas do seu entorno, bem como as sepulturas, embora pertençam à tipologia monumental, elas não se distinguem uma das outras que pudesse conferir-lhes identidade. Este processo de relação entre a paisagem cemiterial e as suas respectivas morfologias urbanas também se repetiu noutros dois fenômenos.

Encontrar as essências particulares ou os “entes” era um dos objetivos específicos desta dissertação, assim, foi possível chegar até elas por meio das descrições-fenomenológicas dos fenômenos. O critério para identificar as essências particulares foi catalogar, através da percepção e imaginação, tudo aquilo que dá as características fundamentais para o entendimento e/ou o sentido deste espaço. Dessa forma listei as seguintes essências particulares: urbana; ambiental, cultural, religiosa e reflexiva. Saliento que as essências foram analisadas conforme os temas dados para cada fenômeno, inspirados na obra de Calvino. Os temas foram: “O cemitério e o medo”; “o cemitério e a memória” e; o “cemitério contínuo”.

Esta ordem obedeceu, respectivamente, às descrições dos fenômenos na seção 3 deste trabalho. Logo, as essências não foram investigadas e analisadas separadamente, mas dentro do contexto na qual elas estavam inseridas.

As essências particulares foram aquelas bases comuns que apareciam ou desapareciam, bem como se repetiam nos fenômenos. Da mesma forma que a morfologia urbana interferia no modo como vivenciei os cemitérios, elas também influenciaram na maneira como as essências particulares se mostraram.

No que diz respeito aos componentes, diferentemente das essências particulares não precisei adotar um critério de escolha para classificá-los. Eles se identificaram no decorrer das experiências. Deste modo elenquei três componentes que influenciaram significativamente cada espaço: no cemitério Santa Cruz o componente era o medo; no São Judas Tadeu era o Estado; e no Parque Jardim da Ressurreição o componente era o capital.

No cemitério Santa Cruz o medo interferiu nas percepções do espaço, de modo que a essência reflexiva não foi encontrada, ou seja, este componente aos poucos vai destruindo as essências particulares deste fenômeno. Medidas públicas devem ser adotadas para que este componente seja retirado do espaço e substituído por outro ou outros. Por outro lado, no São Judas Tadeu, o Estado foi/é um componente fundamental para que todas as essências particulares aparecessem/apareçam como elas realmente são e na mesma intensidade. No que diz respeito ao Parque Jardim da Ressurreição o capital (componente particular deste fenômeno) interferia, especialmente, nas essências ambientais e culturais, de maneira que negativa, distorcendo a concepção de cemitérios que nós temos. No entanto, ressalto que quanto à essência religiosa, o capital parece contribuir para que ela seja compreendida no seu sentido amplo.

As investigações e análises das essências particulares, bem como dos componentes de interferência dos fenômenos foram o caminho que julguei necessário para chegar ao que de fato interessava para a última etapa desta pesquisa, que era encontrar a essência universal dos cemitérios/espacos da morte. Embora algumas essências particulares se repetissem nos três fenômenos estudados, dando a eles características fundamentais para o entendimento do que presenciei nos trabalhos de campo, elas não seria a essência universal deste espaço, porém dariam pistas para que se chegasse até ela.

Vimos que para encontrar a essência universal de um fenômeno, se fazia necessário estabelecer uma base de entendimento entre Geografia e ontologia. Assim foi por meio das vivências, das análises dos “entes” – essências particulares - desse espaço e, especialmente, da “volta às coisas mesmas” que o que estava oculto apareceu, transcendeu. A

essência universal deste fenômeno era/é as relações de afeto entre os homens no mundo, o ser-no-mundo. O afeto é o fator determinante para a existência desse fenômeno e os túmulos e cemitérios ou os demais *locus* da morte são “entes” determinados pelas as relações de afeto. Logo, posso inferir que os cemitérios, especialmente, os túmulos são os espaços materiais que consagram a extensão da vida. É, por sua vez, o espaço que transcende o próprio espaço do homem – criando na nossa imaginação a esperança, por meio das crenças ou fé, na existência de um outro espaço que não conhecemos em vida.

Por fim, como vimos os espaços cemiteriais estão aos poucos se degradando e perdendo seus valores simbólicos e sua identidade. Faz-se necessário ressignificar este fenômeno, criando espaços de resistência incorporando a riquezas de nossas vivências e experiências emocionais. Para planejar construir, reconstruir e ressignificar o cemitério se deve pensar nas relações afetivas entre os homens. Daí a importância de realizar estudos fenomenológicos, por sua vez, ontológicos, bem como desenvolver uma Geografia mais humana do que simplesmente técnica e teórica. Este estudo deixa uma porta aberta para que se possa pensar, por exemplo, numa “Geografia do afeto”, pois a ciência nunca terá o mesmo sentido que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou explicação dele. (MERLEAU-PONTY, 1999).

6. REFERÊNCIAS

ABEC. VIII **Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**. Religiões e religiosidades: práticas, visões e crenças diante da morte e do morrer. Florianópolis – SC. ANAIS. ISBN 978-85-92902-01-8. 2017.

A Escala Humana. Direção: Andreas Dalsgaard. **Produção:** Signe Byrge Sørensen. Dinamarca, 2012. Documentário (83 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zKFgt80DUwU>>. Acesso: 13 de setembro de 2018.

ALMEIDA, A. A. de. **A estética da cidade pela geografia do afeto na obra de Moacyr Scliar**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011. ISSN: 1982-3053.

ARAÚJO, Thiago N. de. **O que amamos não esquecemos**: um estudo teológico, identitário e cultural no sul do Brasil. Tese (Doutorado). Faculdade EST. Programa de Pós Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

ARIÈS, Philippe. 1982. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, Vol. II, 1982.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

BARRETO, Rogério. **O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação**. CADERNOS CURSO DE DOUTORAMENTO EM GEOGRAFIA FLUP | 2010. Disponível em < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8280.pdf> > Acesso em outubro de 2018.

BAUAB, K.C. LEME, R. C. B. **Análise Do Processo De Implementação De Cemitérios Na Zona Rural De** Francisco Beltrão – PR. Revista Perspectiva Geográfica. ISSN 1981 – 4801 UNIOESTE V.8, N.9 2013

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BELLOMO, Harry. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)** ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

BOTELHO, A. (2007). **O urbano em fragmentos**. A produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário. São Paulo, Anna Blume/Fapesp.

BURRUS, Daniel. MANN, John David. **O futuro como bom negócio**. Editora Campus. Ed-1. 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**. Novos escritos sobre a cidade. São Paulo, Contexto, 2004.

CAVALCANTI, Amanda, Cybelle. **Espaços livres públicos existentes na área urbana central de Garanhuns-PE**. Cidades Verdes, v.03, n.08, pp. 64-77. 2015.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 4ª ed , 2000.

CASANOVA, Marco Antônio. **Compreender Heidegger**. 4. ed. RJ: Vozes, 2013.

CASTRO, I. L. **Escala e Pesquisa na Geografia**. Problema ou solução? Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 4, N.1, p. 87-100, 2014.

CLAVAL, P. **Campo e perspectivas da geografia Cultural**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Geografia Cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 133 - 196.

COMBINATO, Denise Stefanoni. QUEIROZ, Marcos de Souza. **Morte: uma visão psicossocial**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2006, vol.11, n.2, pp.209-216. ISSN 1678-4669. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010> Acesso em: julho de 2018.

CONAMA **Conselho Nacional do Meio Ambiente**: Resolução nº 355/2003. Disponível em: < <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=359>> Acesso em setembro de 2017.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 1995.

COSTA, Maria Clelia Lustosa. **O discurso higienista definindo a cidade**. Mercator, Fortaleza, v. 12, n. 29, p. 51-67, set./dez. 2013.

COULANGES, N.-D. F. (1864) *“La Cité Antique - Étude sur Le Culte, Le Droit, Les Institutions de la Grèce et de Rome”* Paris: Hachette – Trad. Port. **A cidade antiga** – trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros – eBook Libris 2006.

CUPPER, Maria Terezinha da Rosa. **EDUCAÇÃO E CULTURA**: leitura do cemitério de São João Batista – Manaus/AM. Universidade Federal do Amazonas. Dissertação (Mestrado em Educação) 2009.

DE PAULA, Luiz Tiago. **Fenomenologia dos espaços públicos**: entre as certezas e inseguranças da experiência urbana. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade ; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAÇANHA, Antônio. C. **A evolução urbana de Teresina**: agentes, processos e formas espaciais na cidade. 1998. 188f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1998.

GIORGI, A. (1997). **Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas**: teoria, prática e avaliação. In j. Poupard. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. (p. 386-409) Petrópolis - RJ. Editora Vozes.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa ed. qualitativa em Ciências Sociais. 8ªed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

HARVEY, David. **O espaço como palavra-chave**. Revista GEOgraphia. Rio de Janeiro: UFF, v. 14, n. 28, p. 8 - 39, 2002.

_____. **A cidade e o urbano por David Harvey**. Jornal GGN "O jornal de todos os Brasis". 15 de fev de 2015. Entrevista concedida a Vicente Medel, Herijan, Fernandez e Nicolas Slachevsk. Tradução: Manuela Antunes. Disponível em <<https://jornalgggn.com.br/noticia/a-cidade-e-o-urbano-por-david-harvey>> Acesso em novembro de 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 8ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

HIPÓLITO, Paulo. **Uma breve história da morte**. Via internet, História e História Disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148> Acesso: 09 de jan. 2017.

HOLZER, Werther. **UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DA PAISAGEM E DO LUGAR: A CRÔNICA DOS VIAJANTES DO BRASIL NO SÉCULO XVI**. Universidade de São Paulo (USP) Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1998.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

ISMÉRIO, Clarisse. **Um outro olhar sobre os cemitérios**: Refletindo à arte cemiterial sob a perspectiva das pesquisas, ações, passeios e eventos culturais. Universidade Federal de Goiás Revista de Teoria da História, Volume 18, Número 2, Dezembro/2017.

KLAUSNER, A. **Father builds touching tombstone in memory of his disabled 11-year-old son.** Dailymail. 5 de agosto de 2014. Disponível em <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2716702/Father-builds-touching-tombstone-memory-disabled-11-year-old-son.html> Acesso em outubro de 2018.

KUBLER- ROSS, E. **“Sobre a morte e o morrer”**: 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A Re-produção das relações de produção.** (tradução da 1ª parte de La survie du capitalisme). Porto, Edições Escorpião, 1973.

LIMA, S. M. S. A. **Urbanização e crescimento populacional**: reflexões sobre a cidade de Teresina, Piauí. Revista Gaia Scientia. Volume 11(1): 31-51. 2017.

LYOTARD, R. L. **A fenomenologia.** Lisboa: Edições 70. 1967.

MARTINS, Élvio Rodrigues. **Geografia e ontologia**: o fundamento geográfico do ser. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 21, pp. 33 - 51, 2007.

MENDES, Sara Toso. **Cemitério Municipal São Francisco de Assis – Florianópolis/SC**: o uso de um sistema de informação geográfica (sig) no auxílio à gestão pública. Florianópolis – SC. VIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. ANAIS. ISBN 978-85-92902-01-8. 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, S, J. **Horizonte Humanista e Fenomenologia na Geografia**: O Problema da Assimilação Humanista do Pensamento de Martin Heidegger. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2017.

MOREIRA, D, A. **O Método fenomenológico na Pesquisa** – São Paulo; Pioneira Thomson, 2002.

MORENO, A. R. **Descrição Fenomenológica e Descrição gramatical**: ideias para uma pragmática filosófica. Revista Olhar – ano 04, nº7, jul-dez. 2003.

MORIN, Edgar [1988], **O Homem e a Morte.** (Coleção “Biblioteca Universitária” n.º 19). Mem Martins, Publicações Europa-América, 2.ª edição.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História. Suas Origens Transformações e Perspectivas.** - 3a. Edição.-São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PACHECO, Alberto. **Meio ambiente & cemitérios.** 1º ed. São Paulo: SENAC, 2012. 192 p.

QUEIROZ, T. **Parque nacional Serra da Capivara**. Estadão. Blog; Um olhar sobre o mundo 24 de janeiro de 2011. Disponível em <https://internacional.estadao.com.br/blogs/olhar-sobre-o-mundo/parque-nacional-da-serra-da-capivara/> Acesso novembro de 2018.

REIS, João José. **A morte é uma festa: rituais fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RENDU, W. et al. **Evidence supporting an intentional Neandertal burial at La Chapelle-aux-Saints**. Journal PNAS. jan. de 2014. Disponível em <http://www.pnas.org/content/111/1/81> Acesso em novembro de 2018.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da Morte Necrópole da Vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa**. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

ROCHA, Lurdes Bertol. **Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral, v.4/5, p.67-79,2002/2003.

ROSA, Edna Teresinha Da. **A RELAÇÃO DAS ÁREAS DE CEMITÉRIOS COM O CRESCIMENTO URBANO**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2003.

RUSSEL, B. **Ensaio céltico**. Tradução; Maria Mota., Porto Alegre-RS. ED. L&PM. 2014.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita, MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços Livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife; Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SANTOS, A. S. **Morte e Paisagem: os jardins de memória do crematório municipal de São Paulo**. Dissertação (mestrado). FAUUSP. SP, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção** ed.4.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Manual de geografia urbana**, HUCITEC, São Paulo, 1981 (1ª edição: 1981).

_____. **A urbanização brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAUER, Carl O. **Geografia cultural**. Espaço e cultura. Rio de Janeiro, n. 3, dez. 1996.

SCHAFER, Murray R. **A afinção do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Unesp, 2011.

SEMPPLAN- **Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação**. Teresina – Perfil dos bairros. Teresina-PI. Prefeitura de Municipal de Teresina. 2018.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____ **Espaços culturais** : vivências, imaginações e representações / Angelo Serpa (org.) ; autores : Paul Claval.. [et al.] . - Salvador : EDUFBA, 2008.

SILVA, A. C. O. **Para uma Cartografia Imaginária**: Desfragmentação de “As Cidades Invisíveis” de Italo Calvino. Tese de Mestrado. Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Universidade do Minho, Escola de Arquitectura. Braga, Portugal. 2013.

SILVA, J.M. **Cultura e territorialidades urbanas** - uma abordagem da pequena cidade. Revista de História Regional 5(2):9-37. Inverno 2000.

SPIEGELBERG, Herbet. **The Phenomenologic Movement**. A Historical Introduction. The Hague: Martinus Nijhoff, 1975.

SOJA, E. W. **Geografia pós-moderna**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1993.

SOUZA, H. R. Vieira de. **Espaço cultural, espaço público**: estudo sobre as políticas culturais brasileiras e as relações de poder nos espaços Lagoa do Nado, Centro Cultural UFMG e Palácio das Artes. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole** – o medo generalizado e a militarização da questão urbana. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.

MÚSICA "*TAPS*" *performed in Arlington National Cemetery (summer and winter)*. The United States Army Band "Pershing's Own". Vídeo, Youtube, (3:02). 2014 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Bfe4TxvUOiw> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

THOMPSON, B. **Cemitérios verticais, espaços urbanos e meio ambiente**: o novo discurso científico universitário de incentivo à verticalização e cremação. Primeiros Estudos, São Paulo, nº 7 p. 7-27, 20015.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

_____ **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2011.

TURRA NETO, Nécio. **Geografia cultural, juventudes e ensino de geografia**: articulações possíveis. Revista Formação, n.20, volume 1,– p. 38 – 56. Ano 2013.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Brasília: MEC-RJ, 1972.

VAZ, Mariana Telles d’Utra. O som do silêncio: os cemitérios como territórios acústicos. Faculdade Caspér Líbero. 2015. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Mariana-Vaz-FCL2.pdf> Acesso em Outubro de 2018.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VON SIMSON, O. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. In: Faria Filho L.M. Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000.

VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginário na História: Fantasmas e Certezas nas Mentalidades Desde a Idade Média Até o Século XX**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WEBER, Max. **Conceitos e categorias da cidade**. In: Otávio Guilherme Velho (org.). O Fenômeno Urbano. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WHITACKER, A. M. MIYAZAKI, V. K. **O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana**. Apontamentos metodológicos. Estudos de caso em cidades médias latinoamericanas. Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo – SP, 2007. Disponível em <
<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Teoriaymetodo/Metodologicos/05.pdf>>